Universidade de São Paulo
Faculdade de Saúde Pública

SDA Kinship e a resposta à marginalização LGBT na Igreja Adventista do Sétimo Dia: uma etnografia das masculinidades rejeitadas

Josué de Castro Filho

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública para obtenção do título de Mestre em ciências.

Orientador: Prof. Dr. Rubens de Camargo Ferreira Adorno

São Paulo
2016

SDA Kinship e a resposta à marginalização LGBT na Igreja Adventista do Sétimo Dia: uma etnografia das masculinidades rejeitadas

Josué de Castro Filho

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo para obtenção de título de Mestre em Ciências.

Orientador: Prof. Dr. Rubens de Camargo Ferreira Adorno

Versão Original
São Paulo
2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação da Publicação
Biblioteca/CIR: Centro de Informação e Referência em Saúde Pública
Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

de Castro Filho, Josué
- SDA Kinship e a resposta à marginalização LGBT na Igreja Adventista do Sétimo Dia: uma etnografia das masculinidades rejeitadas / Josué de Castro Filho; orientador Rubens de Camargo Ferreira Adorno . -- São Paulo, 2016.
120 p.

Dissertação (Mestrado) -- Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, 2016.

1. Religião. 2. Gênero. 3. Homossexualidades. I. de Camargo Ferreira Adorno , Rubens , orient. II. Título.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, que junto comigo, pulam de alegria a cada realização alcançada.

AGRADECIMENTOS

Aos homens do grupo SDA Kinship, por me darem a oportunidade de estudá-los e mostrá-los ao mundo.

Aos meus amigos, por me darem forças para trilhar esta jornada.

Ao meu namorado, que além de ter me apoiado na produção da dissertação, me auxiliou em toda a revisão textual.

EPÍGRAFE

“Você pode cortar todas as flores, mas não pode impedir que venha a primavera.”

Pablo Neruda

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo explorar uma reação ao sofrimento gerado pela discriminação e exclusão social de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais numa igreja cristã protestante: a Igreja Adventista do Sétimo Dia. É uma pesquisa de caráter exploratório, realizada através da etnografia virtual de uma rede social digital chamada SDA KINSHIP, formada por membros e ex-membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia que têm alguma relação com a comunidade LGBT. Tem foco na descrição e análise da criação de espaços que permitem a expressão de masculinidades não hegemônicas que não são permitidas no espaço religioso. Esta investigação procurou interpretar o sofrimento social de sujeitos frente às masculinidades não hegemônicas e ações de resistência frente às relações de poder presentes num ambiente institucional que mantém discursos de exclusão e opressão social. Observou-se que a criação de um espaço de acolhimento promove a construção de um conceito de masculinidade que extrapola os limites da conduta masculina pregados nos meios tradicionais, e é concretizada por atos de solidariedade e aceitação da variabilidade do que pode ser o homem. A resposta ao sofrimento social observada foi a de resistências sutis, que se demonstram na simples existência, manutenção e permanência deste grupo acompanhando os passos da igreja pelas margens. Alguns laços de identidade em comum foram percebidos entre os grupos, sendo o grupo de estudo reprodutor de alguns discursos ainda que de forma mais aberta a aceitar o diferente. O corpo teve grande importância nas discussões sobre as masculinidades e foi o palco em que as ideologias sobre o gênero e sexualidade se confrontaram.

ABSTRACT

This study explored a response to the social suffering caused by discrimination and social exclusion of lesbian, gay, bisexual and transgender people in a Protestant Christian church: The Seventh-Day Adventist Church. It's an exploratory survey, made through a virtual ethnography of a digital social network called SDA KINSHIP, formed by members and former members of the Seventh-Day Adventist Church that have some relationship with the LGBT community. It focused on the description and analysis of a space that allows the expressions of non-hegemonic masculinities that are not allowed in the religious space. This research tried to interpret the social suffering felt by men with non-hegemonic masculinities and their resistance actions against power relations in an institutional environment that creates discourses of exclusion and social oppression. It was observed that the creation of a welcoming environment promotes the construction of a concept of masculinity that goes beyond the limits of the male behavior based on a traditional background, and is acted by behaviors of solidarity and acceptance of the male diversity. It was observed that their response to the social suffering relies on a subtle resistance, which is it's own existence, or it's survival moving along in the margins of the church's paths. Some identity bonds were seen between the groups, as SDA KINSHIP reproduces some ideas from the church in a more acceptant way. The male body had great importance in the discussions of masculinity and it was the place where the ideologies about gender and sexuality were confronted.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 9
1.1 AS MASCULINIDADES 9
1.2 O PARADIGMA BIOLÓGICO PARA A MASCULINIDADE 11
1.3 O PARADIGMA CONSTRUCIONISTA PARA A MASCULINIDADE 12
1.4 AS MASCULINIDADES NÃO HEGEMÔNICAS 15
1.4.1 Violência de Gênero 17
1.4.2 Violência Contra a Homossexualidade 21
1.5 A VISÃO DA MASCULINIDADE A PARTIR DE UMA INTERPRETAÇÃO CONSERVADORA DOS ESCRITOS BÍBLICOS 22
1.6 A VISÃO DA MASCULINIDADE A PARTIR DA PERSPECTIVA DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA 25
1.6.1 A Igreja Adventista do Sétimo Dia 25
1.6.2 Sexualidade e Gênero Dentro da IASD 31
1.6.3 IASD e o Sofrimento Social 39
1.6.4 Uma Reação à Homofobia na IASD 43
1.6.5 Norma Religiosa e Ethos Religioso – a Prática Religiosa Entre os Adventistas do Sétimo Dia 48
2. JUSTIFICATIVA 54
3. OBJETIVO 58
4. MÉTODO 59
5. RESULTADOS 64
5.1 APROXIMANDO-ME DO AMBIENTE 71
5.2 APROXIMANDO-ME DOS PARTICIPANTES 73
5.3 O DIA A DIA DO GRUPO 80
5.3.1 A Masculinidade nos Corpos 85
5.3.2 A Masculinidade na Performatividade 93
5.3.3 A Masculinidade na Vestimenta 99
5.3.4 O Sofrimento Social pela Rejeição da Masculinidade 101
6. DISCUSSÃO 104
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS 117
8. REFERÊNCIAS 120
9. ANEXOS 128

Anexo 1..... 128
Anexo 2..... 129
10. CURRÍCULO LATTES..... 130

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Ranking de membros da IASD no Brasil pelo IBGE – Censo Demográfico de 2010	Página 26
Tabela 2	Países com maior população Adventista no mundo	Página 27
Tabela 3	Publicações dos membros do grupo de maio de 2015 a janeiro de 2016	Página 82

1. INTRODUÇÃO

Dentre todos os desafios presentes no meu trabalho como psicólogo na atenção básica do Sistema Único de Saúde, em um lugar em que se apresentam as demandas de saúde mental, tenho presenciado questões que se relacionam ao campo dos estudos de gênero, com destaque para as masculinidades. Os atendimentos a meninos hostilizados em escolas públicas e particulares (sendo estas confessionais) por serem chamados de “efeminados”, os conflitos conjugais por conta das chamadas disfunções sexuais masculinas, a circulação e o uso dos serviços de saúde pelos homens numa frequência muito menor quando comparados às mulheres, o relacionamento homoafetivo em segredo por medo da retaliação social, o machismo rotineiramente observado, todas estas questões me levaram a escolher investigar masculinidades no âmbito da saúde pública.

A princípio, pensei em descrever a violência contra o menino “efeminado” nas escolas confessionais. Mas ao examinar o conceito de sofrimento social com o interesse pelas suas implicações quanto as mobilizações grupais frente a este sofrimento e também por meu histórico de vida se aproximar a este contexto de opressão/enfrentamento, decidi investigar um grupo de homens que, a partir de uma posição inferior imposta pela religião, escolheram ter uma atitude diferente da autopiedade ao olharem para suas masculinidades de formas distintas daquela que lhes foi pregada. A proposta desta investigação será apresentada a seguir.

1.1 AS MASCULINIDADES

Dentro do campo de estudos de gênero, o tema das masculinidades emerge a partir das performatividades atribuídas a homens como as formas ideais para a apresentação de suas figuras, suas características (tanto físicas quanto subjetivas), seus papéis e suas atribuições.

As primeiras percepções das masculinidades acontecem a partir das interações de uma pessoa com os outros sujeitos sociais através das manifestações e representações daquilo que é dito como masculino e daquilo que é dito como feminino. Desta maneira, ver o que os meninos fazem dita o que é de menino, e da mesma forma, ver como as meninas fazem o que fazem dita o que é das meninas.

Entretanto, dentro das próprias culturas e sociedades também ocorre algum índice de variabilidade das condutas (e diversidade na manifestação das condutas) tomadas pelos componentes destes agrupamentos de pessoas, o que demonstra que ainda que haja certo padrão de conduta pelos atores sociais, também existe o surgimento de diversidades de representação de conduta por outros atores sociais. Gagnon (2006) vai explorar esta questão da possibilidade da variabilidade das condutas nas culturas concentrando-se na observação da existência da diversidade nas condutas sexuais.

Portanto, a partir da possibilidade de haver variabilidade nas condutas humanas, deduz-se que há, também, a possibilidade de haver variabilidade na forma de expressar aquilo o que é representado como a masculinidade tanto dentro de uma cultura, como também entre as diferentes culturas.

> "Isso equivale afirmar que um sujeito masculino que vive na sociedade x é diferente do sujeito masculino que vive na sociedade y. A cultura de x é constituída por símbolos talvez similares, entretanto, diferentes de y. Esta lógica nos informa que as representações sociais da masculinidade estão estruturadas de acordo com a temporalidade e localidade dos sujeitos" (LEMOS, 2008, p.9).

Vale de Almeida (1995) em seu estudo etnográfico que se deu a partir da observação dos modos de vida e de sociabilidade dos homens da aldeia de Pardais, na região do Alentejo, em Portugal, trabalhou questões da identidade masculina e como ela se formava num contexto de trabalho da indústria do Mármore. O autor descreve que existem variadas formas que o masculino pode se apresentar, sendo que existe uma que é soberana às outras, que somente poucos chegam a alcançá-la e que domina os outros gêneros, chamada masculinidade hegemônica: "é uma variedade particular de masculinidade que subordina outras variedades" (p. 149).

Quando, entretanto, existe uma maneira de expressar a masculinidade diferente daquela esperada pela cultura que se vive e que é uma expressão

atribuída às condutas das mulheres, instaura-se um dilema: homens efeminados não se encaixam no grupo dos homens, porque não se portam como homens, nem no grupo das mulheres, porque eles não são biologicamente do sexo feminino. Em que grupo de seres humanos estes homens se encaixariam? Como, então, é possível falar sobre gênero somente pela diferenciação biológica? Existem somente dois tipos de seres humanos? Mas quão necessário é o ato de tipificar os seres humanos?

A partir deste problema, dois paradigmas teóricos foram desenvolvidos para responder estas questões. A seguir, eles serão apresentados em paralelo discorrendo brevemente sobre aquilo que se diz do que é do homem com aquilo que se julga da mulher (mas que é encontrado na forma de existir de alguns seres humanos biologicamente masculinos) a fim de elaborar mais a frente possíveis implicações desta diversidade em ambientes religiosos.

1.2 O PARADIGMA BIOLÓGICO PARA A MASCULINIDADE

A concepção do ser humano a partir de uma noção do binarismo de gênero, com base nas diferenças biológicas dos corpos masculino e feminino, trouxe aportes determinantes para a ciência, a educação, o mercado e as relações interpessoais. A partir deste paradigma, papéis sociais, emoções, escolhas, sensações, propósitos de vida, etc., surgem desde estas diferenças e são, portanto, antagônicos entre homens e mulheres, já que provém de biologias diferentes.

Sendo assim, as mulheres seriam consideradas o oposto da liderança, da dominação, da força e do poder, por serem estas características consideradas essencialmente – e biologicamente – masculinas (JIMENEZ & LEFÉVRE, 2004).

Todas as variações a estes parâmetros seriam então passíveis de correção, já que não fazem parte daquilo que naturalmente forma o homem ou a mulher, sendo elas consideradas anormalidades ou desvios do funcionamento

biológico sadio. A masculinidade normal teria uma maneira fixa de se apresentar, rejeitando-se outros tipos de performatividades não hegemônicas provindas de pessoas do sexo masculino (WEEKS, 1999).

Ser um homem “efeminado”, ou seja, com características e comportamentos considerados femininos, seria passível de um diagnóstico que apresentaria a partir de linhas psicológicas ou biológicas, a explicação do desvio de conduta normal para um ser humano do sexo biológico masculino. Por esta lógica, um homem homossexual também entraria no mesmo grupo de desvio de conduta, já que ele também está associado ao “universo feminino” por desejar sexualmente outros homens (o que seria uma conduta sexual “naturalmente” feminina). Da mesma maneira, tratamentos poderiam surgir frente a estas patologias para que se reestabelecesse a saúde física e mental de homens “efeminados” e homossexuais (DAVIDSON, 2009; HIRSHBEIN, 2010).

Havelock Ellis é citado por Jeffrey Weeks (1999) como um dos sexólogos que, vendo a necessidade de explicar um sentimento sexual contrário ao do heterossexual, criaria a ideia de um terceiro gênero para descrever um tipo distinto de pessoa com uma essência sexual diferente. Seriam os sexualmente invertidos. Ou seja, para explicar a sexualidade divergente da convencional, Ellis acreditava que deveria ser criada uma nova categoria de gênero e deduzir a emanação desta sexualidade a partir deste gênero.

Vê-se então por este paradigma, a não distinção entre os conceitos de gênero e de biologia, que, por conseguinte, fundamentariam a sexualidade da pessoa.

1.3 O PARADIGMA CONSTRUCIONISTA PARA A MASCULINIDADE

Em contrapartida, as ciências sociais, e mais recentemente os estudos antropológicos e de gênero com base em etnografias, estabeleceram uma crítica ao paradigma binário e biológico sobre gênero por descrever uma vasta

variabilidade nas definições de masculino e feminino entre as diferentes culturas, demonstrando que a diferença biológica entre os sexos não pode afirmar aspectos universais e essenciais à mulher ou ao homem. A partir desta ideia, se entende que “os significados simbólicos à categoria ‘mulher’ e ‘homem’ são socialmente construídos e não podem ser considerados naturais, fixos ou predeterminados” (MOORE, 1997, p. 114).

Marcel Mauss (2003) descreve como a sociedade adestra a seus membros os modos de exibir o corpo nas diversas atividades da vida, nos gestos, nos movimentos, nas posições, nas maneiras, etc. De acordo com o autor, cada sociedade tem seus hábitos próprios, e o ensinamento dado sobre como se comportar, o adestramento, é aprendido através da imitação. Ou seja, a performatividade não é natural, essencial; “talvez não exista ‘maneira natural’ no adulto” (p. 405).

As técnicas do corpo, tanto masculinas quanto femininas, para qualquer ação, são aprendidas de acordo com diversos fatores, tais como: quais são as características geográficas do local, qual é a posição social das pessoas envolvidas neste processo de adestramento, quais as condições que esta posição oferece, qual a relação que existe entre as pessoas que estão adestrando e as que estão sendo adestradas, como também qual a percepção de autoridade que o que está sendo adestrado tem sobre os outros.

> “A noção de educação podia sobrepor-se à de imitação. Pois há crianças, em particular, que têm faculdades de imitação muito grandes, outras muito pequenas, mas todas se submetem à mesma educação, de modo que podemos compreender a sequência dos encadeamentos. O que se passa é uma imitação prestigiosa. A criança, como o adulto, imita atos bem-sucedidos que ela viu ser efetuados por pessoas nas quais confia e que têm autoridade sobre ela. O ato se impõe de fora, do alto, mesmo um ato exclusivamente biológico, relativo ao corpo. O indivíduo assimila a série dos movimentos de que é composto o ato executado diante dele ou com ele pelos outros. É precisamente nessa noção de prestígio da pessoa que faz o ato ordenado, autorizado, provado, em relação ao indivíduo imitador, que se verifica todo o elemento social” (p. 405).

Por estar falando sobre os movimentos do corpo, o mesmo autor refere que a interação que acontece entre o fisiológico (biológico) com o sociológico e o psicológico é grande, sendo maior a interação sociológica do que a psicológica para o aparecimento das performatividades.

> “O que posso vos dizer é que vejo aqui os fatos psicológicos como engrenagens e que não os vejo como causas, exceto nos momentos de criação ou de reforma. Os casos de intenção, de posição de princípios, são raros. Os casos de adaptação são de natureza

> psicológica individual. Mas geralmente são comandados pela educação, e no mínimo pelas circunstâncias da vida em comum, do convívio. Por outro lado, há duas importantes questões na ordem do dia da psicologia – a da capacidade individual, da orientação técnica, e a da característica, da biotipologia – que podem contribuir para o breve levantamento que acabamos de fazer. [...] Aqui o etnólogo se depara com as grandes questões das possibilidades psíquicas desta e daquela raça, desta e daquela biologia, desse e daquele povo" (p. 421).

O autor acima também comenta que, assim como o adestramento para a montagem de uma máquina por exemplo, o ensino da norma social tem função de melhorar o rendimento humano num determinado contexto, sendo ela uma vez aceita pela sociedade, é então reproduzida através do adestramento dos que vão chegando a esta sociedade.

A partir dessas e outras contribuições, as ciências sociais tomaram o conceito de gênero como não mais baseado somente nas diferenças percebidas entre os sexos, mas também pelas formas de significar as relações de poder entre as pessoas (SCOTT, 1991).

As relações de poder deram espaço para estudos que possibilitaram uma análise da desigualdade social entre as pessoas: a desigualdade entre homens e mulheres, a desigualdade das mulheres entre si e a desigualdade dos homens entre si, contradizendo a ideia de que existem somente dois grupos opostos de seres humanos, em que cada grupo era composto de pessoas iguais entre si.

Vale de Almeida (1995) ressalta que a divisão das coisas e atividades entre homem e mulher, na estrutura do espaço, nas divisões interiores da casa, na organização do tempo, nas práticas tanto técnicas como rituais do corpo, nas posturas, nas formas de andar, nos gestos, nas maneiras, faz parecer que a diferença entre os gêneros esteja na biologia do masculino e feminino. Entretanto, ele mostra que é justamente a diferença de poder entre o homem e a mulher que possibilitou que o mais poderoso, o homem, postulasse a divisão das coisas e das atividades. Da mesma forma, o homem mais poderoso dentre o grupo de homens é quem postula os modos de vida adequados para a masculinidade da comunidade.

Estes estudos, então, mudaram a linguagem para descrever o gênero. No caso específico da masculinidade, que é o foco deste estudo, suas diversas expressões não são mais caracterizadas como normais ou anormais, mas sim como dominante – ou hegemônica – e dominadas – ou discriminadas (WELZER-LANG, 2001; CONNEL, 1987; VALE DE ALMEIDA, 1995).

O paradigma construcionista, contradizendo a concepção binária e biológica da humanidade, sugere que, já que os significados simbólicos e as características humanas são construções sociais e não estão atreladas a biologia dos entes, a sexualidade deve se separar tanto da biologia quanto da categoria gênero, para uma melhor análise dos termos e para negar a ideia de que a sexualidade provém do gênero (RUBIN, 1985).

Este paradigma denuncia que a concepção da sexualidade a partir de noções essencialistas (ou biológicas) negligencia a trajetória histórica pela qual as questões da sexualidade foram se construindo pela sociedade e, como dizia Foucault (2014), foram sendo reguladas e controladas a fim de administrar e cultivar a vida pelo que este autor chama de biopoder. Tal paradigma também denuncia a possível geração de um amplo espectro de discriminação contra as condutas que não acontecem de acordo com a corrente principal de condutas das pessoas.

> “A importância deste argumento é que ele questiona, fundamentalmente, a ideia de que a regulação social submete ao controle tipos pré-existentes de ser. O que, de fato, ocorre é que uma preocupação social generalizada com o controle da população faz surgir uma preocupação específica com tipos particulares de pessoas, que são simultaneamente evocadas e controladas dentro do complexo "poder-saber". Isso não quer dizer que a sexualidade feminina, a masturbação, o controle da natalidade ou a homossexualidade não existissem antes. O que isso quer dizer é que a especificação das pessoas através dessas características, a criação de ‘posições-de-sujeito’ ao redor dessas atividades, é um fenômeno histórico” (WEEKS, 1999, p. 36).

1.4 AS MASCULINIDADES NÃO HEGEMÔNICAS

Raewyn Connell (1987), ao discorrer sobre como as masculinidades são construídas, refere que são as relações de poder, juntamente com as relações de trabalho e com os padrões de ligação emocional numa sociedade, que moldam as diferenças entre os poucos homens que estão num nível de masculinidade hegemônica e os demais que se mantém numa posição subordinada.

De acordo com Vale de Almeida (1995), ao usarem a mesma linguagem que os dominantes, estes homens subalternizados reforçam seu lugar na sociedade e mantém a hierarquia social.

> "O dominado não dispõe, para pensar, de outra coisa que não os instrumentos de conhecimento que tem em comum com o dominador, e que mais não são do que a forma incorporada da relação de dominação. [...] É comum dizer que os homens (ou muitos homens) são vítimas da sua dominação. [...] A hegemonia é uma força de dominação em que o dominado participa da sua dominação, a hegemonia sendo como um foco que, ao iluminar uma certa zona, deixa as outras zonas na semiescuridão" (p. 151 e 155).

Connell e Messerschmidt (2013), ao revisarem o conceito de masculinidade hegemônica, fizeram algumas reformulações também com relação às questões das masculinidades não hegemônicas. Reconheceram que existe uma dinâmica das masculinidades, que faz com que transformações aconteçam ao longo do tempo, como também que há uma influência recíproca entre as masculinidades, tornando possível a mudança dos padrões de masculinidade hegemônica com a incorporação de elementos das outras masculinidades por causa de seus aportes e seus protestos.

A variabilidade da conduta (tanto sexual quanto não sexual) de algumas pessoas pode gerar desconforto nas outras que mantém seu comportamento de acordo com o tipo de conduta que a normatividade social tem como vigência numa localidade. Este desconforto pode permanecer mesmo que nenhum terceiro tenha suas integridades física e psicológica ameaçadas por preferências sexuais praticadas intimamente por um casal homossexual ou pelo menino que, ao falar, gesticula com as mãos com mais frequência que os outros meninos.

Este desconforto não se dá por interferir no cotidiano da vida destes pares, mas por gerar o que Gayle Rubin (1985) chama de pânico social, que supostamente desestabiliza a organização social e causa perigos de decadência moral ou degeneração da humanidade, tornando-a depravada e vil. Ao falar sobre esse tema, Weeks (1981) cita que "a sexualidade teve um papel muito importante nesse tipo de pânico, e os desviantes sexuais sempre foram em toda parte, os eternos bodes expiatórios" (p. 14).

A partir deste pânico social acima citado, serão apontados dois alvos importantes contra as masculinidades não hegemônicas. Um está intimamente voltado a forma diferente do homem se mostrar para o mundo e o outro está

relacionado a homossexualidade. Ainda que estes dois temas estejam interligados julga-se importante demarcá-los para que haja uma melhor compreensão da complexidade existente na opressão que as diferentes masculinidades sofrem nos distintos ambientes sociais. Enfatiza-se o peso do discurso sobre a performatividade masculina frente à sociedade, que torna o portador de uma performatividade diferente sofredor de ambas as violências: de uma suposta sexualidade não convencional, como também de um gênero inferior pela expressão de uma masculinidade não hegemônica.

1.4.1 Violência de Gênero

Por vezes, um observador pode julgar um homem inferior por identificar neste algumas formas de agir diferentes daquelas praticadas pelos demais homens, considerando tais ações mais próximas àquelas que ele crê que sejam de ordem das mulheres, como por exemplo, algumas maneiras de: parar num certo lugar, gesticular, emitir a voz, articular as vogais e consoantes das palavras, expressar emoções, virar o rosto, demonstrar afeto por colegas, verbalizar ideologias, etc. Assim, este observador aproximaria o homem “efeminado” a tudo o que seria supostamente do “universo feminino”, conceituando-o em uma categoria rebaixada de masculinidade que se aproxima aos patamares em que a mulher se encontra, naquilo que a teoria das relações de gênero denuncia sobre a opressão que a mulher – e aqui se incluem as masculinidades não hegemônicas – sofre perante a soberania da masculinidade hegemônica. Confunde-se o homem “efeminado” com a menina de maneira generalizada.

Para que se legitime a inadequação da conduta dita “afeminada”, algumas pessoas podem associar este jeito de agir a uma postura de imaturidade psicológica, desrespeito, irreverência, falta de seriedade, falta de convicção, falta de propriedade no discurso ou de desqualificação mesmo que o conteúdo da

comunicação seja adequado e esteja congruente às condições ambientais para seu surgimento (ASENCIO, 2011).

Um exemplo deste fato pode ser observado nas posturas requeridas nos diferentes ambientes sociais. Ambientes considerados sérios, como fóruns, programas jornalísticos de televisão, igrejas, apresentações formais, congressos científicos e cargos do alto escalão político, raramente toleram a conduta considerada afeminada por pessoas do sexo masculino. Entretanto, ambientes menos formais, como em peças e filmes de comédia, nos programas de entretenimento na televisão, nos circos e nas rodas de piadas, a conduta considerada afeminada de pessoas do sexo masculino é amplamente explorada e usada como material para se fazer rir.

Portanto, para demonstrar credibilidade e ganhar o respeito social, principalmente nos eventos e ambientes de circulação de assuntos que vão além do entretenimento, construiu-se uma maneira ideal de se comportar que exclui a espontaneidade, a criatividade e a variabilidade da habilidade de se comunicar, principalmente pela pessoa do sexo biológico masculino.

Na luta pela dignidade, pelo respeito social e pelos direitos como cidadão, críticas a esta conduta afeminada podem ter procedência dos próprios colegas homossexuais. Muitos homossexuais criticam gays “efeminados” e se distanciam das condutas destes gays para enfatizar sua identidade masculina, enfatizando suas similaridades com homens heterossexuais (ANNES e REDLIN, 2012). Modelos culturais de masculinidades reforçados pelos meios sociais podem ser reforçadas também em comunidades gays para que uma sociedade acostumada com a representação da masculinidade hegemônica consiga se apropriar mais facilmente à necessidade de respeitar o homossexual e de encontrar espaços dignos para sua mobilidade (ASENCIO, 2011). Natividade (2010) também ressaltou que mesmo em comunidades religiosas evangélicas inclusivas (que aceitam o público LGBT), existem maneiras mais adequadas como o homossexual deve se comportar para poder exercer o cristianismo, sendo “discreto e não efeminado” dois destes atributos.

Jimenez e Adorno (2009) também apontam que o estigma atribuído ao gay “efeminado” impede que outros atributos seus sejam percebidos, “inviabilizando o convívio e restringindo as possibilidades de movimento nas redes

sociais” (p. 355). Neste estudo, os autores descrevem como o tornar-se travesti pode servir como uma forma de conquistar uma autonomia sobre o corpo, e de conquistar uma valorização social antes não alcançada por conta da presença de estigmas como, por exemplo, ser um gay “efeminado”.

Desta maneira, além da estratificação social sugerida numa cultura em geral, poderia existir uma estratificação social dentro da subcultura homossexual que colocaria em níveis mais baixos aquele sujeito com condutas chamadas de afeminadas e em níveis mais elevados sujeitos com habilidades sociais que transcendem e rejeitam tais comportamentos a fim de poder falar em nome da homossexualidade de forma séria.

Gayle Rubin (1985) já tinha percebido estas dificuldades, entretanto ela faz menção somente à conduta sexual, e não à conduta afeminada. Ao citar que “os dissidentes eróticos se encaminham para funções que tem menos impacto nas mais importantes atividades sociais e na opinião púbica” (p. 160), ela não faz nenhuma diferença entre gays “efeminados” e gays não “efeminados”. A autora descreve que a discriminação contra os gays se demonstrava na dificuldade de encontrarem um trabalho em que conseguissem assumir sua sexualidade, tendo que fingir uma conduta sexual heteronormativa para garantirem a permanência no emprego; mas ao apresentar esta conduta disfarçada, ela não especifica como esta conduta sexual heteronormativa se mostraria publicamente. Assim, gays “efeminados” teriam então mais dificuldade em se sustentar e crescer na carreira de trabalho do que gays não “efeminados”.

A exclusão social relacionada ao gênero é justamente mais perceptível porque tem forte relação com a vida pública do homem “efeminado”, e não com sua vida privada, onde geralmente sua sexualidade é encontrada. Por exemplo, ainda que o homem chamado de “efeminado” possa se interessar por atividades que socialmente sejam consideradas do mundo masculino, como por exemplo, o futebol no Brasil, sua exclusão por agrupamentos masculinos pode ocorrer pelo julgamento de fraqueza, inadequação, e para não macular o time de futebol e inferiorizar o status social da turma com alguém de condutas diferentes (ALMEIDA e DA SILVA SOARES, 2012; BANDEIRA e SEFFNER, 2013). Por este espectro, meninos “efeminados” estariam fadados a se relacionar estritamente consigo

mesmos e com as meninas até que sua conduta fosse modificada e adequada para se socializarem com outros meninos do time.

De forma superficial e generalista, algumas pessoas podem dizer que a discriminação que os homens “efeminados” sofrem seria, então, a mesma que as mulheres sofrem pela dominação de gênero que os homens lhes impõem. Discuto esta forma de se analisar tal violência por dois aspectos. O primeiro está relacionado à conduta e o segundo ao corpo.

Sobre a conduta: tomemos o fato de que o homem que é chamado de “efeminado” sofre por conta de suas ações destoantes daquelas que são atribuídas a uma masculinidade supostamente ideal. Consideremos também que, a partir da teoria do construcionismo apresentado neste texto, algumas das meninas apresentam condutas que numa determinada cultura poderiam ser atribuídas a uma masculinidade supostamente ideal, fugindo das generalizações que teorias essencialistas fariam sobre a mulher, o homem e suas características universais. Desta maneira, se dizemos que o “efeminado” sofre da mesma maneira como a mulher sofre, generalizamos a conduta de todas as mulheres para poder equiparar as discriminações.

Para introduzir o argumento sobre o corpo, há que entender que, neste tópico, não estão sendo considerados os homens que se vestem com roupas que socialmente são consideradas do “universo feminino”. Tampouco será abordada a questão da travesti e da transexual assumidas verbalmente e visualmente.

Sobre o corpo: a violência que o homem “efeminado” sofre se torna complexa pela junção das informações que a conduta dele, seu corpo biológico e a cultura em que ele se encontra comunicam ao mesmo tempo. A opressão que ele sofre se encarna no não se parecer biologicamente com uma mulher. O fato de o comportamento dito “efeminado” vir de uma pessoa do sexo (biológico) masculino aumenta ainda mais a violência que ele sofre por trazer as confusões de gênero e de sexualidade.

Através de uma visão heteronormativa, ser “efeminado” é desrespeitar a superioridade do corpo masculino; é rebelar-se contra a dádiva de nascer homem. Ao contrário das mulheres consideradas masculinizadas, ou seja, que compartilham das condutas que são atribuídas aos homens, como a liderança, dominação, força, poder e violência (JIMENEZ & LEFÉVRE, 2004; COUTO *et al.*,

2006) e que assim buscam uma suposta ascendência de gênero, o menino “efeminado” é visto de forma decadente perante o observador opressor, porque ainda sendo homem, escolhe se portar como uma mulher. Ao invés de buscar manter-se nivelado, prefere denegrir-se às supostas rebaixadas e desvalorizadas condutas femininas.

1.4.2 Violência Contra a Homossexualidade

Gayle Rubin (1985) denuncia como a medicina e a psiquiatria, ao se apoderarem do discurso sobre a sexualidade, anteriormente de posse da religião, transformaram a chamada má conduta sexual (antes chamada de pecado sexual) em disfunção psicológica. O que era inadequado sexualmente passou de desobediência a Deus a inferioridade emocional, ou doença mental, ou desajuste de personalidade para que se legitimasse tal inadequação.

> “Eles tratam como equivalentes o masoquismo sexual e os padrões de personalidade autodestrutiva, o sadismo sexual e a agressão emocional, o homoerotismo e a imaturidade. Essas confusões terminológicas tornaram-se poderosos estereótipos que são aplicados indiscriminadamente a indivíduos com base em sua orientação sexual” (p. 152).

A mesma autora também cita que dependendo do discurso político e da legislação vigente sobre o sexo num país, a violência e a perseguição de pessoas com uma variação da atuação sexual são garantidas e validadas também em meios institucionais. Tal legislação influencia estes meios institucionais a lidar com essas pessoas de forma a mantê-las em piores condições de trabalho e maior probabilidade de exploração; a deixá-las mais suscetíveis a serem presas; a dificultar sua mobilidade, em portos de imigração, por exemplo; a impossibilitá-las de casar legalmente; a impossibilitá-las de gozar de direitos como herança, tributação e proteção a testemunhas; a impossibilitá-las de aquisição de direito de cidadania para parceiros estrangeiros; a incapacitá-las de exercer de forma adequada a maternidade ou paternidade; a incapacitá-las de exercer cargos de ensino; a dificultá-las ao encontro de um emprego; a impossibilitá-las de seguir a

carreira que escolheram; entre outras restrições. A legislação referente a sexo seria o instrumento de estratificação social e de perseguição erótica mais implacável.

A partir desta influência da legislação sobre as pessoas e suas condutas sexuais distintas, a autora explica como a sociedade é assim estratificada. Por conta de uma hierarquia de valor sexual, pessoas com práticas sexuais monogâmicas e heterossexuais são posicionadas em degraus mais elevados moralmente e assim se tornam dignas de respeito, sendo que, ao contrário, pessoas com práticas sexuais promíscuas e não heterossexuais são inferiorizadas e sua dignidade e merecimento de direitos humanos lhes são retirados. A autora chama, então, esta classificação de “estratificação sexual”, sendo ela o aparato para controlar e restringir as liberdades das pessoas que se tornariam vítimas fáceis e indefesas frente à sociedade.

1.5 A VISÃO DA MASCULINIDADE A PARTIR DE UMA INTERPRETAÇÃO CONSERVADORA DOS ESCRITOS BÍBLICOS

Geertz (1989) discorre que a religião pode ser considerada um sistema cultural, que delimita e dirige os costumes e as características de um grupo – ou aquilo que ele aponta que seria o *ethos* de um grupo.

> “Na crença e na prática religiosa, o *ethos* de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar o tipo de vida realmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão de mundo descreve, enquanto essa visão de mundo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como uma imagem de um estado de coisas verdadeiro, especialmente bem-arrumado para acomodar tal tipo de vida” (p. 67).

O autor também aponta que a crença e a prática religiosa também invocam “sentimentos morais e estéticos” (p. 67) como provas experimentais da sua verdade através principalmente dos símbolos religiosos.

Levando em consideração que a cultura é fundamental para a criação daquilo que se considera masculino, Ecco (2008) discorre que a supremacia

masculina ocorre a partir da concepção criada pela religião de que “Deus é um ser masculino, uma vez que falar de masculinidade pressupõe falar de objetividade, responsabilidade, tradição, potência, providência, virilidade, palavras que significam poder na inter-relação social de gênero” (p. 93 e 94).

Lemos (2008) discorre que a religião exerce grande peso para a manutenção de um conceito considerado adequado daquilo que é, ou que deve ser, o homem e o masculino, sendo considerada como determinante para a construção social dos modelos legais dos atributos do gênero masculino, e tão estruturante a esta temática quanto às questões de relações de classe, raça e etnia.

> “Tentar compreender a masculinidade sob o prisma da religião é perfeitamente possível e necessário, se considerarmos a influência histórica e social que a religião exerce sobre a realidade dos sujeitos” (p. 6)

Considerando principalmente as instituições de base cristã, Lemos (2008) demonstra que pela religião, só há duas formas de representação de gênero, ou masculino ou feminino, ou somos mulheres ou somos homens, sendo sempre condicionados a assumirmos um lado da moeda. O autor prossegue afirmando que a crença e a prática religiosa estruturam uma masculinidade adequada de forma a aproximar todo o homem que as seguem à divindade, sacralizando a masculinidade e consagrando as identidades de gênero como já dadas pelo divino. A supervalorização desta masculinidade se observa sempre que as figuras e ideias de Deus são demonstradas pela religião cristã.

> “A representação social da masculinidade relaciona-se intimamente com a religião. A própria ideia de deus é marcada pelos atributos físicos e subjetivos da masculinidade: força, autoridade, barba, cabelos grisalhos, potência, coragem etc. Deus jamais é representado (pinturas, discursos, práticas) enquanto um homem com características atribuídas às mulheres (emoção, doçura, afeto)” (p. 7).

Esta maneira de conceber a divindade, segundo este mesmo autor, aconteceu historicamente num processo de construção milenar que imprimiu no imaginário social (até mesmo no das mulheres) um deus que não poderia ter características femininas, ou afeminadas, de fragilidade, carinho, emoção, sensibilidade, para que este deus não fosse considerado fraco.

Ao contrário, a religião descreve que Deus também teria o atributo de provedor, que seria passado ao homem como qualidade legítima da masculinidade e que sustentaria sua hegemonia sobre a mulher. Esta concepção sustentaria os ideais burgueses de instituição familiar e contribuiria para que o homem adequado fosse, além daquele que sustenta financeiramente, o agente que mantém a moral e os bons costumes (LEMOS, 2008; ECCO, 2008).

> "A moral cristã encontrou na dominação masculina um instrumento importante para a manutenção da ordem, que só teria eficácia em sua perpetuação mediante a força, a coerção (atributos relegados aos homens) da instituição religiosa. Portanto, a associação entre religião e masculinidade contribuiu para a realização do ideal moderno da burguesia, que visava controlar e coibir distúrbios sociais, que desarticulassem esta estrutura racional de manutenção e evolução de uma sociedade perfeita. Esse ideal burguês de masculinidade colocou o homem enquanto agente unificador da instituição familiar, e encontrou na religião sua 'parceira mais fiel' " (LEMOS, 2008, p. 7).

Bourdieu (1999) declara que esta hegemonia masculina confere ao homem a capacidade de pautar o que é o feminino de forma a atribuir ao conceito a ausência da virilidade e do poder.

> "Ser, quando se trata de mulheres, é ser percebido pelo olhar masculino, ou por um olhar marcado pelas categorias masculinas. Dizer de uma mulher de poder que ela é 'muito feminina' não é mais que um modo particularmente sutil de negar-lhe qualquer direito a este atributo caracteristicamente masculino que é o poder'" (p. 118).

Desta maneira, o discurso religioso conservador desloca a mulher e os demais homens que demonstram uma masculinidade subalterna para as margens da sociedade, renegando-lhe os direitos, cultivando as desigualdades de gênero, perpetuando as violências e afirmando que estas pessoas são necessariamente os opostos dos homens que atuam de acordo com uma masculinidade hegemônica. Homens, estes, representantes de deus no céu, e os demais representantes do diabo na terra (LEMOS, 2008).

Não negligenciando as transformações sobre a temática de gênero que ocorrem atualmente com a sociedade, principalmente pela crise do conceito de família nuclear burguesa (monogâmica e heterossexual) e pelos movimentos sociais, o mesmo autor afirma que a religião também é influenciada por estas mudanças, mas também influencia essa sociedade de forma a constituir e manter as representações sociais que prega que sejam aceitáveis quanto à masculinidade. Desta maneira é constante a tensão que existe entre a mutabilidade das sociedades (que também trouxe o questionamento às verdades

absolutas) e a imutabilidade da religião e de seus dogmas sobre o homem e a masculinidade.

Este autor segue demonstrando que o homem que existe neste tenso contexto contemporâneo necessita ter uma performatividade que se aproxime ao ideal religioso de masculinidade para que receba a aceitação social, ainda que num grupo mais íntimo, a representação social masculina não prevaleça como identidade predominante. Desta maneira, muitas vezes o homem se encontra confuso, entre a cruz e a espada, por ter que atuar de acordo com o que lhe é pregado num contexto que não dá suporte para que esta performatividade aconteça: o desemprego é um destes contextos (JIMENEZ & LEFÉVRE, 2004).

> "Poderíamos deduzir que o sujeito masculino moderno está 'entre a cruz e a espada'. Se por um lado há um discurso bem definido pela religião para que ele se represente enquanto homem (casado, pai, financeiramente estável etc), por outro, a realidade desse homem que vive numa sociedade 'moderna' globalizada é a de um sujeito que não tem acesso a todas as características exigidas pela masculinidade hegemônica. Isso é capaz de gerar nos indivíduos uma crise identitária, a partir do que a sociedade espera que ele seja, e o que de fato ele é ou consegue ser" (LEMOS, 2008, p. 3).

1.6 A VISÃO DA MASCULINIDADE A PARTIR DA PERSPECTIVA DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

Observando como uma comunidade pode lidar de maneira opressiva com relação a diversidade de gênero e de sexualidade, foi escolhida uma instituição religiosa específica para ser estudada de forma aprofundada com o intuito de observar como o sofrimento social pode ocorrer dentro dela decorrente desta diversidade.

1.6.1 A Igreja Adventista do Sétimo Dia

A Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) é uma igreja cristã, organizada em 1863, com sede e origem nos Estados Unidos.

A situação atual da igreja tem sido de expansão, estando presente em 206 países, com mais de 17,5 milhões de membros espalhados pelo mundo, com 7.804 escolas e mais de 1,6 milhões de alunos, de acordo com os dados colhidos em seu site oficial www.adventistas.org.

De acordo com o censo demográfico de 2010 do IBGE, no Brasil a IASD possui 1.561.070 membros, sendo que o estado com o maior número de adventistas é o de São Paulo, com 263.019 membros, seguido da Bahia (159.533 membros), Pará (141.518 membros), Paraná (104.885 membros) e Maranhão (104.488 membros), como mostra a Tabela 1.

Ranking de membros da IASD no Brasil pelo IBGE – Censo Demográfico de 2010		
Posição	**Estado**	**Número de Membros**
1	São Paulo	263.019
2	Bahia	159.533
3	Para	141.518
4	Paraná	104.885
5	Maranhão	104.488
6	Amazonas	94.953
7	Minas Gerais	80.978
8	Rio Grande do Sul	70.514
9	Rio de Janeiro	61.918
10	Pernambuco	55.046
11	Espírito Santo	51.973
12	Santa Catarina	42.327
13	Mato Grosso	41.249
14	Goiás	40.594
15	Rondônia	39.971
16	Ceará	29.332

17	Mato Grosso do Sul	28.440
18	Alagoas	23.286
19	Sergipe	22.664
20	Distrito Federal	20.106
21	Tocantins	14.317
22	Rio Grande do Norte	13.734
23	Piauí	13.508
24	Paraíba	12.867
25	Roraima	11.889
26	Amapá	9.461
27	Acre	8.500

Entretanto, de acordo com o Adventist Church Management Sistem (2016), em seu relatório de 2015, naquele ano o Brasil teve uma diminuição no número de membros comparado aos dados do censo de 2010, contando com 1.447.470 membros. Estes dados apontam que o Brasil é o segundo país com o maior número de adventistas no mundo, num ranking em que a Índia fica em primeiro lugar, com 1.500.830 membros. Em terceiro vêm os Estados Unidos, seguidos da Zâmbia, Filipinas, Quênia, e outros, como apresentado na Tabela 2.

Países com maior população Adventista no mundo		
Colocação	**País**	**Membros**
1	Índia	1.500.830
2	Brasil	1.447.470
3	EUA	1.109.034
4	Zâmbia	903.326
5	Filipinas	872.267
6	Quênia	795.161
7	Zimbabue	766.079
8	México	681.345

9	Ruanda	604.110
10	República Democrática do Congo	498.421

A IASD é uma igreja cristã tradicional, não pentecostal, que se diferencia das outras igrejas cristãs principalmente por priorizar a guarda do sábado como dia de adoração a Deus e por focar sua pregação na crença do retorno literal, visível e pessoal de Jesus Cristo à Terra para salvar os seres humanos que acreditam nele e que seguem seus mandamentos.

Algumas peculiaridades desta instituição têm a ver com sua organização. Ligada a esta denominação não há igrejas independentes ou pastores que sejam formados por outros seminários que não os adventistas. A instituição se constitui num sistema hierarquizado em quatro níveis, sendo que cada nível se reporta ao seu nível superior.

Em primeiro nível vêm as igrejas. O agrupamento regional das igrejas é administrado por uma associação ou missão, que estão no segundo nível administrativo. Cada associação tem líderes que são escolhidos por membros das principais igrejas desta região.

Um grupo de associações ou missões num território se reporta a uma união, que forma o terceiro nível administrativo. Nesta, trabalham líderes que foram escolhidos por líderes das associações deste território.

Todo o conjunto de uniões mundiais é administrado pela associação geral, que constitui o quarto nível administrativo da IASD. Ela está representada em regiões determinadas por filiais chamadas divisões. Nestes locais trabalham líderes escolhidos pelos líderes das uniões.

De acordo com o Relatório Estatístico Anual de 2015 da IASD (http://documents.adventistarchives.org/Statistics/ASR/ASR2015.pdf), no mundo existem 13 divisões, sendo que o Brasil se encontra na Divisão Sul Americana. No Brasil, existem 8 uniões, 50 associações ou missões e 8.106 igrejas.

De forma vertical, a associação geral planeja e estabelece os projetos e programas anuais para que as igrejas, orientadas pelas uniões e associações, possam executá-las.

Todas as contribuições financeiras (ofertas e dízimos) e lucros dos órgãos da igreja são captados e redistribuídos, sendo que cada órgão também está ligado a um nível da instituição. Estes órgãos vão de canais de comunicação (televisão, rádio, etc.) a gravadoras, escolas, universidades, hospitais, clínicas, lojas, indústrias e editoras.

Todas as igrejas fazem seus cultos principais aos sábados, por ser este dia considerado o dia correto para a adoração a deus. A igreja considera a contagem dos dias da semana como nos costumes judaicos, estabelecendo-se o tempo de um dia contado a partir de um pôr do sol até o outro, e não da zero hora às 23h59m. Sendo assim, o sábado é considerado o tempo entre o pôr do sol da sexta-feira até o pôr do sol do sábado.

Neste período a IASD orienta que não sejam feitas atividades do dia a dia, como trabalhar, comprar, arrumar a casa, ou ir a locais que tirarão o foco na adoração a deus, mas sim fazer coisas que aproximarão o membro a deus ao congregar com outros membros da igreja e familiares, ao ir aos cultos, ao manter contato com a natureza e ao meditar e estudar a Bíblia. Outras reuniões na igreja podem acontecer em outros dias também, mas com outro objetivo específico.

A IASD se fundamenta em 28 doutrinas, que se pautam nas seguintes crenças:

- na literalidade da Bíblia;
- num deus único dividido em Deus Pai, Deus Filho e Espírito Santo, ou Trindade;
- na natureza pecaminosa do ser humano que necessitou da morte de Jesus para ser salvo do pecado;
- no conflito entre o bem e o mal, representados respectivamente por deus e pelo diabo;
- na mudança de comportamento do membro (de uma conduta incorreta para uma conduta correta de acordo com a instituição após a conversão) como prova de fé e obediência a Deus;
- na relação do membro com as programações da igreja e dela com sua comunidade;

- na necessidade da pregação e da evangelização para informar aqueles que ainda não conhecem o que são consideradas verdades bíblicas;

- no batismo de acordo com a reforma protestante (em sã consciência e por imersão);

- na santa ceia como cerimônia dada por deus para representar seu amor pela humanidade, com o uso da prática do lava pés pelos membros batizados entre si;

- na obediência dos 10 mandamentos (com ênfase da lembrança de se guardar o sábado);

- nos dízimos e nas ofertas como prova de fidelidade a deus;

- na crença de que há um santuário no céu e que ele é ministrado por Jesus em favor dos seres humanos;

- no casamento como instituição sagrada, pura, estabelecida por deus e formada por um homem e uma mulher que se prepararam e se guardaram sexualmente para se descobrirem sexualmente após o matrimônio;

- na percepção do corpo como sendo indissociável a alma, ou ao sopro de vida dado por deus, enfatizando-se a necessidade de cuidar do corpo como templo do Espírito Santo, sendo a morte um sono profundo do ser humano que espera a volta de Jesus à terra para seu juízo final;

- na segunda vinda de Jesus à terra, que servirá para condenar os incrédulos à morte eterna e para levar os crentes ao paraíso, transformando-os em seres eternos, puros e perfeitos, como também transformando a terra num lugar imaculado, para que Jesus e os seres humanos possam morar para sempre nela;

- nos dons espirituais para a pregação do evangelho e no dom de profecia.

Uma peculiaridade provinda destes dogmas da IASD tem a ver com o costume de pregar sobre a saúde do corpo como princípio para aproximar-se mais facilmente a deus. O corpo são auxiliaria as faculdades mentais a estarem mais abertas a deus através de uma espiritualidade racional.

A racionalidade é outra importante característica buscada pela IASD. Renega-se todo o tipo de transe ou prática que leve ao descontrole das

faculdades mentais para a adoração e o contato com deus. Até a hipnose foi e continua sendo contraindicada para seus membros como forma de tratamento.

Sendo assim, orienta-se sobre o cuidado do corpo com uma alimentação mais natural possível, sem o uso das carnes e derivados de animais, abstendo-se do uso de bebidas alcoólicas ou com cafeína, do uso de outras drogas, fazendo exercícios físicos, tomando sol, tomando dois litros de água por dia, respirando ar puro profundamente, descansando bem e tendo fé em deus. Estas orientações supostamente foram dadas por deus através de umas das visões tidas por Ellen Gold White sobre como deveria ser o relacionamento do povo escolhido por deus com ele.

Esta autora específica é peça fundamental para a IASD e será abordada a seguir como chave principal para a concepção da igreja sobre gênero e sexualidade.

1.6.2 Sexualidade e Gênero Dentro da IASD

Poder-se-ia destacar o cuidado do corpo a partir de uma concepção de naturalidade biológica, que também será verificada em relação à sexualidade, através das temperanças a eles prescritas.

Semelhantemente à maioria das igrejas cristãs, a IASD tem concepções tradicionais quanto à sexualidade, considerando o casamento entre um homem e uma mulher uma instituição sagrada, e caracterizando as outras expressões da sexualidade humana fora deste contexto, como imorais e pecaminosas (MEIRA, 2011; WITTSCHIEBE, 2007).

Criada na segunda metade do século XIX nos Estados Unidos, ainda hoje dissemina muitas das influências culturais de onde estava inserida naquele momento. Um discurso importante que hoje ainda proclama é o da sexualidade moral, saudável e não pecaminosa aos olhos de deus, tal como demonstrava Foucault sobre o dispositivo da sexualidade:

> “a partir do século XVIII ou do século XIX, entraram em atividade para suscitar os discursos sobre o sexo [...] a medicina, por intermédios das ‘doencas dos nervos’; em seguida, a

> psiquiatria, quando começa a procurar [...] a etiologia das doenças mentais [...], também a justiça penal, que por muito tempo ocupou-se da sexualidade, sobretudo sob forma de crimes 'crapulosos' e antinaturais, mas que aproximadamente na metade do século XIX se abriu a jurisdição miúda dos pequenos atentados, dos ultrajes de pouca monta, das perversões sem importância, enfim, todos esses controles sociais que se desenvolveram no final do século passado e filtram a sexualidade dos casais, dos pais e dos filhos, dos adolescentes perigosos e em perigo – tratando de proteger, preparar e prevenir..." (Foucault, 2014, p. 34).

Foucault (2014) continua explicando que a explosão discursiva do século XIX provocou um movimento centrípeto à monogamia heterossexual, superestimando-a e legislando sobre sexualidades periféricas, normatizando processos de desenvolvimento sexual e especificando indivíduos de acordo com suas patologias e perversões.

Mergulhada nesta cultura, a cosmovisão da Igreja Adventista do Sétimo Dia começou a ser divulgada por seus evangelistas e missionários. Viajando pelo mundo, os estudiosos proclamavam as descobertas que tinham encontrado ao consentirem nas novas interpretações da Bíblia. Essas novas interpretações tiveram base nos movimentos de reforma do cristianismo, com a forte influência de uma mulher chamada Ellen Gold White, que, além de fundadora da igreja, também é considerada pelos olhos da instituição, uma profetisa, tendo recebido, várias visões, orientações, inspirações e iluminações ditas como divinas.

Segundo o Centro de Pesquisas Ellen White (2016), a partir de todos esses acessos a deus, a profetisa escreveu 49 livros e 5 mil artigos. Destes, foram documentados mais de 150 livros compilados em inglês e 90 em português. Estes escritos dão diversas orientações sobre como devem ser os comportamentos e ações dos crentes frente às doutrinas sagradas, abordando diversos assuntos que concretizam e sustentam os princípios religiosos que são considerados agradáveis aos olhos de deus.

É importante ressaltar que a igreja somente considera o dom de profecia de Ellen Gold White porque ela foi testada por estudiosos da Bíblia de sua comunidade em sua época e suas visões e orientações foram validadas como fidedignas às suas interpretações das escrituras sagradas, corroborando e atestando a veracidade daquilo que lá está descrito. De acordo com a instituição, outras previsões de Ellen Gold White foram cumpridas, o que, de acordo com a igreja, atesta em favor da autora como possuidora do dom de profecia.

Até os tempos de hoje, nenhuma outra pessoa, desde a morte de Ellen Gold White, foi considerada profeta pela instituição por não ter se enquadrado nos critérios que a IASD afirma como provas bíblicas sobre um profeta.

Entre seus diversos conselhos, muito se escreveu sobre como os crentes em Jesus e membros da IASD deveriam se comportar. Veementemente, orienta-se que as pessoas solteiras não se engajem em relações sexuais, atendo-se a outras atividades que beneficiariam as habilidades mentais, físicas e espirituais, em cuidado e serviço aos menos favorecidos, em trabalhos de utilidade doméstica e pública, no cuidado da saúde, na recreação ao ar livre e na contemplação da natureza (WHITE, 2004b). Também se orienta que um casal seja formado por um homem e uma mulher fervorosos, que se encontrem por constante consulta a Deus em oração – sendo ambos os membros da mesma crença – que o namoro seja o espaço para o conhecimento íntimo, mas não sexual e que os membros do casal se casem virgens (WHITE, 2008).

Sempre em desacordo com a homossexualidade, Ellen Gold White fala da homossexualidade em termos de impureza sodomita e refere:

> "Nenhuma partícula de impureza sodomita escapará da ira de Deus por ocasião do juízo. Aqueles que não se arrependerem e não abandonarem toda impureza, cairão junto com os ímpios. Os que se tornarem membros da família real e constituírem o reino de Deus na Terra transformada haverão de ser santos, não pecadores" (WHITE, 2008, p. 119).

Seu discurso parte sempre de pressupostos onde há ou deve haver uma relação heterossexual monogâmica. A partir de então, algumas ideias são esboçadas sobre a masculinidade, como por exemplo, no trecho a seguir:

"Receba a jovem como companheiro vitalício tão somente ao que possua traços de caráter puros e varonis, que seja diligente, honesto e tenha aspirações, que ame e tema a Deus; [...] evitai os que são irreverentes" (WHITE, 2004a, p. 56).

Esta passagem demonstra alguns atributos ideais para uma moça buscar num homem. Ainda que não haja especificações com relação ao que sejam caracteres varonis, ressalta-se que não é adequado que homens sejam irreverentes. Questiona-se aqui o que seria irreverente aos olhos da autora, já que tampouco há um detalhamento com relação a como se concretize tal conceito. Anteriormente, citamos que performatividades não heteronormativas são por

vezes associadas à falta de seriedade, formas de se fazer graça e fazer gozações, o que também pode se aplicar ao que se diz quanto à irreverência. Exemplifica-se o que a autora diz sobre irreverência em outra passagem, clarificando aí que o controle das paixões deve ser um dos focos da varonilidade:

> "O pai deve estar à testa da família, não como um rapazote, um garoto indisciplinado, mas como um homem de caráter varonil, de paixões controladas. Deve ele obter educação em moral correta. Sua conduta na vida em família deve ser dirigida e restringida pelos princípios puros da Palavra de Deus. Então ele crescerá até à estatura de um homem em Cristo Jesus" (WHITE, 2004a, p. 194).

Outro aspecto importante que a igreja dá ao homem é que ele seja o líder da casa, o representante espiritual deste núcleo familiar que prestará contas a deus sobre o paradeiro da família no juízo final, conduzindo-a com atitudes que demonstrem sua masculinidade.

> "O marido e pai é a cabeça da família. [...] Todos os membros da família se centralizam no pai. Ele é o legislador, ilustrando na própria varonilidade as importantes virtudes: energia, integridade, honestidade, paciência, coragem, diligência e prestatividade. O pai é em certo sentido o sacerdote da família, apresentando ante o altar de Deus o sacrifício da manhã e da tarde. [...] O pai representa o Legislador divino em sua família. É colaborador de Deus, promovendo os graciosos desígnios de Deus e estabelecendo em seus filhos elevados princípios, os quais capacitam-nos a formar caráter puro e virtuoso, porque tem ocupado previamente a alma com aquilo que capacitará seus filhos a render obediência não somente a seus pais terrestres, mas também ao Pai celestial" (WHITE, 2004a, p. 192, 193).

É importante notar que as palavras "energia", "coragem", e "prestatividade" estão associadas nesta passagem como virtudes do homem e características a serem alcançadas. São atributos que convergem com aqueles que constantemente são associados à masculinidade no senso comum, como força, produção laboral, segurança, firmeza. Na verdade, a origem deste senso comum teve muita influência destes ambientes religiosos que reforçam tais ideais no homem. Aqueles que não demonstram tais atitudes vão contra as orientações divinas e são fortemente disciplinados, já que o homem deve honrar sua biologia.

Entretanto, esta passagem também incorpora outros atributos à masculinidade ideal que compõem o lado espiritual do homem: aquilo que o faz justo, moral, sacerdote e representante de deus na terra e da família perante deus. A paciência, a integridade e a honestidade tornam o homem mais sensível, sendo compassivo e buscando uma harmonia entre seus pares.

White (2004a) ainda refere que a autoridade masculina deve estar atrelada a humildade, e que sua virilidade se associa mais a aspectos de união do que a aspectos de superioridade.

> "Não é evidência de varonilidade demorar-se o esposo constantemente no fato de ser a cabeça da família. Ele não se faz mais varonil por exigir de sua esposa, a mãe de seus filhos, que aceite os seus planos como se eles fossem infalíveis. O Senhor constituiu o marido como a cabeça da mulher, para ser-lhe protetor, o laço de união da família, unindo os membros entre si" (p. 195).

Existem atividades claras com relação aos papéis de gênero dentro de uma família heterossexual, sendo da mulher o dever de cuidar da casa, educar os filhos e não de trazer sustento à casa, ou de trabalhar e trazer o sustento fora de casa: "o dever do pai para com seus filhos não pode ser transferido à mãe. Se ela cumpre o seu dever, já tem trabalho bastante. Unicamente trabalhando unidos podem pai e mãe dar desempenho à tarefa que Deus lhes pôs nas mãos" (p. 216).

Ainda assim, o homem deve promover o dever da mulher, não subestimado às atividades domésticas para manter o ideal de família, já que para que uma família tenha um desenvolvimento ideal, uma mulher deve estar motivada para cuidar da casa zelosamente. "A vida da mãe nas humildes ocupações domésticas é de constante sacrifício, tornando-se mais dura se o marido deixa de apreciar as dificuldades da posição da esposa e não lhe dá o seu apoio" (p. 198).

Em realidade, a autora tenta promover o respeito entre as duas partes e incentiva que o homem seja solidário e amável à mulher, fazendo com que ela se sinta importante e querida naquele patamar que lhe foi ordenado estar. Ele deve mostrar consideração pela esposa e ser afetuoso com ela, sendo calmo, voltando para casa com fisionomia leve e guiando mansamente a família ao caminho correto. Deve gastar tempo com os filhos, principalmente com os filhos homens: "não deve deixar seus inquietos rapazes inteiramente aos cuidados da mãe. Este é um fardo por demais pesado para ela" (p. 220). Não deve ser irritadiço, egoísta, mal-humorado, intolerante e dominador, mas sim auxiliador e sempre apoiador de sua mulher.

White (2004a) usa a ideia de igualdade em relação ao homem no sentido de importância e dignidade, ainda que o conceito não signifique igualdade de papéis ou atividades.

> "Quando homens casados vão para o trabalho, deixando suas esposas presidindo aos cuidados da casa, elas estão fazendo um serviço tão importante como o marido" (p. 213).

A autora segue, dizendo que no casamento, a mulher deve manter sua individualidade, sua personalidade sem ser acobertada pela figura do esposo. Mas esta autonomia está restrita principalmente em suas tarefas domésticas e no cuidado dos filhos.

> "A esposa e mãe não deve sacrificar sua força e permitir que fiquem inativas suas faculdades, dependendo inteiramente do esposo. Sua individualidade não pode imergir na dele. Ela deve sentir que é igual ao marido — deve estar ao seu lado, fiel no seu posto de dever e ele no seu. Sua obra na educação dos filhos é em todos os aspectos tão elevada e nobre como qualquer posição de honra que ele seja chamado a ocupar" (p. 210).

A autora usa o termo "rainha do lar" para se referir à mulher no casamento. Ela deve modelar o caráter dos filhos, para que estejam capacitados para uma vida mais alta após o retorno de Jesus e a transformação desta vida mortal para a vida imortal.

Tudo que é dito por Ellen Gold White tem por objetivo principal fazer cumprir os preceitos considerados espirituais para os seres humanos na terra. Supostamente, todas as orientações são fundamentadas no propósito de difundir estes planos divinos recebidos. Desta forma, prega-se que o propósito de vida dos homens e mulheres é chegar à plenitude existencial ao fazer a vontade deste deus. Deduz-se então, a partir desta ideologia, que existe uma performatividade correta para o homem, como também para a mulher, que trará ao ser humano um senso de realização pessoal, ou sentido de vida, que é provindo de Deus.

> "A mãe que alegremente assume os deveres que jazem diretamente em seu caminho sentirá que a vida para si é preciosa, porque Deus lhe deu uma obra a realizar" (p. 212).

Ellen Gold White foi peça fundamental na evangelização e pregação dos princípios da IASD no mundo. Em seu tempo não era usual que uma mulher tomasse frente (em qualquer âmbito) na liderança de algum projeto que não fosse o doméstico. É justamente isso que faz com que suas orientações quanto ao papel da mulher na sociedade sejam incongruentes a como ela mesma agiu durante toda a sua vida, viajando, discursando, liderando e escrevendo em prol da ideologia adventista.

Nos últimos anos, tal incongruência obteve maiores proporções porque a posição da igreja de não autorizar a ordenação de mulheres em cargos pastorais tem sido amplamente questionada por membros da IASD que são a favor de pastoras ministrando igrejas. Diversas vezes este assunto tem sido levantado e colocado em pauta para votação nas conferências gerais da igreja, sendo que cada vez mais o número de votos contrários às mulheres exercendo cargos pastorais têm diminuído. De acordo com a Revista Adventista (2016), na última conferência geral da IASD em 2015, 2.363 líderes mundiais votaram sobre a ordenação de mulheres como pastoras, sendo que 1.381 (58,4%) votaram “não” e 977 (41,3%) votaram “sim”. Esse dado pode prever uma mudança na forma como a igreja tolera a diversidade da performatividade dos gêneros no futuro, mas ainda demonstra como ela tem andado vagarosamente nas questões de gênero e de quebra de paradigma quanto ao comportamento ideal das pessoas.

Atualmente, para muitos dos membros da igreja, não é difícil manter um tipo de padrão comportamental, porque as formas de agir promovidas pela igreja vão de acordo com o que a sociedade ocidental foi ensinada por muito tempo. Mas para outros membros, manter uma performatividade heteronormativa nem sempre traz sentido para suas vidas, ainda que exista uma pressão social mais intensa dentro da igreja para que ela aconteça. Isso pode ser exemplificado pelos livros lançados nos dias de hoje sobre a conduta sexual adequada para homem, escritos por alguns estudiosos adventistas do comportamento humano.

Ronald M. Springett (2007), um teólogo Adventista, doutor em Novo Testamento Bíblico, que escreve especificamente sobre a homossexualidade num livro chamado “O Limite do Prazer” para a editora oficial da IASD no Brasil, faz um apanhado histórico sobre a homossexualidade nos textos do Antigo e do Novo Testamento bíblicos, com análises dos panoramas históricos, e conclui que em nenhum caso bíblico estudado de forma meticulosa existe margem para uma interpretação pró-homossexualidade, sendo que tais interpretações não são compatíveis com o contexto apresentado. Segundo ele, as práticas homossexuais eram condenadas na Bíblia por sua natureza ético-moral e não podem ser interpretadas como práticas ilícitas somente pelo contexto cultural apresentado. Desta maneira, o autor afirma que um ponto de vista mais liberal, quanto as práticas homossexuais, não pode ser aceito dentro do cristianismo. Caso a crença

adote tais perspectivas, perderá sua missão evangélica no mundo ao não se importar com a santificação do homem, que se constitui no retorno aos padrões morais da criação do mundo.

> "Os homossexuais precisam reconsiderar as passagens bíblicas no Antigo e do Novo Testamento que tratam do comportamento homossexual. As tentativas exegéticas e hermenêuticas de deslocar o claro significado dessas passagens ou a confiança demasiado ingênua da exegese e nos argumentos eruditos que apoiam opiniões homossexuais, não ajudarão em nada. Antes de fazer de outros seres humanos mestres de sua consciência, os homossexuais que convivem num contexto cristão precisam estudar as Escrituras por si mesmos. Só assim descobrirão que muita coisa que se diz em favor da homofilia são argumentos forçados, especulativos e improváveis, produto da ilusão de que uma coisa existe só porque gostaríamos que existisse e da tentativa de convencer alguém apresentando só os fatos favoráveis a seu argumento" (SPRINGETT, 2007, p. 215).

Tanto Springett (2007), quanto Meira (2011) e Wittschiebe (2007), ambiguamente discorrem sobre a necessidade da igreja de superar a homofobia, interessando-se compassivamente pelos homossexuais e compreendendo a culpa, a discriminação, a solidão, a rejeição, a desesperança e a dor que muitos deles sofrem.

Ainda assim, os autores são contra práticas homossexuais e sugerem que a Igreja Adventista do Sétimo Dia deve aceitar o homossexual para ajudá-lo a lutar contra as tendências de atração sexual por pessoas do mesmo sexo, não traindo sua herança bíblica e não cedendo a sociedade moderna, mas deve manter seus alicerces na autoridade das Escrituras Sagradas.

> "O relatório, publicado na edição de 21 de Maio de 1981, da *Adventist Review*, declarou: 'A igreja deve estender compaixão e compreensão aos homossexuais que estão buscando libertação, restauração e a graça redentora em Cristo. Ela deve demonstrar interesse, fazendo todo esforço para desenvolver um ministério que atenda às necessidades particulares deles. A igreja não pode aceitar a prática do homossexualismo nem garantir direitos iguais a tais indivíduos dentro da igreja. (WITTSCHIEBE, 2007, p. 85 e 86).

A heterossexualidade ou o celibato seriam as únicas formas aceitáveis de se viver numa cultura adventista, o que para muitas pessoas pode ser considerado cruel. Crueldade, esta, baseada no fato de que pessoas que se atraem afetiva e fisicamente por outras do mesmo sexo não teriam a possibilidade de amar e de compartilhar a vida com quem realmente gostariam.

1.6.3 IASD e o Sofrimento Social

De maneira contraditória, acolher o homossexual para transformá-lo pode gerar sofrimento social por ser uma forma velada de homofobia, como descrito por Natividade e Oliveira (2009a, 2009b). Ao discorrerem sobre a homofobia em discursos evangélicos conservadores, os autores analisam a forma como as igrejas evangélicas usam de diversos meios de comunicação para defender uma "heterossexualidade compulsória" em favor de uma libertação ou restauração do ser humano pecaminoso e citam uma forma de homofobia que chamam de "homofobia cordial". Este tipo de homofobia se difere daquela que agride verbal e fisicamente, mas de forma acolhedora, usa pessoas com uma determinada superioridade moral, como o pastor, por exemplo, para apoiar o homossexual que queira voluntariamente abandonar as práticas homossexuais.

> "Essas posturas pastorais de *acolhida* podem ser interpretadas como uma estratégia política higienista, que não atinge os sujeitos diretamente com a ameaça da morte, mas obstrui e antagoniza formas de exercício da vida consideradas indesejáveis. Diferem, deste modo, dos tipos de homofobia que se expressam por meio da agressão física e verbal – operando através de reforço e exagero da norma heterossexual, cujo efeito é a proliferação e a intensificação de discursos e práticas regulatórias que incidem sobre a diversidade sexual" (NATIVIDADE e OLIVEIRA, 2009a, p. 130).

Os mesmos autores também apontam como a religião não leva em consideração seu próprio papel de geradora de mal-estar, promovendo uma autopercepção de inferioridade que leva os homossexuais a quererem voluntariamente abandonar suas "opções sexuais". Ou seja, a religião não leva em consideração que os discursos que contém as expressões abominação, nojo, sujo, doença, anormal, pervertido, mórbido, obsceno, antinatural, promíscuo, perigoso, levam o público LGBT que tem contato com esses discursos a repensar e questionar seus desejos, suas opções sexuais, como também suas posições existenciais. Desta forma, a heterossexualidade teria em si mesma uma superioridade moral que faria com que pessoas com sentimentos homossexuais mantivessem seus afetos em segredo e quisessem ser transformados para saírem desta posição de imoralidade.

Veena Das (1999), discorrendo sobre como a crueldade e a violência podem ser culturalmente digeridas, apresenta que uma reação a esta violência é falta de palavras para descrevê-la. A autora relata como o tempo e as novas experiências podem reescrever e revisar a memória desta crueldade. Ela também afirma que “mesmo diante da violação, pede-se o reconhecimento da própria cultura, e ao mesmo tempo, reconhece-se esta cultura” (p. 37); ou seja, a cultura, no caso, não é aquilo que se quer combater. Ao contrário, a cultura é aquilo que se quer preservar. Neste sentido, em outros artigos (DAS, 1996 e 1997) a autora sugere que, por vezes, paga-se o preço deste sofrimento e desta dor para que se mantenha um sentimento de pertencimento, de identidade social.

É importante ressaltar neste momento características peculiares da IASD que exacerbam ainda mais isso que a autora diz sobre pertencimento e identidade. A igreja em questão, ainda que considerada protestante, tem alguns rituais e tradições que vigorosamente a distinguem das outras igrejas. Tradições estas que, muitas vezes, deixam seus membros ainda mais aglutinados entre si e isolados dos outros.

Citamos alguns exemplos: não lidar com dinheiro, trabalho e entretenimento rotineiro no sábado; não se relacionar afetivamente com pessoas de ideologias religiosas diferentes; não ir a cinemas, teatros, circos, estádios de futebol; acreditar que suas crenças são aquelas que levarão o povo santo e escolhido de Deus para a eternidade; perceber o corpo como templo do Espírito Santo, tendo hábitos alimentares que abstenham-se de drogas e que considerem o regime vegetariano como ideal para o sustento.

Todas estas peculiaridades podem fazer com que um membro da igreja de longa data que se perceba homossexual se sinta distante de sua comunidade (por ser homossexual) como também das demais (por ter hábitos muito exclusivos), o que pode fomentar a busca de formas de aceitação ou adaptação dentro da instituição, e não uma cisão entre membro e igreja, corroborando com a preservação da cultura descrita pela autora anteriormente citada.

Perante este mal-estar, ao fundamentarem o conceito de sofrimento social, Arthur Kleinman, Veena Das e Margaret M. Lock (1997) afirmam que este não pode estar desarticulado com os interesses políticos e econômicos que

sustentam as relações de poder. Segundo eles, são estas relações de desigualdade que criam e mantém este mal-estar social.

Pusetti e Brazzabeni (2011) reafirmam que o sofrimento social é produzido principalmente pelas instituições, e que um dos pontos fundamentais ao abordar o sofrimento social gerado por estas instituições é “a apropriação [...] das teorias ‘salvíficas’ sobre a utilidade do sofrimento com vista a um bem-estar maior e futuro da humanidade” (p. 467). Elas também concordam que o sofrimento social é resultado da violência que ocorre nas relações humanas provindas de uma sociedade, e não somente de um indivíduo, organizada de maneira desigual e que promove relações desiguais de poder.

> “O mal-estar social deriva, portanto, daquilo que o poder político, económico e institucional faz às pessoas e, reciprocamente, de como tais formas de poder podem influenciar as respostas aos problemas sociais. O sofrimento social é o resultado, em outras palavras, da limitação da capacidade de ação dos sujeitos e é através da análise das biografias dos sujeitos que podemos compreender o impacto da violência estrutural no âmbito da experiência quotidiana” (p. 469).

A restrição, a certas pessoas ou a certos grupos, da capacidade e da liberdade de escolher as diversas possibilidades de existência, seria então a forma de agir violentamente nesta dinâmica relacional. Marginalizando estas pessoas, lhes são tiradas as possibilidades de gerenciar suas vidas e “negociar os termos da própria existência” (p. 469).

Estas características institucionais são plena e claramente encontradas na organização da IASD, que não tolera que seus membros sejam abertamente homossexuais, banindo sua participação ativa dos programas rotineiros como membros oficiais da igreja caso haja conhecimento destes atos proibidos. Se há uma notificação de que algum membro da igreja tem tido práticas homoafetivas, uma comissão formada por membros da igreja local se reúne para analisar e talvez excluir o nome deste membro do livro de membros oficiais da igreja. Após esta reunião, a igreja é publicamente notificada sobre a exclusão deste membro, que não pode mais participar ativamente dos cultos e atividades da igreja, ainda que possa assistir aos cultos semanais.

Esta forma da igreja de lidar com o inaceitável demonstra quão ameaçadora é a presença de pessoas que não concordam com as interpretações

conservadoras sobre a homossexualidade e não aceitam se sujeitar às opiniões de uma dita autoridade moral.

> "O confronto com sujeitos que não desejam apagar sua diferença pela gestão do segredo ou por técnicas religiosas/psicológicas de produção da heterossexualidade pode ser particularmente desconfortável para evangélicos, que consideram que os usos que fazem do corpo, no tocante à sexualidade e ao gênero, são os únicos legítimos aos olhos de Deus. A ligeira desestabilização ensejada pelo questionamento desta posição de sujeito pode revestir as identidades LGBT de um caráter ameaçador para estes religiosos, por colocar em questão a universalidade dos valores que sustentam" (NATIVIDADE e OLIVEIRA, 2009a, p. 156).

No passado a IASD fez tentativas para extinguir a homossexualidade de seus membros tratando-a como uma doença. Bonnie Dwyer (1988), descreveu como esta igreja foi a primeira instituição religiosa a financiar um centro de tratamento para a cura de homossexuais chamado Cook's Quest Counseling Center, criado no fim da década de 70 por Colin Cook, um ex-pastor adventista que dizia ser ex-gay. A igreja logo retirou seu apoio financeiro após notícias de que este pastor, que fazia os tratamentos, assediava sexualmente seus pacientes (JAPENGA, 1987).

Hoje, a IASD não tem ministérios de cura ou tratamento para homossexuais, mas alguns de seus programas evangelísticos ainda apresentam membros que se consideram curados por conseguirem combater, com a ajuda de deus e da igreja, seus desejos homossexuais, como apresentado também por Natividade (2007). Inclusive, a TV Novo Tempo, o canal de televisão da IASD no Brasil, num programa supostamente chamado de "Sem Tabus", mas que fala sobre sexualidade através dos preceitos religiosos, abordou em algumas transmissões casos de pessoas que disseram deixar de ser homossexuais, e outras que deixaram de ser transexuais, com a mensagem de que é possível uma transformação genuína em vista de manter a pureza sexual para deus. Analisando a informação desta possibilidade de mudança, é evidente que tal mensagem pode gerar tensões em outros membros da igreja que já tentaram mudar seus modos de existência, mas não conseguiram, o que pode implicar nestes, sentimentos de culpa, de incapacidade, ou mesmo de que lhes falta fé.

1.6.4 Uma Reação à Homofobia na IASD

Fora do ambiente religioso, o diálogo sobre novos modos de vida tem sido fomentado muito mais enfaticamente. A partir dos movimentos sociais feministas e LGBT, surge o questionamento deste tipo de arranjo familiar centrado no homem como líder e provedor da casa e na mulher como liderada e cuidadora da casa. A luta pela autonomia da mulher é intensificada. A validação de outros tipos de gênero, além do que se postulava binariamente como masculino e feminino, se torna evidente. E, por conseguinte, surge a pergunta: por que haveria uma performatividade ideal para cada pessoa?

É nesta ambiguidade situacional (entre a IASD e os movimentos progressistas) que em meados dos anos 70, dois grupos independentes (um na Califórnia e outro Nova York) de membros da igreja que não se encaixavam nos padrões incitados por ela se reuniram para falar de suas similaridades, discutir seus sentimentos e encontrar apoio entre si frente a uma igreja que os excluía e pregava a condenação eterna de deus por conta de seus comportamentos inadequados. Esses encontros eram viabilizados por anúncios, postados em revistas americanas nacionais para o público gay, que procuravam por adventistas de mesma sexualidade. A partir de então, leitores dos Estados Unidos e do Canadá começaram a se comunicar e se encontrar.

Por conta desses encontros, em 1981 foi fundada uma organização não governamental sem fins lucrativos chamada Seventh Day Adventist Kinship (SDA KINSHIP), significando irmandade ou parentesco Adventista do Sétimo Dia, que pudesse acolher pessoas que se sentiam socialmente excluídas por esta comunidade religiosa porque se consideram lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros, acolhendo também seus amigos, suas famílias e seus associados.

Com a chegada da internet, ficou mais fácil que pessoas com os mesmos dilemas conseguissem se conectar. A tecnologia ajudou a organização a crescer e a melhorar o diálogo entre pessoas de diferentes continentes. Por conta disso, atualmente a SDA KINSHIP é uma organização mundial que atende e conecta pessoas de todo o mundo que têm um vínculo com esta igreja e que se sentem

sensibilizadas com as questões LGBT, ou que foram marginalizadas por sua diversidade de gênero ou de sexualidade.

Para a divulgação da organização e a conexão dos seus membros, SDA KINSHIP possui um site internacional que oferece informações sobre seu histórico, sobre sua proposta, como também realiza fóruns de discussão, promove reuniões sociais e encontros periódicos. Uma reunião anual, que geralmente acontece nos Estados Unidos, chamada “Kampmeeting”, é promovida e serve como um congresso para o diálogo entre os membros e outros convidados sobre as pautas mais atuais.

SDA KINSHIP também lança mensalmente um jornal chamado “The Connection” com artigos sobre espiritualidade, sobre o cristianismo Adventista e as diversas sexualidades e gêneros. Um blog de notícias da organização é alimentado e postado mensalmente, contendo informativos e mensagens dos líderes da organização. O blog e a revista podem ser acessados livremente através do site da organização.

Além destes recursos, o site oferece uma lista de outros sites virtuais e outras organizações de outras religiões ou não religiosas que lidam com o tema da religiosidade e diversidade sexual. Ele também apresenta várias cartas, artigos e notas sobre a possibilidade de diferentes interpretações bíblicas sobre as sexualidades alternativas e diversidade de gêneros, como também vários estudos científicos sobre estes temas. Dois livros que falam sobre uma perspectiva adventista mais inclusiva sobre a homossexualidade também são apresentados e dá-se a possibilidade de que eles sejam comprados.

Além de acolher membros oprimidos, a organização tenta informar leigos da igreja sobre este tema através de um espaço educacional em seu site virtual. O apoio para as famílias, educadores e outros membros da igreja sobre diversidade sexual e de gênero com relação a ambientes mais acolhedores e que combatam a violência sexual e o bullying é encontrado em uma sessão específica.

Associados ao site virtual da SDA KINSHIP, outros sites independentes da instituição, mas que vêm da comunidade adventista e que lidam com o tema são promovidos, especialmente aqueles que falam sobre as histórias de vida de membros e ex-membros da igreja, suas experiências, seus sentimentos, suas

percepções de sofrimento social e de superação por serem gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros.

O site mais promovido é o chamado “We Are SDAS” (em português “Nós somos Adventistas do Sétimo dia”), no endereço http://wearesdas.com/, que coleciona 12 depoimentos sobre as implicações de ser adventista e ao mesmo tempo LGBT. O próprio site da organização apresenta alguns vídeos obre as histórias de alguns de seus membros.

Outro site promovido tem como objetivo divulgar um filme documentário de longa-metragem chamado Seventh Gay Adventists (que faz alusão ao nome dos membros da igreja em inglês Seventh Day Adventists), no endereço http://www.sgamovie.com/, que foi lançado com a ajuda de membros da organização para mostrar a vida de casais homossexuais da comunidade adventista que buscam combinar sua sexualidade com os princípios e valores da IASD.

Na página da rede social virtual “Facebook”, a organização também tem um perfil e além dele, está representada por vários subgrupos que têm em suas especificações modos de participação privadas. Diversos grupos ligados a organização servem para as diversas categorias: para jovens menores de 30 anos, para mulheres, para pessoas que falam espanhol, para pessoas de várias localidades, etc. Existe também um grupo destinado aos homens desta comunidade, chamado SDA KINSHIP MEN, que mantém um espaço exclusivo para o debate sobre a masculinidade neste grupo excluído da igreja.

Como os demais membros, os participantes brasileiros também se comunicam pelo Facebook e têm um espaço destinado especificamente para eles.

SDA KINSHIP tem 15 assistentes que gerenciam a manutenção da comunidade. Dividida por regiões e sub-regiões, a organização tem representantes em todos os continentes, com mais de mil associados encontrados em mais de 20 países. Para o Brasil existe um coordenador regional que administra o contato dos membros brasileiros com a organização.

Por lidar com pessoas que geralmente sofrem ou sofreram retaliação de sua comunidade, é uma organização que preza pela confidencialidade e preserva a identidade de seus membros caso eles peçam sigilo sobre suas identidades ou sexualidades.

A organização também enfatiza que não é uma dissidência da igreja e nem tem um sistema teológico paralelo ao da IASD, mas sim oferece um local para que membros e ex-membros da igreja possam ter um local seguro para discutir sobre espiritualidade e sexualidade. Da mesma forma, SDA KINSHIP informa que não tem um objetivo de transformar homossexuais em heterossexuais, nem de ajudar seus integrantes a sublimarem seus sentimentos e percepções de gênero ou sexualidade. Ao contrário, ela refere que encoraja as pessoas a lidarem de forma saudável com sua espiritualidade, sexualidade, gênero e relações sociais, mantendo uma harmonia entre todas estas questões.

Ainda que não esteja concentrada em questões teológicas, a organização mantém contato com a conferência geral da IASD, já tendo tido reuniões com delegados oficiais da igreja para discutir sobre o assunto de sexualidades e gêneros não heteronormativos. A primeira reunião aconteceu em 1980, com 35 membros da organização e com dois pastores e três professores do seminário adventista. Após esta reunião, os pastores criaram empatia e se familiarizaram com o isolamento e sofrimento social que os membros de suas igrejas sentiam e se prontificaram em trabalhar para diminuir tal isolamento social e a desconfiança entre os membros em vista de trazer menor sofrimento. Naquela época, criaram-se propostas, sugerindo que estas questões de gênero deveriam ser especialmente estudadas pelo seminário, que as publicações adventistas deveriam ser equilibradas ao falar sobre esse assunto, e que as escolas deveriam incluir a discussão sobre homossexualidade nos programas de educação sexual.

A partir de então, mais de cem pastores e professores do seminário adventista já compareceram aos encontros anuais da SDA KINSHIP. Por encontros, tanto a conferência geral, como muitos membros, igrejas e universidades nos Estados Unidos têm tido maior contato com a organização e os temas associados a ela. Muitas vezes esta organização mandou informativos sobre HIV/AIDS às igrejas americanas, tendo também participado de conferências da igreja sobre esse tema.

Mesmo que a relação da igreja com a SDA KINSHIP seja amistosa, alguns conflitos já aconteceram no passado, por conta de algumas posições da igreja significativamente rígidas. Essa rigidez se fez notável em 1981, quando um artigo

publicado na revista adventista advertiu que ainda que haja compaixão entre a igreja e a comunidade LGBT,

> "a igreja não pode negociar com grupos organizados que referem a si mesmos como gays ou lésbicas adventistas do sétimo dia nem pode estabelecer relações diplomáticas com tais grupos quando tal posição poderia ser considerada endosso ou apoio a uma filosofia e estilo de vida divergente'" (WITTSCHIEBE, 2007, p. 86).

Outro conflito entre a igreja e o grupo surgiu por conta do uso do nome da igreja no nome da organização. A igreja fez uma ação legal nos Estados Unidos contra este uso, mas em 1991 a organização foi absolvida, sendo que a juíza responsável pelo caso afirmou que a organização não infringia os direitos autorais da igreja, podendo assim usar este nome como identificação.

Ainda assim, igreja não considera a organização como integrante aos demais órgãos da instituição por essa não compartilhar dos mesmos princípios e valores voltados às questões de gênero e sexualidade.

Em 9 de outubro de 2015, um documento do seminário adventista da Universidade de Loma Linda, nos Estados Unidos, foi publicado descrevendo sobre a compreensão da visão bíblica quanto as práticas homossexuais e como deve ser o cuidado pastoral frente a seus membros. De acordo com Cruz (2015), este documento, que demorou 6 meses para ser produzido, mostrou pouca compreensão sobre a sexualidade humana por confundir sexo, gênero e sexualidade. Cruz (2015) refere que ainda que o documento teologicamente critique relacionamentos formados por pessoas do mesmo sexo, como tem feito desde sempre e sem nenhuma novidade, ele peca em lidar sem profundidade com os temas da transexualidade e em elaborar pouco sobre o que seriam as práticas homossexuais pecaminosas. O autor também aponta que o documento não provê exemplos sobre como amar e cuidar do membro LGBT em sofrimento – seja sofrendo bullying, com ideias suicidas, sofrendo violência física ou ameaças –, mas diz que o pastor deve, com sensibilidade e amavelmente, promover no outro uma mudança comportamental a fim de que o membro seja celibato ou não se relacione sexualmente com o mesmo sexo. De acordo com Cruz (2015), ainda que as terapias reparatórias para mudança de sexualidade sejam altamente perigosas para o público LGBT, o documento ainda diz ter esperança que seus membros possam mudar sua condição.

Frente a um ambiente de difícil flexibilização, a luta da SDA KINSHIP para providenciar acolhimento a adventistas ou ex-adventistas LGBT tem sido extensa, sendo que por 35 anos tem subsistido mesmo em tempos de muito preconceito. Entretanto, muitos dos membros e ex-membros ainda não conhecem esta organização. Frente a um número de mais de 17 milhões de membros da igreja mundial, a faixa abaixo dos dois mil membros associados à organização, sendo ela também uma comunidade virtual, é impactante.

Uma menor representatividade de membros da igreja na organização pode significar uma série de questões: a defesa contra a exclusão da igreja; a evitação de conflitos, não chamando a atenção para si, mantendo uma postura de abstenção do debate para que não se gerem tensões dentro da comunidade Adventista; a falta de informação de que existe um grupo que debata e aceite livremente as questões LGBT de forma sigilosa e respeitosa.

Esta falta de informação sobre a existência desta comunidade é notada ao se observar que a divulgação do trabalho desta organização acontece principalmente nos Estados Unidos, numa escala muito maior do que em outras partes do mundo. No Brasil, por exemplo, não existem informações fornecidas pela organização às universidades adventistas brasileiras, tendo elas sido pouco influenciadas ou contatadas pelo trabalho da SDA KINSHIP. Um exemplo disso é a existência de uma coalisão universitária entre Universidades Adventistas Norte-americanas que apoia os grupos de alianças entre gays e heterossexuais e que tem base no trabalho da SDA Kinship, sendo que no Brasil, as universidades adventistas ainda não oferecem estes grupos, muito menos têm alguma associação entre si ou com as universidades de lá.

1.6.5 Norma Religiosa e Ethos Religioso – a Prática Religiosa Entre os Adventistas do Sétimo Dia

A despeito de toda normatividade decorrida dos dogmas da IASD, podem ser encontradas várias formas de se praticar a religião. É importante que elas sejam discutidas para uma melhor compreensão dos diversos significados que o ser adventista contemplam.

Sobre o sábado: grande parte dos membros da igreja guardam o sábado da forma como é concebido o descanso físico e espiritual. Entretanto, as formas de se guardar o sábado não são unânimes entre eles. Alguns não veem problemas em comer em restaurantes no sábado, outros sim. Alguns creem que a recreação na natureza não seja adequada no sábado, mas sim a contemplação dela como obra de deus (por exemplo: observar o pôr do sol na praia é mais adequado do que nadar, fazer castelos de areia, se bronzear, jogar frescobol, etc.). Ainda que haja a preocupação em adorar a deus, muitos assuntos rotineiros entram em pauta nas reuniões sociais, como o trabalho, assuntos políticos, os campeonatos esportivos, a comercialização de bens, os programas culturais, as notícias mundiais atuais, etc.

Sobre os hábitos de saúde: muitos membros da igreja levam em consideração a cultura local como base principal para o cumprimento das orientações da igreja. No sul do Brasil, por exemplo, o chimarrão (o mate) e a carne são usados sem muita repreensão. Na maior parte do Brasil, os membros da igreja se comportam de maneira mais flexível quanto aos hábitos veganos. O uso dos laticínios e derivados animais ainda são amplamente usados ainda que haja forte desaprovação dos princípios da igreja. Na maioria das escolas e universidades, por exemplo, ainda existe a alternância entre alimentos veganos e vegetarianos no cardápio de seus refeitórios. A carne de animais não é permitida nas instituições, mas fora delas seu uso é observado. Atualmente, há grande comoção da igreja para que seus membros tenham hábitos de vida saudáveis, o que engloba também os exercícios físicos. É provável que uma parte de membros da igreja e da administração da igreja que tenha seu peso corporal elevado não realize exercícios físicos, por exemplo. Muitos ainda fazem uso de bebidas com alto teor de cafeína. Na verdade, existe uma maior tolerância da igreja com relação a cafeína e com o açúcar refinado do que com o cigarro, o álcool e outras drogas, ainda que a cafeína e o açúcar também causem dependência.

Sobre os hábitos sociais: muito se diz sobre a necessidade da demonstração do amor e da aceitação incondicional do ser humano como dons do espírito cultivados pelo membro da igreja por conta de seu relacionamento com Deus, da mesma forma como Jesus fez quando esteve na terra com os seres humanos. Mas muitas vezes essa aproximação amorosa com base teológica encara barreiras para ser colocada em prática por fatores de decorrência social e de identidade religiosa. Como é observado na sociedade, também para os membros da igreja, é clara a dificuldade deles em acolher minorias, principalmente a comunidade LGBT. A premissa “ame o pecador, não ame o pecado” geralmente tem seus conceitos de pecado e pecador fundidos, recebendo o “pecador” o mesmo tratamento que o pecado na comunidade adventista. A identidade religiosa também faz com que a aproximação ao outro seja dificultosa. Muitas vezes o fato dos dogmas da igreja a caracterizarem como contendo a verdade absoluta sobre a divindade, sua relação com outras igrejas e seus membros se torna conflituosa na hora de dialogar sobre suas diferentes crenças; a exclusividade da igreja a isola das outras comunidades religiosas. O fato da igreja acreditar que os salvos serão somente aqueles que aceitarem a teologia do sábado, o sétimo dia como dia de adoração, faz com que grande parte da população não cristã e cristã não sabatista seja considerada ímpia e não apta para a salvação.

Sobre a mulher: a posição da igreja com relação a como a mulher deve se comportar está relacionada a um papel de submissão à família, cuidando dos afazeres do lar, educando os filhos em casa, deixando ao marido o papel de provedor financeiro trabalhando fora de casa, e submetendo-se ao dever do marido de ser o sacerdote do lar, somente apoiando-o e fazendo-o representante da família perante deus. Os tempos atuais, ainda que sejam influenciados pelas tradições religiosas, não facilitam para uma conduta da mulher submissa completamente ao lar. Hoje grande parte das mulheres que frequentam a igreja trabalham fora para complementarem a renda domiciliar. Alguns lares também são constituídos com a falta do pai, sendo que a mãe se torna a representante tanto financeira quanto espiritual da família. Algumas mulheres também enfrentam a violência doméstica pela grande influência de uma sociedade machista e opressora, ainda que a igreja fortemente oriente o respeito (considerando homens e mulheres igualmente dignos) e a não violência entre cônjuges. A educação das

mulheres nunca foi negada pelas escolas e universidades adventistas, o que faz com que a formação acadêmica traga maiores possibilidades de empregabilidade e questionamento das orientações da igreja. Um exemplo deste questionamento é a luta em favor da causa da ordenação das mulheres no cargo de pastoras de congregações nas conferências gerais da igreja.

Sobre o homem e a masculinidade: a virilidade é uma palavra frequentemente usada nos escritos de Ellen Gold White (2004a), como virtude e objetivo de todo o homem, como discutido anteriormente na sessão da masculinidade a partir da perspectiva da IASD.

Como Raewyn Connell (1987) assinala, nem todos os homens alcançarão a situação de masculinidade hegemônica, o que é algo que acontece também na noção de masculinidade da IASD. De fato, existe uma hierarquia de quem pode e quem não pode dentro das atividades da igreja na IASD. No caso dos homens, é aconselhado que se casem com uma mulher para não serem tentados a pecar sexualmente, como também orienta Paulo, em 1º Coríntios:

> "[...] É bom que o homem não toque em mulher, mas, por causa da imoralidade, cada um deve ter sua esposa, e cada mulher o seu próprio marido. [...] Gostaria que todos os homens fossem como eu; mas cada um tem o seu próprio dom da parte Deus; um de um modo outro de outro. Digo, porém, aos solteiros e às viúvas: É bom que permaneçam como eu. Mas, se não conseguem controlar-se, devem casar-se, pois é melhor casar-se do que ficar ardendo em desejo" (7, 9).

O pastor, o líder da igreja, institui-se como o exemplo de homem sobre todos os outros desta comunidade, e o conselho também recai a sua pessoa. A igreja não espera que todos os homens sejam pastores, por isso ainda que o cargo pastoral seja de superioridade na instituição, ser pastor não se torna uma posição de disputa para a imagem de masculinidade hegemônica. Porém, a instituição espera que todos os homens se tornem puros espiritualmente e que levem suas famílias ao encontro com Deus através de várias práticas religiosas.

Na prática, nem tudo acontece desta maneira. Nem todos os membros homens da igreja são casados. Nem todos têm uma posição social aclamada, ou grande influência psicológica e de argumentação na comunidade. Nem todos têm um emprego para sustentarem suas famílias. E outros ainda são vistos como subalternos, o que também se observa na comunidade adventista com os homens gays, bissexuais e transexuais participantes ou não da SDA KINSHIP. Por isso

que nem todos podem ter algum cargo na igreja ou participar na liderança de suas atividades. Nas páginas a seguir, este estudo descreverá como a comunidade SDA KINSHIP questiona o conceito de masculinidade e virilidade pregado pela IASD por ter observado suas publicações cibernéticas a respeito da legitimidade da masculinidade não somente do homem heterossexual, que se comporta de acordo com as normas de conduta social adequadas para os homens “direitos” e “sérios”, mas sim de homens com sexualidades diferentes e performatividades diferentes.

Sobre os hábitos sexuais: ainda que a igreja oriente seus membros quanto a várias questões sexuais, a impossibilidade dela de vigiar constantemente seus membros faz com que muitos participantes não cumpram com todos os conselhos. A exclusão ou a ação de disciplina pela igreja de um membro que desobedeceu suas ordenanças acontece somente quando o ato se torna público. No caso de um casal prestes a se casar, por exemplo, a ciência do ministro que fará o casamento do não cumprimento da orientação de castidade pré-marital pode fazer com que este não realize a cerimônia de casamento até que o casal se rebatize, mostrando publicamente que se arrependeu deste pecado. Mesmo assim, muitos dos casais que se relacionam sexualmente antes do casamento, mantém esta prática em sigilo para o pastor da igreja para que possam casar e obter dele a benção matrimonial. Muitos pastores ainda preferem se abster, não perguntando se tal prática aconteceu, impedindo que a informação se torne pública, para que não haja possibilidade de proibição da realização do casamento, impondo ao casal a responsabilidade de resolver seus pecados de forma secreta diretamente com deus. Outras sexualidades que não as heteronormativas e monogâmicas também são rejeitadas e também são passíveis de punição com a exclusão do membro da congregação. Tal limite faz com que muitos dos membros que se engajam nestes tipos de relação mantenham esta prática em segredo. Com a internet e a facilidade do acesso a outras pessoas que não as encontradas na comunidade religiosa, como também o acesso a outras informações, estímulos e experiências, ficou mais fácil que práticas como a masturbação, o sexo virtual, as relações virtuais, etc., pudessem acontecer sem a ciência dos pastores. A existência desta comunidade em estudo é um exemplo clássico deste acontecimento. Muitos membros da igreja, que ainda têm cargos importantes nela, somente podem

participar da SDA KINSHIP porque o computador as possibilita a permanência sigilosa nesta comunidade e pública naquela outra.

A diferença entre a norma e a prática na IASD já foi alvo de estudo. Scheroki (1998), analisou as representações sobre o dízimo numa comunidade adventista do sétimo dia e percebeu que quando alguns membros se veem diante de algumas situações que ameaçam sua integridade física e material, existe uma tendência a condutas diferentes das prescritas institucionalmente quanto ao dar o dízimo. Diante a estes dados, o autor analisa que esta propensão à diversidade faz com que a organização religiosa não seja mais a única agência norteadora de condutas, dando-se, então, um peso a autonomia do indivíduo sem que ele necessariamente abra mão da sacralidade do dízimo. O autor segue concluindo que a contradição entre a conduta de devolver o dízimo como a instituição manda e a conduta de devolver o dízimo como o sujeito vê que deve fazê-lo não transforma completamente sua crença, mantendo-se a maior parte da estrutura ideológica anterior ainda que haja uma nova configuração cognitiva que justifique uma conduta diferente. Desta maneira, a sacralidade do dízimo permanece e o que muda é a relação do membro com deus mediada pelo objeto sagrado, demonstrando uma mudança da prática do grupo de fiéis da IASD sem que eles rompam com as regras institucionais. Portanto, sugere-se uma maior flexibilidade da instituição e de seus discursos para a sua própria subsistência:

> "O contato com inúmeras formas de se instalar no mundo, com a conseqüente multiplicação das eventualidades disponíveis, parece requerer do ser humano a capacidade de dialogar com posicionamentos religiosos diferentes. Esta exigência provavelmente se fará sentir nos discursos institucionais, que necessitarão ser mais abrangentes, capazes de acolher condutas e idéias diversas para preservar o que tenham em comum com seus distintos fiéis" (Scheroki, 1998, p. 75).

Talvez, uma compreensão mais abrangente sobre os temas de gênero e sexualidade seja um dos passos futuros para que a IASD não perca seus distintos fiéis, mantendo-os dentro da comunidade, como também mantendo sua própria sobrevivência como instituição social religiosa.

2. JUSTIFICATIVA

Nas últimas décadas, o número de pesquisas relacionando a homossexualidade, a religiosidade e as políticas públicas tem crescido, tanto para denunciar uma deficiência dos serviços públicos em lidar com as diversidades quanto no sentido de dar informações e apoio a criação de políticas públicas que consigam promover a saúde sexual considerando também a religiosidade como importante fator que influência os modos de vida da população.

Ocorre que grupos religiosos têm tentado impor suas moralidades frente ao estado laico. Dessa maneira procurar relativizar, a partir de situações empíricas, e demonstrar que o próprio conflito entre moralidades encontra-se no interior das religiões é uma forma de colocar em outras bases esse conflito entre religião e estado laico. Políticas públicas devem promover tanto o respeito às diversidades sexuais como às diversidades religiosas.

Santos (2010) discorre como membros da comunidade LGBT podem sofrer socialmente por causa de um sistema que em seus serviços privilegia e legitima somente a heterossexualidade a despeito das demais. Ele enumera os sentimentos ocorridos por esta comunidade, sendo estes o medo, a discriminação, as fobias, o ódio, a ojeriza, o pânico, a raiva, o receio, a rejeição, e a repugnância por terem sofrido abandono, agressividade, ameaças, chantagem, espancamentos e por terem passado por desemprego, evasão escolar e falta de moradia.

> "Em matéria do entendimento das dinâmicas sociais vivenciadas por lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, assim como de outras minorias, o aparelho estatal brasileiro apresenta um vácuo imenso de referências explícitas de possibilidades para a reversão das estruturais sociais de exclusão. Em outras palavras, o modelo de administração pública que estrutura os serviços ofertados aos cidadãos, implicitamente, vai discriminando: ou porque simplesmente omite a existência de sujeitos com diversas orientações sexuais ou identidades de gênero, ou porque opõe hierarquicamente homossexuais a heterossexuais." (SANTOS, 2010, p. 151 e 152).

Um dos fatores que influenciam a manutenção desta exclusão social pode ser a forma como a religião é empregada na vida das pessoas que trabalham com este segmento.

> "A religiosidade de usuários e trabalhadores do sistema público de saúde interfere nos cenários das práticas cotidianas deste sistema e nas políticas voltadas à saúde sexual e

> reprodutiva. Tanto a dinâmica psicossocial da religiosidade como sua expressão política podem determinar o curso das decisões no planejamento de programas de saúde, sustentando seu papel como instância reguladora da sexualidade e da reprodução" (SILVA, PAIVA e PARKER, 2013, p. 104).

Por outro lado, a religiosidade é uma importante fonte de sociabilidade e lazer para jovens e adolescentes sendo ela campo para diversos aprendizados e experiências de vida significativas (SANTOS e MANDARINO, 2005).

Desta forma, há de se convir que a religiosidade pode agir de várias maneiras, tanto para o acolhimento quanto para a discriminação. Religiões cristãs tendem a ser mais rígidas que as de origem afrodescendente no que tange aos direitos sexuais (SILVA et al., 2008), gerando conflitos frente as tentativas laicas de políticas públicas inclusivas e educativas sobre o tema da diversidade sexual.

Estas tensões entre o discurso religioso e o discurso moderno de acolhimento e promoção da diversidade sexual e da diversidade de gênero fazem com que as pessoas religiosas tenham que se articular frente a suas tradições e à necessidade de conviver socialmente com as diferenças dos modos de vida da atualidade.

Segundo Silva et al. (2008) é esta articulação (que demonstra a autonomia do sujeito no campo da religiosidade) que possibilita a abertura de um espaço para a discussão entre as políticas públicas e as religiosidades no âmbito do direito à saúde sexual.

> "Se valorizarmos o diálogo que o sujeito religioso articula entre os discursos sobre sexualidade que freqüentam seu cotidiano, buscando lidar com a tensão e o conflito entre tradição e modernidade no plano individual, no plano programático estaremos aprendendo o caminho para o diálogo com as comunidades das diferentes matrizes e suas concepções próprias de heteronomia moral religiosa. [...] Todos são, portanto, capazes de construir suas trajetórias de vida no campo da sexualidade interpretando e recriando distintos discursos reguladores de maneira autônoma e atualizada para o seu contexto sociocultural e político. Assim todos os brasileiros, independentemente de sua religião, devem ser considerados no planejamento de políticas públicas que promovem a saúde e os direitos sexuais" (SILVA et al., 2008, p. 661 e 692).

Silva, Paiva e Parker (2013) ao lidarem com a juventude religiosa e homossexualidade afirmam que qualquer política pública não pode reduzir jovens religiosos ao dogma, nem insistir em uma visão universal de juventude que perca de vista o sujeito plural, que varia seus arranjos relacionais de acordo com cada contexto. Para Rohden (2005) a garantia dos direitos sexuais demanda de um debate com os religiosos que considere a religião como lugar de pertencimento institucional ou como crença enquanto um sistema de valores compartilhados.

Esta possibilidade de articulação é exemplificada pelo auxílio da religiosidade frente as discriminações das próprias diversidades sexuais. Santos e Santos Fernandes (2009) demonstram que uma das estratégias encontradas para o enfrentamento da discriminação e o preconceito sexual entre pessoas de orientação sexual homoafetiva é justamente a busca da religiosidade, na procura de solucionar problemas e encontrar respostas nas crenças e práticas religiosas. Os autores referem que a religião

> "é um fator singular na investigação dos mecanismos cognitivos de enfrentamento do preconceito sexual, exercendo um papel de refúgio diante da discriminação e provendo recursos para lidar com o estresse, não encontrados em seu repertório individual" (SANTOS e SANTOS FERNANDES , 2009, p. 115).

Pietrukowics (2001) também adiciona que a fé traz a esperança de dias melhores no futuro, ajudando a pessoa a enfrentar as experiências difíceis do dia a dia.

Um trabalho que consiga aprofundar o estudo no campo das masculinidades e da religião se torna, portanto, relevante às políticas públicas principalmente para fornecer informações ainda mais específicas sobre como homens com sexualidades dissidentes que são discriminados pela própria religião se sentem, se relacionam e concebem sua masculinidade.

É possível que surja o questionamento sobre a relevância de um trabalho que não analise necessariamente fatores determinantes para algumas disciplinas conhecidas da saúde pública como as estatísticas, as prevalências e os índices em que as políticas públicas de saúde e as práticas em saúde pública se fundamentam.

Da mesma forma, pode-se perguntar por que fazer uma investigação com um grupo tão específico, numa comunidade com princípios de vida e valores tão peculiares que em alguns aspectos se afastam muito dos modos de vida da maioria da população brasileira. Induções generalistas não seriam possíveis a partir deste estudo, já que a sociedade, a cultura e os ciclos de vida deste recorte populacional não representam a totalidade dos homens que vivem em ambientes conservadores e religiosos e que sofrem por suas condutas não heteronormativas.

Pois é a partir deste recorte específico que pode ser possível perceber como ainda existe uma parcela da população que é negligenciada pela sociedade,

que é pouco influenciada pelas políticas públicas de saúde e que tem seu sofrimento social diminuído ou ignorado.

É por esta invisibilidade social tão gritante, a ponto da comunidade ter que se manter num nível de anonimato e segredo em um grupo cibernético fechado por medo da discriminação e do repúdio social, que se justifica uma investigação etnográfica para descrever e demonstrar a dinâmica das relações de opressão e discriminação que ninguém questiona e que não é considerada como significativa numa comunidade conservadora.

Vê-se a legitimidade do registro detalhado e da descrição dos elos culturais religiosos de um grupo de pessoas para que novos enfoques sejam voltados às diferentes comunidades LGBT, utilizando as contribuições desta comunidade em questão, a fim de gerarem discussões que enfoquem possíveis novas formas de se reagir e viver frente a conflitos suscitados pela divergência de valores entre as instituições e as pessoas que as compõem, enriquecendo assim o debate entre sexualidade, sociedade e religiosidades.

Mostrar o que este grupo de homens concebe quanto a sua própria masculinidade é importante para somar este discurso aos demais; para que a diversidade das masculinidades consiga abranger, cada vez mais, origens distintas das diferentes formas de ser homem.

3. OBJETIVO

Diante da possibilidade de criar um elo entre religiosidade, sexualidade, sofrimento social e políticas públicas, o objetivo principal que este trabalho se propõe a alcançar é explorar como uma comunidade de origem religiosa lida, ciberneticamente, com sua própria masculinidade não heteronormativa, coletando informações sob o tema das masculinidades que demonstrem uma reação ao sofrimento social vivido na igreja.

Para que isso se torne possível, o trabalho também busca descrever densamente como se dá a construção e a manutenção de um ambiente social virtual específico formado a partir das experiências de sofrimento geradas pela discriminação sexual e de gênero que membros e ex-membros da IASD vivenciaram por serem homens gays, observando como esta rede digital conecta estes membros.

Pretende-se pesquisar o que esta rede virtual apresenta como uma nova cosmovisão que legitime e reconheça a possibilidade de manter um contato com aspectos de uma comunidade religiosa, sem abrir mão de sexualidades dissidentes da heteronormatividade e sem necessariamente acreditar integralmente nos mesmos preceitos religiosos.

Sendo assim, a hipótese desta pesquisa é a de que uma comunidade virtual, que é facilmente acessada, que garante o sigilo de seus membros para fora dele e que torna a comunicação mais simples e rápida entre eles, se constrói como local propulsor para o questionamento e a criação de conceitos de masculinidade, servindo como forma de enfrentamento ao preconceito fomentado pelo ethos religioso e também como local de empoderamento e desenvolvimento da autoestima.

4. MÉTODO

Esta investigação aproxima-se ao trabalho dos movimentos sociais ao descrever a discriminação sexual e de gênero, que neste trabalho específico, se apresenta social e institucionalmente. Carvalho (2008) e Pussetti e Brazzabeni (2011), ao demonstrarem a preocupação que Veena Das e Arthur Kleinman tiveram sobre o trabalho de pesquisador, que muitas vezes é sobreposto pela condição de ativista por usar o conceito de sofrimento social, citam que tais autores defendem uma postura investigativa e metodológica que conduza à intervenção e transformação da realidade, numa posição de

> "participantes ativos nos cenários de investigação, não apenas como 'provedores de saúde', mas defendendo os direitos e contribuindo como ativistas (advocates) das causas das populações sujeitas à condição de sofrimento social [...] com atenção especial para a área de saúde" (CARVALHO, 2008, p. 11).

Considerando a minha posição como pesquisador que entra em contato com o tema tanto formalmente quanto pessoalmente, aproximando-me do movimento ativista, tendo também passado pela mesma experiência de exclusão social e sentido a violência de gênero no mesmo contexto daqueles que pretendo coletar informações, cito Brah (2006) para defender a posição de pesquisador participante. Segundo ela, o pesquisador participante consegue captar e perceber de forma mais perspicaz as questões sociais que colocam um sujeito em posição de vulnerabilidade do que o pesquisador que tem somente uma postura observadora. Ainda que Bourdieu (1999) diga que o melhor dos movimentos políticos está fadado a fazer a pior ciência, Vale de Almeida (1995) refere que "as mudanças são possíveis, ainda que haja limites" (p. 153).

Para propor uma investigação com seres humanos de forma qualitativa da desigualdade em questão, usei fundamentos da crítica ao modelo positivista, que condena a necessidade do distanciamento entre pesquisador e objeto de estudo para conhecê-lo de forma mais fidedigna (MORIN, 2005).

A proposta desta pesquisa, então, foi que ela tivesse caráter etnográfico baseado na metodologia da etnografia virtual de Cristine Hine (2000) através do acompanhamento dos sites virtuais www.sdakinship.org, www.wearesdas.com, e do grupo que se encontra na rede social Facebook chamado de SDA KINSHIP MEN no período de maio de 2015 a janeiro de 2016.

De acordo com Polivanov (2013), observar uma lista de discussão na internet ou uma comunidade virtual em um site de rede social traz dados materialmente distintos daqueles coletados em encontros presenciais, como textos escritos, emoticons, imagens e links publicados pelos usuários, sendo que para alguns autores, tal diferença justifica o emprego de termos como etnografia virtual e/ou netnografia, ressaltando a diferença da “pura” etnografia.

Segundo Rocha e Montardo (2005) o afastamento físico e a mediação (pelo computador) entre pesquisador e pesquisado são os pontos principais que fazem com que a etnografia, ao se adaptar aos ciberespaços, seja nomeada como netetnografia. Por conta justamente deste afastamento, Kozinets (2010) afirma:

> “as experiências sociais online são significativamente diferentes das experiências sociais face-a-face”, o que engendra, portanto, uma experiência de estudá-las via etnografia “significativamente diferente” (p. 5).

Ainda assim existem outros autores que não veem a netnografia como um outro método, complementar à etnografia, mas sim uma proposta de metodologia realmente etnográfica, mas que trabalha com um objeto de investigação que está inserido em contextos digitais. Para Sá (2005), a netnografia deve manter “os procedimentos básicos da tradição etnográfica”: 1) “a postura inicial de estranhamento do pesquisador em relação ao objeto”, 2) “a consideração da subjetividade como elemento fundante”, 3) os “dados resultantes da observação” como construções do pesquisador sobre interpretações feitas por outras pessoas e 4) o entendimento de que o relato etnográfico é “uma tradução da qual resulta um texto antes de tudo entretecido por textualidades múltiplas” (p. 29).

Ao debater sobre a etnografia como método de investigação também na internet, Cristine Hine (2000) propõe uma compreensão da própria internet de duas formas:

1- como cultura (um lugar onde a cultura é criada e recriada e que é diferente daquele que se encontra fora dos computadores, ou off-line).

2- como produto da cultura de determinado lugar e contexto.

Segundo a autora, esta metodologia surge como uma possibilidade da análise das relações humanas nas comunidades virtuais mediadas pelas redes sociais. A autora refere que é uma etnografia adaptada para servir às condições em que os grupos se encontram, sendo que entre ela e a etnografia tradicional, uma não necessariamente supera a outra já que o pesquisador, através da internet, consegue sentir-se parte da comunidade, da forma como o antropólogo o faz ao viajar ao lugar que pretende estudar.

Sendo a internet uma cibercultura, a autora relata que para que usemos os conceitos de espacialidade e temporalidade encontrados na etnografia, estes conceitos devem ser ressignificados para o uso desta metodologia de coleta de dados antropológicos.

> "Uma vez que pensemos o ciberespaço como um lugar onde as pessoas fazem coisas, nós podemos começar a estudar exatamente o que é que elas fazem e porque, nos seus termos, elas o fazem. No entanto, assim como com todas as metodologias, mover a etnografia para um ambiente online tem envolvido algumas reexaminações do que a metodologia implica" (HINE, 2000, p. 21).

A análise, interpretação e observação num período de tempo estendido é uma das vantagens que a etnografia virtual tem, por conseguir, de forma detalhada, observar como a tecnologia é vivenciada na prática de quem a usa.

Através das contribuições deste tipo de etnografia, as postagens foram analisadas sob aquilo que Geertz (1989) concebe por "descrição densa" como um método de interpretar as culturas, e neste caso, o que a cultura e seus símbolos podem ser interpretados na interação de membros e ex-membros LGBT da IASD na rede virtual anteriormente citada.

Entende-se como descrição densa neste espaço cibernético toda a apresentação detalhada daquilo que compreende o contexto cultural e social para a formação deste ambiente, como também daquilo que demonstra ser uma reação ao sofrimento gerado por outro local excludente e discriminatório. Esta descrição densa pretende mostrar como uma comunidade se gerencia, quais são os costumes e como aquilo que eles comunicam nesta comunidade virtual pode ser interpretado como um modo de vida, ainda que num espaço cibernético. Vê-se a importância de ressaltar que, ainda que seja uma comunidade virtual, ela não é anônima e pretende expressar-se publicamente em favor do respeito à dignidade

de uma comunidade excluída, apontando e condenando práticas de exclusão social.

A partir da descrição deste contexto cultural, a comunidade foi definida através da história de sua formação – encontrada nos sites www.sdakinship.org e www.wearesdas.com – e o recorte escolhido para esta etnografia foi o de descrever como a masculinidade é apresentada nas postagens em forma de figuras, vídeos, reportagens, artigos, comentários, depoimentos, narrativas e históricos de vida principalmente no subgrupo SDA KINSHIP MEN da rede social Facebook. Partindo do princípio de que é um grupo que já se percebe com uma masculinidade socialmente subalternizada, analisou-se a forma como a comunidade se autoafirma, se reconhece e então assimila e concebe sua masculinidade através de postagens no âmbito de gênero, das performatividades, nas questões de sexualidade e nos relacionamentos afetivos.

Principalmente as narrativas e comentários densamente descritos nestes sites foram a base para a compreensão dos fenômenos (COSTA e GUALDA, 2010) que foram confrontados e fundamentados por referenciais teóricos do sofrimento social (KLEINMAN, DAS, e LOCK, 1997) e das questões de masculinidade (VALE DE ALMEIDA, 1995; BOURDIEU, 1999; CONNEL, 1987).

Para que a investigação fosse realizada cumprindo com os princípios éticos de investigação com seres humanos descritas na Resolução 466/2012, o pesquisador se comprometeu a manter o sigilo dos depoimentos encontrados nos sites acima citados, expondo somente as narrativas ali apresentadas, mudando os nomes verdadeiros dos autores, ou simplesmente não os citando, tendo recebido permissão do diretor da comunidade e de seus membros para observar o funcionamento da comunidade e a interação de seus participantes com o objetivo de realizar a etnografia.

Ao fazer a investigação, o grau de participação do pesquisador do ciberespaço pode ser o de insider, também considerado como observador participante, ou o de lurker, também chamado de pesquisador silencioso (AMARAL, 2009; FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2011), ou distante (MORTON, 2001), que observa silenciosamente, não obstruindo nem interferindo a dinâmica do grupo. Braga (2006) refere que ainda que o lurker não seja um participante de grupo como o etnógrafo nos espaços off-line, que imerge no

ambiente e participa do cotidiano observando e descrevendo, sua presença pode ser inferida.

Como será explicado nos resultados, para este trabalho o pesquisador se comportou como um lurker, ainda que já fosse um insider. Ou seja, para que este trabalho fosse possível, era importante que o pesquisador já tivesse sido incluído antes no grupo como participante pelo coordenador da comunidade. Assim, já inserido neste contexto, o pesquisador poderia observar como a dinâmica dele acontecia de maneira mais fidedigna.

Para a fundamentação teórica desta pesquisa, os unitermos utilizados nas buscas em bases de dados científicos têm sido: sexualidade, masculinidade, homofobia, religião e sofrimento social. As bases de dados mais utilizadas para a busca de material teórico e científico têm se concentrado nas plataformas BVS e Scielo. A comunidade acadêmica com quem este trabalho pretende dialogar é a comunidade da antropologia, aliada às comunidades vinculadas às políticas públicas que se debruçam na temática dos direitos sexuais e de gênero.

Espera-se que esta metodologia consiga clarificar e expandir a compreensão de como um ambiente religioso intolerante pode potencializar o sofrimento social de pessoas não heterossexuais e assim, gerar novas formas de vida em reação a esta opressão. Espera-se também observar através da etnografia virtual como o ambiente religioso pode formar elos que unam as pessoas com seus símbolos e ethos de forma a mantê-las conectadas mesmo após um rompimento ideológico.

5. RESULTADOS

A partir de agora, serão discorridos os processos pelos quais foi realizada esta etnografia como também quais foram os resultados encontrados por ela.

É importante explicar que ainda que fosse um observador silencioso neste ciberespaço, neste período de tempo específico e para esta pesquisa, eu já tinha familiaridade com grupo que foi estudado há mais de um ano antes do surgimento deste tema de pesquisa. Isso me possibilitou sentir o ambiente e conhecer seus participantes por ter sido inserido naquele espaço anteriormente. A pergunta de pesquisa sobre a concepção de masculinidade dos membros homens da SDA KINSHIP só pôde ser concebida a partir desta primeira condição de inserção no meio de homens gays que são ou foram alguma vez na vida adventistas do sétimo dia.

Em realidade, minha experiência de vida converge com a produção desta etnografia ao passo que esta pesquisa vem apresentar, através de uma dissertação científica, um espaço que conheci pela primeira vez há cinco anos e que ultimamente tenho frequentado com mais perspicácia para a realização desta investigação, tanto como pesquisador quanto como um membro do grupo, dissidente da IASD, exatamente por conta de minha sexualidade não heteronormativa.

Cresci numa família conservadora da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Meu avô materno se formou no seminário adventista e, após casar-se com minha avó – também de família adventista –, passaram alguns anos na Bolívia como missionários, onde minha mãe e minha tia nasceram.

Do outro lado da família, para que meu avô paterno se casasse com minha avó, teve que se batizar na igreja adventista e seguir seus princípios, já que a família de minha avó já era batizada. Terminou realmente acreditando nos preceitos adventistas e educando, juntamente com sua mulher, todos os seus filhos nas orientações da igreja. Meu pai nasceu deste relacionamento e, na época do colegial (antigo ensino médio), conseguiu uma bolsa de estudos para estudar num colégio interno adventista em São Paulo por intermédio de um pastor que

estava visitando a igreja de meus avós. Neste mesmo colégio, passou a fazer o seminário teológico, onde conheceu minha mãe, que lá estudava enfermagem na faculdade.

Ambos se conheceram nos grupos musicais que a instituição oferecia e começaram a namorar. Após meu pai se formar no seminário adventista, meu avô materno fez a cerimônia de casamento de meu pai e minha mãe e então, a família pastoral foi instituída. Meu pai manteve a carreira de pastor e cantor, servindo por 12 anos como pastor evangelista num quarteto musical formado por pastores da igreja que viajava o Brasil e o mundo com o intuito de levar os princípios adventistas aonde fosse mandado. Depois trabalhou como pastor em algumas igrejas e em algumas associações que gerenciam as igrejas da união central brasileira. Minha mãe o acompanhava como uma fiel esposa de pastor, mudando de emprego de acordo com as cidades que a família pastoral ia. Desta união, saíram dois filhos que também acompanhavam o pastor por onde ele era mandado.

Imerso neste ambiente religioso, eu, o filho mais velho do casal, em tenra idade já percebia que meus comportamentos não eram adequados à comunidade. Por vezes era repreendido quanto a forma de falar ou de me portar, tanto pelos meus pais, quanto por colegas e funcionários da escola adventista, como também por rapazes mais velhos que frequentavam a mesma igreja que eu. Nestes locais, sofria ataques jocosos por colegas da mesma idade ou mais velhos, que me deixavam a margem da maioria das atividades consideradas de meninos, como nos jogos de futebol e nas conversas das rodas masculinas.

Um pouco mais tarde, também percebia que meu interesse sexual se voltava mais aos meninos do que às meninas, o que, além de ser mais uma preocupação quanto a discriminação e exclusão social, me causava um sentimento de culpa e desvalia por acreditar possuir um pecado considerado muito mais humilhante e repugnante que vários outros. Os textos de Levítico 18:22, Levítico 20:13 e 1 Coríntios 6:10, que levam a palavra abominação ao ato de dois homens dormirem juntos e postulam que tais pessoas não herdarão o reino de deus, corroboravam ainda mais meus sentimentos de baixa autoestima por perceber tais pecados dentro de mim, e não fora do meu corpo.

Por um bom tempo tentei mudar estas situações. Após um período de negação destes desejos, tentando me proteger da possibilidade da condenação, admiti a mim mesmo aos 12 anos de idade possuir tais pecados. Após a leitura do livro Caminho a Cristo (WHITE, 1994) li que um dos passos para alcançar a certeza da salvação e a aproximação a deus era a admissão do próprio pecado a si mesmo e a confissão de tal pecado em oração em busca do perdão divino.

Com o tempo, também entendi que mudando a forma de agir e pensar conseguiria, também, uma maior aproximação das pessoas. Assim, aprendia por imitação as ações da maioria dos rapazes e observava meu padrão de comportamento a fim de modelá-lo para uma conduta socialmente esperada. Por fim consegui com essa mudança de conduta, que as piadas cessassem e que fosse tratado de maneira mais digna e respeitosa. Percebia, entretanto, que a mudança de comportamento exterior não mudava minha orientação sexual.

Busquei, então, sozinho (porque não queria trazer maiores problemas para mim nem para a minha família), a ajuda de deus com mais afinco para que ele transformasse meus sentimentos e minhas atrações. Esta mudança nunca veio, ainda que me mantivesse longe das tentações, ainda que orasse, que jejuasse, que ficasse noites em claro clamando silenciosamente, ou que tivesse fé que no outro dia amanheceria “curado” (porque imaginava que esta condição era anormal e caracterizada por um transtorno sexual).

Anos depois, sem nenhuma resposta de transformação divina, procurei ajuda psicoterapêutica, já sentia que precisava de alguma ajuda além das minhas ações e das minhas orações para a minha transformação. Em psicoterapia compreendi que não havia como controlar a emersão de sentimentos homoafetivos, e assim comecei a elaborar o porquê de me sentir culpado e humilhado frente a algo que era inevitável. Nesta época também comecei a questionar alguns dogmas da igreja e perceber que grande parte de meu sofrimento tinha a ver com a forma como estes dogmas eram socialmente colocados em prática. A psicoterapia e meus questionamentos me ajudaram a abrir um novo leque de possibilidades, me tornando flexível para encontrar outras pessoas que tinham os mesmos questionamentos que eu, como também orientações sexuais não heteronormativas.

A partir destes encontros, ouvi dizer sobre uma organização de pessoas que eram gays, lésbicas, bissexuais e transexuais e que vieram de berços adventistas, como eu tinha vindo. Soube que era um grupo que defendia a dignidade das pessoas LGBT e que já existia há muito tempo fazendo este trabalho de conscientização. Me lembrei de um evento quando adolescente em que ouvi de longe que existia uma igreja adventista gay, e associei esta notícia a esta organização, ainda que na época tivesse suspeitado a veracidade da informação. Ainda assim, me surpreendi com o fato, já que nunca havia escutado o nome SDA KINSHIP nos meios adventistas, e decidi procurar na internet o que havia sobre a organização. Encontrei o site, li rapidamente suas pretensões e me tranquilizei por ver que de fato, eu não estava sozinho.

Interessado na ousadia e nas pretensões da SDA KINSHIP, em março de 2011 enviei um e-mail para o chefe dos coordenadores da organização, pedindo para fazer parte da SDA KINSHIP. Obtive resposta muito rapidamente deste mesmo diretor que me agradeceu pela solicitação de participar da comunidade e pediu que fosse até o site da organização para fazer o cadastro, e assim me tornar um membro do grupo. Após me inscrever e informar meus dados e minha localidade no site, este diretor se contatou com o coordenador regional do local que informei que morava e este prontamente entrou em contato comigo.

Mantivemos contato e trocamos vários e-mails compartilhando nossa história de vida, as similaridades e as peculiaridades de cada experiência. Discorremos sobre uma possível adaptação da teologia adventista que abordasse de maneira inclusiva a comunidade LGBT e recebi muitas informações de outros grupos religiosos que também criaram grupos de diálogo aberto sobre gênero e sexualidade entre membros e ex-membros das igrejas.

A partir da percepção deste coordenador de que eu não era um perigo ao grupo e que realmente tinha interesse em me vincular por ter algo em comum com a comunidade, obtive permissão para entrar nos espaços privados do site virtual da SDA KINSHIP que servem somente para seus membros (porque dão acesso a todos os outros membros), como também pude entrar no grupo da comunidade na rede social Facebook, que também é privado e que, nele, só pode participar e ver suas postagens quem é membro da organização.

Todo este processo de entrada no grupo serve para garantir o sigilo de muitos membros que também frequentam a IASD e querem manter seus cargos em ambas as comunidades. Embora a organização não queira manter uma condição confidencial (buscando ser cada vez mais visualizada e ter mais voz ativa no cenário adventista do sétimo dia) informando a igreja sobre novas formas de conceber a sexualidade e mostrando a seus membros LGBT que há um espaço seguro para que eles possam se comunicar, ela preza pela confidencialidade de seus participantes, buscando proteger aqueles que não assumiram sua sexualidade publicamente de uma maior opressão e exclusão social caso a igreja saiba de sua sexualidade ou comportamento sexual.

Pensei em primeiro momento que encontraria uma comunidade religiosa inclusiva, que se importasse em manter as premissas adventistas como os princípios fundamentais da organização. Entretanto, ao entrar em contato com estes ambientes antes desconhecidos, percebi que ainda que a organização tivesse grande influência das tradições de onde surgiu, ela não tem a pretensão de criar uma teologia que consiga incluir a não discriminação das sexualidades e gêneros não heteronormativos nos princípios adventistas. Alguns membros desta comunidade se esforçam em fazer esta adaptação e manter as tradições adventistas ainda que sejam gays, lésbicas, bissexuais ou transexuais. Entretanto, a iniciativa não é da totalidade do grupo, mas surge de uma parte de seus membros, como também existem outras parcelas que podem não ser adventistas, nem mesmo cristãs, mas que vieram deste ambiente. A organização não encoraja a evangelização de seus membros, mas sim os diálogos e o compartilhamento das experiências de vida que promovam um senso de irmandade e comunidade num ambiente seguro de preconceito e discriminação.

O site da organização, no setor de perguntas frequentes, se esforça em dizer que seu objetivo de existência é de dar apoio aos membros da IASD que podem estar mais isolados da comunidade por sua sexualidade ou gênero não heteronormativos, tentando diminuir a dor destes membros através da ideia de que existem outras visões dos textos bíblicos que podem ter uma abordagem mais amável e de aceitação ao público LGBT. A organização também refere que tenta fazer um elo de reconciliação entre a igreja e seus membros LGBT tentando

educar a igreja sobre a homossexualidade e buscando eliminar a homofobia e a discriminação baseada na identidade ou orientação sexual.

Noutra seção do site intitulada “Nossa Missão”, a organização declara que não é uma igreja, nem um sistema teológico e nem um ministério de reparação da sexualidade ou gênero. Ao contrário, é um local que promove a criação de um sentido de harmonia entre identidade, espiritualidade e relações sociais a seus membros. SDA KINSHIP diz que ainda que haja uma variedade de crenças e ideologias entre seus participantes, eles respeitam a consciência de cada um, não sendo obrigação que exista uma conformidade entre eles.

Após tais constatações, comecei a conceber a organização como uma comunidade mais aberta do que a que eu imaginava. Fui adicionado a algumas das comunidades no Facebook, sendo elas: SDA KINSHIP INTERNATIONAL (para todos os membros), SDA KINSHIP BRASIL (para os membros brasileiros), SDA KINSHIP MAN (para os membros homens) e SDA KINSHIP KINYOUTH – KINSHIP’S UNDER 30 COMMUNITY (para os membros com menos de 30 anos de idade).

Comecei a entrar em contato com vários membros, tanto brasileiros quanto estrangeiros, e vi que a comunidade internacional estava sempre crescendo, com novos integrantes chegando mês a mês. O inglês é a língua usada para se comunicar neste grupo, e, como é de se esperar, percebi que a maioria dos participantes que mantinham as postagens e os diálogos deste grupo internacional eram de países que têm o inglês como língua mãe. Tal fato causa um distanciamento entre as discussões pautadas e as pessoas que não compreendem a língua, mantendo assuntos que têm maior notoriedade principalmente nos países de colonização inglesa, como os Estados Unidos, o Canadá e a Austrália.

Isso não me gerou inquietação a princípio, já que eu conseguia me comunicar e compreender esta língua estrangeira. Entretanto, ao perceber a falta de comunicação de muitos membros do grupo de brasileiros com o grupo internacional comecei a questionar se os assuntos e as formas de diálogo sobre a religião e os temas de sexualidade e gênero do grupo internacional conseguiam abranger e alcançar toda a população LGBT de origem adventista encontrada lá. Surgiram, então, as perguntas: será que todos os membros podem acompanhar

as visões apresentadas pela organização e por outros membros falantes do inglês? Será que os temas abordados são realmente relevantes para os membros de outros países de língua não inglesa? Será que existe a possibilidade de haver confrontação dos temas por estes membros?

Tais perguntas acompanharam minha trajetória como participante da organização, como também me acompanharam durante todo o processo de pós-graduação e elaboração desta pesquisa, ainda que o estudo não objetive respondê-las necessariamente.

O ingresso num programa de pós-graduação que me inseriu num grupo de estudos que trabalha com os temas de gênero, sexualidade e movimentos sociais me possibilitou resgatar esta trajetória e estudar a fundo e com olhos (de estranhamento) de pesquisador este ambiente que era por mim visitado com olhos de ex-adventista.

Ao pensar em como o tema da discriminação ligado ao gênero e sexualidade no campo da religião adventista poderia ser aplicado a uma investigação científica, surgiram primeiramente ideias de trabalhar com a educação adventista. Pensei em focar as escolas, me reportando à minha experiência pregressa, podendo discorrer sobre o possível mal-estar de alunos que sofrem bullying por seus comportamentos considerados “efeminados”. Pela complexidade em trabalhar com crianças num tema tão delicado para a escola, transitei para outras perspectivas, relacionadas a como os professores destas crianças lidavam com este tema ao ver a violência direcionada a seus alunos.

Mas, com o decorrer do curso de mestrado, ao entrar em contato com o conceito de sofrimento social elaborado por Kleinman, Das e Lock (1997), e observando como os agrupamentos sociais podem criar diversas formas de reações de resistência frente à violência e à marginalização, decidi, juntamente com meu orientador, explorar a SDA KINSHIP como resultado do sofrimento social vivenciado por seus membros na igreja. Decidimos focar pontualmente as questões de masculinidade, no sentido de como seu conceito se (re)constrói a partir desta resistência e deste enfrentamento do sofrimento nas demonstrações dos modos de vida e interação social dos homens gays da organização nos ciberespaços. Desta forma, observaria a dinâmica do grupo SDA KINSHIP MEN

com respeito a discussões que englobam todo o aspecto da masculinidade que pudesse surgir.

Esta linha de pesquisa propicia que a associação do tema estudado com a minha história de vida e a história de muitos participantes desta organização dê visibilidade a tantos que, como eu, foram silenciados ou marginalizados por expressarem sua masculinidade de forma diferente. Desta forma, a investigação dá voz a aqueles que vivenciam em seus corpos a sexualidade e o gênero não heteronormativos. Ao inverter a direção do microfone, quem legisla sobre o tema da sexualidade agora dá a vez do discurso a quem sabe dele por experiência prática.

5.1 APROXIMANDO-ME DO AMBIENTE

O grupo SDA KINSHIP MEN, está localizado na plataforma digital do Facebook. Esta plataforma é uma rede social que tem como um de seus objetivos conectar as pessoas através de perfis criados por elas que contém dados pessoais e que servem para o compartilhamento de mensagens, arquivos, fotos, artigos, depoimentos, vídeos, etc. Estes compartilhamentos ficam armazenados em ordem cronológica. Quando um usuário se conecta com outro, ou segue-o, como diz o site, existe a possibilidade de ambos conseguirem ver suas publicações, caso não haja alguma restrição de privacidade imposta por algum deles.

Esta plataforma digital também oferece a possibilidade de criar grupos de interesses compartilhados, o que fez com que o grupo de homens da SDA KINSHIP pudesse ser constituído neste local. Existem várias possibilidades de formatação dos grupos no Facebook; o grupo que vou apresentar tem, por exemplo, as seguintes especificidades: ele é fechado e secreto, ou seja, somente pode ser achado e ter suas publicações vistas por quem for convidado pelo seu administrador para fazer parte dele. O administrador deste grupo específico somente convida membros da SDA KINSHIP que sejam cadastrados no site da organização. O sigilo é tão importante que a descrição do próprio grupo na rede social contém os pedidos:

“Por favor guarde a identidade dos nossos membros com muito cuidado. Muitos não se assumiram gays em todos os lugares em suas vidas, por isso é muito importante que nós cuidemos uns dos outros! Não compartilhe nem publique mensagens ou fotos vindas deste site, em nenhum lugar! Obrigado por ajudar a fazer este um lugar seguro para todos!” – tradução minha do inglês ao português.

O espaço do grupo no Facebook providencia um local para discussões de assuntos que são sugeridos a partir das publicações de seus participantes. Elas permanecem lá também de forma cronológica e por nível de importância, que se dá pelo número de curtidas e de comentários que as publicações têm. Desta maneira, as publicações mais novas são fixadas acima das postadas anteriormente, mas podem ser ultrapassadas por estas antigas caso elas sejam atualmente comentadas, curtidas ou compartilhadas.

Para que isso aconteça, cada publicação tem um espaço abaixo dela que habilita o usuário a:

- curtir a postagem, clicando numa imagem de uma mão fazendo o sinal de positivo, representando que o usuário gostou da publicação;

- compartilhar a postagem, clicando numa seta para a direita, o que habilita o participante a publicar na linha do tempo de seu perfil esta mesma publicação;

- comentar a postagem, clicando num balão de diálogo, o que habilita o usuário a dizer o que achou sobre esta publicação.

Quanto mais atualizadas por comentários e curtidas as publicações são, mais visibilidade as elas têm, permanecendo no topo da lista das publicações no grupo.

As publicações também podem ser denunciadas ao administrador do grupo por serem consideradas pelos participantes algo irritante ou desinteressante, por serem consideradas impróprias para o local ou por serem “spam”, ou seja, uma mensagem eletrônica enviada para um grande número de pessoas oferecendo conteúdo ou solicitações indesejadas, como mensagens em massa, links ou imagens em excesso, etc.

No cabeçalho do grupo nesta rede social, também podem ser encontrados todos os membros do grupo, os eventos marcados, todas fotos que foram publicadas e os arquivos enviados.

Dois destes arquivos têm relação íntima com a história deste grupo. Em 2011, numa reunião anual que a organização promove chamada “Kampmeeting”, os participantes presentes da organização decidiram criar diversos grupos específicos na rede social em questão para a discussão de assuntos mais específicos de acordo com seu público: mulheres, jovens, homens, etc. Daí foi planejada a formação do grupo para homens.

Com a proposta da criação do grupo, alguns tópicos foram listados como sendo os assuntos que norteariam as discussões do grupo. Destes tópicos saiu o primeiro arquivo enviado ao grupo. Os tópicos propostos para os debates são: relacionamentos (sua manutenção, não a busca de um relacionamento dentro do grupo), discussões de livros, adote um amigo (para orientação e aconselhamento), emprego, espiritualidade, famílias, responsabilidade financeira, saúde masculina e sexo. A partir destes tópicos, um documento norteador foi feito e fica exposto na área dos arquivos enviados para o grupo.

Outro arquivo enviado foi gerado também no planejamento da criação do grupo, que lista as atividades que o grupo poderia proporcionar. São estas: locais alternativos para os homens frequentarem, criar oportunidades para um diálogo significativo, ter atividades significativas, oportunidades para fazer amigos (com interesses em comum por exemplo), encontros com homens da mesma faixa etária e encontros periódicos.

Durante todo o período de observação deste local, somente um arquivo foi enviado, sendo que nele continham informações que alertavam sobre o uso de antibióticos para o tratamento da Shigelose no público gay dos Estados Unidos. Notavelmente as publicações são as engrenagens que movem o grupo e as principais atividades de seus participantes.

5.2 APROXIMANDO-ME DOS PARTICIPANTES

Para que eu tivesse autorização para fazer as observações do grupo SDA KINSHIP MEN e então utilizar-me das informações colhidas neste ambiente para o trabalho, comuniquei primeiramente o diretor dos coordenadores da organização, que também é o administrador do grupo na rede social Facebook, e indaguei com ele por mensagens privadas sobre meu projeto, explicando o porquê de fazer aquele trabalho com aquele grupo, mostrando quais eram meus objetivos e como faria tal investigação.

Após ter perguntado a ele o que achava da ideia, me respondeu que era boa e que daria um bom estudo. Ao pensar com ele sobre como abordar os membros do grupo e solicitá-los a autorização de realizar a pesquisa, este diretor me pediu, então, que escrevesse um parágrafo ao grupo me apresentando de forma mais aprofundada, dizendo o que eu estava estudando e qual era a questão do meu trabalho. Pediu também que informasse aos membros que queria usar suas postagens no grupo, mas que ninguém seria exposto nem teria sua identidade revelada, podendo então continuar se expressando da forma como sempre faziam. Também pediu que revelasse ao grupo que eu tinha discutido sobre isso antes com ele e que ele mesmo permitiu que o trabalho fosse feito a partir do ponto de vista da confidencialidade da organização. Me sugeriu que antes de ser postado, mostrasse a ele o parágrafo para que ele pudesse lê-lo. Assim o fiz. Ele prontamente respondeu a mensagem que continha tal parágrafo e sugeriu alguns adendos. Encorajou-me a postar o parágrafo e esperar a reação dos participantes do grupo. A carta completa de permissão de uso das informações pode ser encontrada no Anexo 2.

O resultado desta postagem em números obteve 40 curtidas e 63 comentários. A maioria dos comentários continha frases mostrando interesse tanto no resultado do estudo quanto em auxiliar na realização dele, encorajando-me que começasse o trabalho prontamente, sem nenhuma objeção. Alguns dos comentários demonstravam abertura e disposição para dar informações pessoais que poderiam ajudar na elaboração da pesquisa, e outros até mesmo já davam depoimentos e históricos de vida, apresentando a vontade de externalizar suas experiências e trajetórias.

Um dos primeiros comentários, além de apoiar a ideia da pesquisa, registrou o empenho de alguns dos participantes em manterem sua identidade

cristã e adventista ainda sendo da comunidade LGBT. Seu nome será alterado para manter a confidencialidade do grupo.

Tomé: *"Que ótima maneira de expor o nosso interesse e convicções, mostrando que, mesmo sendo gays, somos e seremos sempre cristãos, crentes na Igreja Adventista do Sétimo Dia. Embora eu não seja cadastrado em nenhuma congregação, eu sempre fui de alguma forma ativo em algumas de nossas igrejas e outras congregações cristãs"* - tradução minha do inglês ao português.

Testemunhos como este demonstram uma dualidade de sentimentos voltados a este local de congregação. A igreja, muitas vezes demonizada por gerar sofrimento psíquico e social por conta da exclusão social, da violência e de outros tipos de discriminação que são encontrados ali, é também um espaço de acolhimento, de bem-estar, de criação de vínculos sociais, que pode dar uma sensação de pertencimento, de possibilidade de ascensão social, de crescimento intelectual e artístico, de aprendizado espiritual, de acesso a informações de saúde e educação, como também de segurança e enfrentamento a outros geradores de violência e perigos encontrados em suas vidas. A igreja e a teologia fornecem respostas para muitos questionamentos complexos que são consideradas suficientes por uma diversidade de pessoas. Caso a IASD não exercesse tamanha influencia existencial sobre a vida de seus membros, um grupo de apoio a comunidade LGBT específico para esta congregação não se formaria nem se tornaria necessário.

Um participante, que chamarei pelo codinome de Bartolomeu, questionou se minha pesquisa tinha a intenção de lidar com a masculinidade com um objetivo de formar uma escala de masculinidade, em que os membros do grupo poderiam ser, por seus posts, caracterizados como mais ou menos masculinos. Ao respondê-lo que existem muitas maneiras de expressar a masculinidade e que todas elas eram dignas de respeito e consideração, acrescentei, então, que ninguém pode julgar o quão masculino uma pessoa é, sendo que em meu trabalho nunca faria este tipo de atribuição.

Outro participante, que trocarei seu nome para Lucas, espontaneamente opinou sobre o problema que pode surgir caso um comportamento seja julgado como digno ou indigno com base na noção do outro (sendo o outro aquele que prega a masculinidade hegemônica) de masculinidade, como também de

depender deste outro para ser incluído socialmente. Ao falar sobre como os homens do grupo se comportam, ele diz:

Lucas: *"Pelo meu contato pessoal com o grupo Kin-Men, eles gostam de fazer uma variedade de atividades e interesses que os 'outros' fazem nas diversas faixas etárias e personalidades. Ser considerado 'convencional' pelos 'outros' é às vezes um problema, como também ser considerado 'digno' de ser incluído pelo 'outro'. Uma enorme questão pautada pelo 'outro' é Como pode um(a) GLBT ser tão religioso(a) e espiritual quanto 'eu', e amar a Deus e ser amado por Deus, tanto quanto 'eu' sou, enquanto eu não faço essas atividades 'terríveis', tais como não namorar meninas [e namorar meninos sendo eu um cara] ou meninos [e namorar meninas sendo eu uma mulher]? Há também um amplo espectro de aceitação versus não-aceitação por diversos grupos religiosos versus não-religiosos"* – tradução minha do inglês ao português.

De forma implícita, o participante denuncia como uma performatividade convencional, ou seja, não caracterizada como gay, provinda do público LGBT pode reforçar atos de exclusão social que aceitem somente aqueles com uma conduta masculina adequada. A aceitação criteriosa, ou rejeição velada, é pelo comentarista exemplificada ao descrever os ambientes, não só religiosos, que podem ter esta atitude frente a masculinidade. Como Natividade (2010) já tinha observado no ambiente religioso, "as influências religiosas locais e os modelos culturais globais colaboram na construção de convenções que estabelecem como deve ser o homossexual de vida cristã: não efeminado, discreto, monogâmico, responsável e um cidadão consciente" (p. 112).

Carrara (2005) também fez menção a este modo de exclusão, mas fora da igreja, ao levar em consideração dados de pesquisas feitas nas paradas de orgulho LGBT em São Paulo e no Rio de Janeiro que concluíam que um comportamento "feminino" parece politicamente incorreto para os homens gays por aumentar o preconceito do resto da sociedade a eles. O autor afirma que estes dados são alarmantes porque apontam para uma reação à discriminação que simplesmente desvia o preconceito a um subgrupo mais vulnerável à crítica - neste caso quem tem "comportamentos femininos".

Neste mesmo primeiro contato, outros participantes, que serão sempre mencionados por nomes fictícios, decidiram dar depoimentos rápidos que

conectavam suas vidas com a minha. Ao falar que eu era filho de pastor na publicação que pedia a autorização dos participantes para o estudo, alguns se sensibilizaram por terem comigo um ponto em comum e comentaram:

Pedro: *"... conte comigo [para esta pesquisa] também – e como eu sou um filho de pastor tenho certeza que temos algumas histórias em comum. Eu não fui excluído da igreja, no entanto, fui [excluído] da minha família. Tenho me proposto a me restabelecer com ela durante muitos anos desde que saí. Neste natal será a primeira vez em 14 anos que estaremos juntos, e a 2 anos atrás foi a nossa primeira Ação de Graças juntos em 12 anos (eu estive longe por mais de 20 anos)... com muita busca profunda tenho encontrado o perdão continuamente em vários níveis. Alguns deste grupo testemunharam as atrocidades das ações dos meus familiares e tentaram intervir no momento. E por mais que eu tenha um desejo espiritual, eu não consigo retornar à igreja. Eu não compartilho muito a minha história porque ela não auxilia na minha busca de perdoar nem promove o processo de cura que tenho com minha família"* – tradução minha do inglês ao português.

André: "*Eu também sou filho de um pregador, embora não da IASD, mas fui excluído da IASD por namorar um filho de pastor adventista. (E meu pai, pastor não adventista também me excomungou)"* – tradução minha do inglês ao português.

Tiago: *"Como sou o filho de um professor universitário adventista aposentado, e trabalhador da igreja, e ligado a muitos pastores, fui excluído da IASD, embora tenha recebido meu diploma universitário numa universidade adventista. Passei muitos anos bravo, triste, mas percebi que isso não era produtivo, o que me fez desejar não permanecer naquele lugar por mais tempo. Sinceramente, fiquei desinteressado na doutrina da igreja por muitos anos, mas durante o ano passado comecei a visitar e frequentar a igreja no sábado, já que consegui encontrar uma igreja na Flórida que é muito acolhedora e que me forneceu um ambiente sincero para congregar* – tradução minha do inglês ao português.

São evidentes as experiências de marginalização sofridas por estes filhos de ministros da igreja. Ser um filho de pastor pode muitas vezes perturbar a vida do sujeito por ele ter que ser exemplo para muitas pessoas que se espelham nele,

como também na família do pastor. O peso de estar sempre no centro das atenções da comunidade, ainda mais sendo homossexual, pode gerar muitos conflitos psicossociais e causar ainda maior medo do julgamento e do isolamento social pelas discriminações por vezes disseminadas neste ambiente. A exclusão de um membro da igreja torna a experiência ainda mais sofrida, já que para ser excluído o caso deve ser apresentado publicamente a toda a igreja para a votação da expulsão. Com a exclusão de um filho de pastor, uma exposição da família pastoral pode também causar o descrédito do pastor, gerando dúvidas sobre sua capacidade de liderar uma família, como também uma comunidade, perante os membros da igreja. O fato do pastor ser considerado um homem escolhido e chamado por deus para liderar um grupo de pessoas gera em muitos membros a ideia de uma pessoa infalível, espiritualmente seguro, capaz de modelar as pessoas de acordo com sua crença e competente para lidar com os relacionamentos interpessoais. Questionar estas habilidades é duvidar da autoridade divina de escolher e capacitar seus discípulos ou duvidar se este pastor foi legitimamente chamado por deus. Lidar com todas estas questões sendo filho de pastor é muitas vezes demasiado pesado e coloca também nas mãos daquele a responsabilidade da reputação do pai.

Outros comentários demonstraram apoio a estes filhos de pastores que sofreram a exclusão social, encorajando-os a manterem sua jornada espiritual em ambientes mais acolhedores.

João: *“Sinto muito ao ler sobre pessoas que são excluídas. Não deixem que esmoreçam sua fé, encontre uma outra igreja, há algumas igrejas incríveis, e se não, lembre-se que estamos todos nas mãos e nos pés de Jesus, nós somos a igreja”* – tradução minha do inglês ao português.

Esta foi a primeira vez que percebi que grande parte dos diálogos não aconteciam somente de forma vertical - de quem faz o comentário com quem fez a publicação - mas também de maneira horizontal - entre as pessoas que opinam sobre a publicação. As vezes as publicações foram meros gatilhos para discussões mais densas baseadas nos comentários gerados pelas publicações.

Outra importante questão levantada nos comentários por um dos membros do grupo foi sobre que premissas o estudo foi baseado para acontecer.

Este participante se preocupou se a pesquisa não estaria fomentando ainda mais um estereotipo negativo para os homens gays deste grupo.

Mateus: "... *parece que o seu estudo é baseado em uma suposição muito interessante - falta de apoio / opressão = menos masculinidade, mais apoio / saída do armário = mais masculinidade. Eu não acho que isso é verdade. Além disso, a fim de evitar uma interpretação aviesada, você não poderia ver as fotos de perfil daqueles que escrevem as publicações. Caso contrário, você estaria fazendo suposições sobre a masculinidade deles por suas imagens de perfil, e não unicamente com base no conteúdo de suas mensagens. Finalmente, você já ouviu falar do site do straightacting.com para rapazes "que gostam de esportes, de trocar o óleo do seu próprio carro, ou que simplesmente não se encaixam no estereótipo efeminado" (do website)? Quando você lê descrições como esta, muitas vezes parece que o estereótipo de masculinidade é quase uma homofobia revertida dentro de círculos LGBT - gays tentando afirmar os ideais masculinos tradicionais. A sociedade detém essa percepção de que os homens gays não são masculinos, e se alguém internalizar essa noção ela pode ter uma influência negativa em sua autoimagem, em seu emocional e na sua vida sexual. Se você fizer alguma pesquisa bibliográfica, você vai ver a reação adversa dos ideais de masculinidade nos homens homossexuais. Esse ideal definitivamente não vai ser descrito como algo positivo e cultivado dentro de um grupo online… Eu estou estudando sobre a prevenção do HIV e posso ver como os estereótipos da masculinidade influenciam comportamentos arriscados ou percepções arriscadas "* - tradução minha do inglês ao português.

Tal preocupação apresenta claramente como alguns dos participantes do grupo se mobilizam para defender uma visão diversificada sobre a masculinidade, se posicionando contra uma visão heteronormativa e opressora sobre os ideais de performatividade masculina. Demonstra uma atitude de resistência frente a qualquer ideia que venha perturbar o estado de bem-estar conquistado pelo grupo que, com coragem, conseguiu estabelecer um espaço seguro para viver e se expressar autenticamente diante do sofrimento social vivenciado no ambiente religioso.

Ainda assim, o grupo não deixa de demonstrar sua diversidade, gerando nesta mesma publicação a discussão sobre as possíveis implicações das diferentes opiniões sobre um mesmo assunto entre os membros da organização.

Marcos: "*Minha experiência nesta página é a de que a tentativa de explicar seu ponto de vista particular sobre a masculinidade pode repercutir negativamente em algumas pessoas que tomam essas opiniões como ofensivas para si mesmas"* - tradução minha do inglês ao português.

Dado o pontapé inicial de primeiro contato com os participantes do grupo e após as devidas explicações sobre as hipóteses e as premissas deste estudo, o diretor dos coordenadores me contatou dizendo que as respostas positivas e o diálogo gerado neste primeiro contato já demonstravam que houve boa aderência do grupo perante o estudo, tendo eu, então, evidentes permissões para que o estudo fosse iniciado.

5.3 O DIA A DIA DO GRUPO

Após meu primeiro contato com os participantes, me calei diante das publicações para deixar os membros do grupo a vontade. Durante meus 9 meses de observação, não percebi uma época em que se publicava mais ou menos frequentemente. Os participantes mais assíduos eram norte-americanos ou de países de língua inglesa, havendo poucas inclusões de participantes brasileiros nas discussões do grupo.

As publicações aconteciam diariamente, entretanto não eram em grande quantidade.

Obviamente muitas das postagens se baseavam nos acontecimentos específicos da época do ano em que os participantes se encontravam, havendo

mais publicações sobre assuntos natalinos no natal por exemplo, ou sobre política na época dos comícios preparatórios para as eleições.

Os comentários e curtidas também indicavam as postagens que mais comoviam os participantes, estando elas geralmente relacionadas ao corpo masculino e às histórias e experiências de vida, como veremos adiante.

Foram computadas 507 postagens de Maio de 2015 a Janeiro de 2016. Todas elas foram catalogadas em 13 temas, sendo eles:

- Religião especificamente
- Religião e homossexualidade
- Opiniões sobre masculinidade representada na moda e na vestimenta
- Opiniões sobre masculinidade representada em sua performatividade (dança, comportamentos sexuais, jeito de se apresentar, atitudes, preferências artísticas, relacionamentos)
- Opiniões sobre masculinidade representada no corpo, na saúde, na beleza (aparência), no envelhecimento
- Opiniões sobre sexualidade especificamente
- Opiniões sobre política e sexualidade
- Depoimentos, opiniões, desejos, recados sobre a vida não relacionados a masculinidade, sexualidade ou religião (notícias, arte, cultura, política, disciplina, autoajuda, relacionamentos, piadas, mensagens motivacionais, natureza)
- Depoimentos sobre aceitação da sexualidade na família e com amigos
- Depoimentos sobre o sofrimento social em geral pela masculinidade e sexualidade não heteronormativa (família, igreja, comunidade)
- Depoimentos e notícias sobre sofrimento social e fatos associados ao HIV/DST
- Depoimentos sobre bem-estar e gratidão
- Desejos, recados, perguntas, artigos e arte de apoio a comunidade e a diversidade sexual e de gênero
- Piadas relacionadas a homossexualidade/masculinidade

- Boas-vindas por haver um novo integrante se juntando ao grupo

As postagens mais frequentes estavam relacionadas aos depoimentos, opiniões, desejos e recados sobre a vida não relacionados a masculinidade, sexualidade e religião, contabilizando 103 postagens durante todo este tempo de observação. As postagens menos frequentes foram os depoimentos sobre a aceitação da sexualidade na família e com amigos, estando estes depoimentos de aceitação em 7 postagens.

Focando nas postagens que poderiam mais claramente fazer alusão a masculinidade e ao que poderia constituir a ideia de ser homem pelos membros do grupo, contabilizei 137 postagens, sendo delas 81 publicações sobre corpo, saúde, beleza (aparência) e envelhecimento, 39 sobre performatividade (formas de se comportar, dança, sexualidade, atitudes, preferências artísticas, relacionamentos) e 17 sobre moda e vestimenta.

A Tabela 3 resume os dados obtidos pela observação da atividade no grupo no período previsto.

Publicações dos membros do grupo de maio de 2015 a janeiro de 2016		
Tema	**Total**	**Ranking**
Religião	56	4
Religião e homossexualidade	29	8
Opiniões sobre Masculinidade: moda, vestimenta	17	9
Opiniões sobre Masculinidade: corpo, saúde, beleza (aparência), envelhecimento	81	3
Opiniões sobre Masculinidade: performatividade (dança, sexualidade, atos, atitudes, preferências artísticas, relacionamentos)	39	6

Opiniões sobre Sexualidade	15	10
Opiniões sobre política e sexualidade	11	12
Depoimentos, opiniões, desejos, recados sobre a vida não relacionados a masculinidade, sexualidade e religião (notícias, arte, cultura, política, disciplina, autoajuda, relacionamentos, piadas, motivacionais, natureza)	103	1
Depoimentos sobre aceitação da sexualidade na família e com amigos	7	13
Depoimentos sobre sofrimento social em geral pela masculinidade e sexualidade não heteronormativa (família, igreja, comunidade)	33	7
Depoimentos e notícias sobre sofrimento social e fatos associados ao HIV/DST	17	9
Depoimentos sobre bem-estar	12	11
Desejos, recados, perguntas, artigos, arte de apoio a comunidade e a diversidade sexual e de gênero	95	2
Piadas relacionadas a homossexualidade/masculinidade	40	6
Boas-vindas	46	5

A dinâmica cotidiana do grupo não é de constante questionamento de conceitos sobre gênero e sexualidade ou de discussões levadas a cabo sobre o sofrimento social dentro do ambiente religioso. O número de publicações sobre curiosidades em geral, assuntos considerados interessantes por serem atuais, temas que chamaram atenção internacionalmente, coisas ou lugares tidos como bonitos ou ideias sobre ações que trarão melhor qualidade de vida, por exemplo, lidera o ranking das conversas do grupo. As trivialidades que envolvem a vida dos participantes são mais frequentemente apresentadas por eles neste grupo do que suas preocupações voltadas a ocupação que pertence a eles na sociedade como homens gays.

Isso não significa, entretanto, que o tema do sofrimento social por uma masculinidade não hegemônica não seja importante para o grupo. De fato, foi este o porquê desta comunidade ter sido formada.

Isso também não significa que a sexualidade e o gênero não farão parte deste repertório de publicações. Em segundo lugar no ranking de postagens, encontram-se aquelas que apoiam a diversidade de gênero e de sexualidade através de imagens, frases, vídeos e notícias. Em contraponto ao que se encontra no discurso religioso sobre a homossexualidade fora do grupo, as expressões de apoio dentro dele reforçam no grupo a sensação de acolhimento e motivação, validando para seus membros seus desejos, sentimentos e atração sexual por pessoas de mesmo sexo como sendo legítimos, dignos e pertencentes à diversidade das possibilidades de ser no mundo, distantes das aberrações e abominações neles projetadas pela igreja.

Mesmo assim, a religião é um dos temas que aparece mais frequentemente entre os participantes do grupo. Muitas vezes mensagens para meditação eram publicadas com o intuito de levar os integrantes a se conectarem com o divino pela leitura de textos bíblicos. Noutras vezes, publicavam-se textos que faziam interpretações das eventualidades da vida como frutos do cuidado, do amor, do direcionamento ou dos planos divinos para a humanidade, sendo importante a proximidade dos participantes do grupo a Deus para uma maior sensação de plenitude de vida.

Ainda que o grupo se distancie dos fundamentos da igreja com relação à interpretação dela sobre a homossexualidade e o gênero, alguns membros do grupo demonstraram uma grande preocupação em reforçar no grupo os fatores que os diferenciam dos demais cristãos, publicando notícias, artigos e mensagens que validam a crença adventista como a versão mais verdadeira entre os cristianismos. O cuidado com a manutenção das doutrinas que garantem uma identidade diferenciada da IASD frente as outras igrejas por mensagens que falam sobre a verdade revelada, o sábado, as orientações de saúde e a firmeza em não fazer acordos de união com outras igrejas, principalmente com a católica, foi reproduzido neste grupo da mesma maneira como é usualmente fomentado pela igreja.

Entretanto, ainda que a identidade adventista seja muito marcante nas postagens, nem sempre as publicações sobre religião eram fundamentadas nos princípios exclusivos da IASD. Muitas publicações que demonstravam a possibilidade de ser gay e cristão eram menos exclusivistas e mais acolhedoras,

fundamentando-se no amor e não exclusão ou repreensão de deus a todos os seres humanos, inclusive à comunidade LGBT. Algumas postagens pareciam ter um cunho generalista de cristianismo, ou até mesmo ecumênico. Outras tinham conteúdos de origem cristã não adventista que não caracterizavam a diversidade sexual como pecado diante de Deus.

Vale relembrar, mesmo assim, que também existe um livro que fala sobre as perspectivas adventistas sobre a homossexualidade como alternativa inclusiva para quem quiser conciliar a integralidade de sua vida (que abarca a sexualidade) com sua fé, como também um filme documentário que apresenta casais homossexuais que lutam para permanecer e manter sua fé na IASD. Ambos os trabalhos são promovidos pelo próprio site da SDA KINSHIP.

Não me debruçarei nos dados que vão além daqueles que estão voltados especificamente às questões de masculinidade, ainda que todos estes assuntos anteriores possam de alguma maneira ser associados à forma como o grupo discuta seu conceito. Focarei, então, naquilo que representa a masculinidade para o grupo por meio das publicações que seus membros fizeram.

5.3.1 A Masculinidade nos Corpos

Este foi o tema referente à masculinidade mais citado durante todo o período de observação. Existe uma discussão muito frequente pelos membros do grupo com relação à apresentação dos corpos masculinos e como estes corpos representam sua masculinidade.

De acordo com Connel e Messerschmidt (2013),

> “os corpos estão envolvidos mais ativamente, mais intimamente e mais intrinsecamente em processos sociais do que a teoria usualmente lhes permitiu. Os corpos participam na ação social ao delinearem os cursos da conduta social – o corpo como participante da geração de práticas sociais. É importante que não apenas as masculinidades sejam entendidas

> como encorporadas, mas também que sejam tratados os entrelaçamentos das encorporações com os contextos sociais" (p. 269).

O tema da imagem corporal é rotineiramente abordado por imagens, por notícias, por comentários e por vídeos que são amplamente divulgados pela mídia e republicados no grupo. Muitas vezes este conteúdo fomenta discussões sobre o autoconceito formado pela imagem corporal e as implicações com relação a ela numa sociedade que dita parâmetros ideais de beleza e saúde.

Falcão (2015), estudando sobre o conteúdo fotográfico de uma das revistas masculinas mais consumidas no Brasil, analisou as imagens colocadas neste periódico de homens com modelos físicos musculosos que são considerados ideais. Ela conclui que tais imagens iludem os leitores ao induzirem a crença de que o mesmo resultado físico destes homens fotografados pode ser alcançado por meio das orientações fornecidas pela revista, sem mostrarem que estes modelos fotografados têm o corpo como prioridade principal em suas carreiras, diferentemente da realidade da grande maioria dos leitores.

> "Tendo esses homens como exemplos físicos, cria-se assim a necessidade de se chegar àquele padrão corporal, mas para a eterna frustração e para a grande maioria, seja por questões raciais, de estrutura física, de tempo, de dinheiro, ou por qualquer outro fator, o resultado provavelmente não poderá ser o mesmo. Essas imagens não têm então uma preocupação em criar uma identificação, ser uma espécie de espelho real do público leitor. Elas são como um espelho criado de um corpo ideal (pelos produtores de tal bem simbólico) ao mesmo tempo que cria, para esse mesmo público, um espelho de sonho, de possibilidade que o leitor possa vir a alcançar" (p. 32).

Ainda que a demonstração de corpos musculosos, torneados, joviais, com rostos de pessoas consideradas bonitas e atraentes principalmente pelo mundo ocidental seja também promovida no grupo, existe, da mesma forma, um discurso contrário muito forte entre seus membros que questiona justamente este padrão de beleza ideal imposto pela mídia e que denuncia os prejuízos da supervalorização de padrões de corpo, de beleza e de busca incessante pela juventude que evita ao máximo os efeitos do envelhecimento. As diversas postagens evidenciam esta ambivalência.

Por um lado, algumas publicações mostram homens fortes, com o dorso ou boa parte do corpo desnudo, com os músculos corporais trabalhados pelos exercícios físicos, com aparência jovem, sem rugas e com rostos considerados modelos de beleza, contendo frases e comentários que enaltecem estes homens como atraentes e bonitos e promovem o desejo de ser assim ou ter alguém assim.

Foi interessante ver que muitas das postagens que expunham partes dos corpos masculinos considerados bonitos e musculosos não tinham como ênfase focar a beleza física do homem, mas usaram dela como acessório para chamar a atenção para o outro objetivo da publicação, como, por exemplo, desejar feliz natal ou feliz aniversário, ou outras festividades, incentivar o casamento gay e outros temas ligados aos direitos LGBT, elogiar veteranos de guerra, elogiar um artista ou personagem, apresentar um artigo sobre culinária ou saúde e estilo de vida, exaltar alguma profissão ou esporte, mostrar um estilo de roupa, etc. Muitas destas publicações eram apresentadas por homens principalmente sem camisa ou usando somente uma peça de roupa, como uma bermuda ou uma sunga. Não percebi, entretanto, este comportamento como típico da comunidade gay. Esta prática é evidente em nossa sociedade; é um hábito cultural ocidental que usa de corpos masculinos e femininos considerados modelos de beleza para promover outras ações e vender outros produtos nos diversos meios e mercados das demais áreas humanas.

Por outro lado, outras publicações questionam o conceito de beleza, questionam quem são as pessoas que julgam quem é o mais bonito ou o mais sexy, questionam quais seriam os padrões para chegar a tais conclusões, relativizam a beleza, dizem que as diversas culturas e pessoas concebem a beleza do corpo de maneira diferente e criticam a tentativa do homem gay de querer se enquadrar a padrões de beleza pautados pela moda, denunciando os malefícios à saúde mental, como a depressão, instigados por esta busca pelo corpo e aparência ideais. Da mesma maneira, questiona-se a forma como o corpo jovem é supervalorizado frente a uma discriminação e desvalorização do homem mais velho.

Um dos comentários de uma publicação que fomentava as opiniões dos participantes do grupo sobre a imagem corporal citou uma hipótese sobre o porquê da importância que homens gays dão ao corpo musculoso:

Judas: "*O fato de muitos homens quererem uma aparência forte ou mesmo muscular pode estar associada a crise da AIDS da década de 1980, quando homens não queriam outros homens que pareciam doentes. Infelizmente, isso permaneceu até hoje*" – tradução minha do inglês ao português.

Outra notícia publicada que denunciava como a comunidade gay não notava outros homens que não eram musculosos, gerou 10 comentários que criticavam este comportamento e que, ao contrário do que o artigo apontava sobre o que comunidade faz, diziam que se atraiam por homens do dia-a-dia, com aspectos naturais, sem serem necessariamente fortes, perfeitos e bonitos, sendo que homens considerados normais, ou seja, não encaixados nos moldes de beleza, também poderiam ser considerados bonitos. Um destes comentários associou os homens que se acercam de outros por uma beleza física determinada como superficiais:

Eliseu: "*Não posso descrever quantos caras se aproximaram de mim agora que eu perdi peso e estou ficando forte, inclusive alguns caras com quem eu tentava me comunicar. Eu não os acuso. Pode soar amargo, mas não estou interessado em pessoas superficiais, que se aproximarm agora só porque eu me encaixo nos padrões"* – tradução minha do inglês ao português.

Outro comentário também considerou a aceitação do próprio corpo como importante:

Jacó: "*muitos de nós temos simplesmente que respirar fundo e aceitar o fato que nós nunca vamos nos encaixar ao molde do garoto/homem gay bonitinho. É um lugar divertido de estar – na verdade não – mas felizmente, conseguir transitar por esta vida percebendo que ainda existem aqueles que vão gostar de nós, isso é um sentimento muito bom"* – tradução minha do inglês ao português.

De modo a criticar a ideia do corpo perfeito, uma propaganda de cuecas que fala sobre aceitação do próprio corpo e a celebração de tipos diferentes de corpos que não sejam fortes e musculosos como a mídia e a indústria da moda estimulam também foi publicada. A propaganda dizia que não são só as mulheres que se sentem inseguras com relação a seus corpos, e que é normal que os homens também se sintam inseguros com sua aparência. A propaganda também dizia que homens não precisam ser sempre fortes fisica ou emocionalmente. Tal postagem rendeu 18 curtidas, 2 compartilhamentos e 3 comentários, sendo que um falava que já era hora disso ter sido dito no grupo, demonstrando o desconforto frente ao apelo ao corpo perfeito sem a discussão do sofrimento que existe quando o próprio corpo não é compatível com o conceito. Outro comentário

também ressaltou que o homem chamado de “urso” também deveria sentir tanto orgulho de seu corpo quanto o homem musculoso.

Quanto a esta tipologia de homem “urso”, caracterizada principalmente por homens peludos e grandes ou gordos, poucas publicações enaltecem o tipo físico. Uma publicação usou da fama de um modelo masculino de roupas extragrandes para elogiar estes corpos e falar que homens assim deveriam se sentir confortáveis com seus próprios corpos, enfatizando também a necessidade da diversidade.

Ainda que hajam publicações sobre as diversidades de corpos ideais dentro do espectro de saúde e beleza, a maioria delas mostra homens jovens, brancos e fortes. Homens mais magros e de outras etnias, como negros, pardos e asiáticos também aparecem, mas em menor frequência.

O papel do enquadramento cultural, em que a maioria das pessoas que publica no grupo fala inglês, tem forte influência para que estes outros corpos apareçam menos, já que a maioria dos participantes vem de locais que ressaltam a beleza de corpos brancos em geral, ainda que possam indicar beleza em outras etnias.

O racismo também é criticado quando uma publicação revela quão racista uma comunidade gay pode ser demonstrando tal fato num vídeo que mostrava notas de perfis de um aplicativo de relacionamento gay que rechaçavam veementemente algumas etnias e tipos físicos. Esta publicação comentava que muitas vezes não se percebe a influência da mídia quanto as preferências e atributos considerados desejáveis num homem, o que pôde ser percebido neste aplicativo. A publicação não chamou muito a atenção, recebendo somente 4 curtidas.

Outras postagens como a presença ou ausência de pelos no corpo, que focam principalmente o uso da barba, foram publicadas no sentido de demonstrarem a possibilidade da variabilidade da beleza. Entretanto, estes corpos considerados bonitos mesmo sendo peludos eram expostos por homens geralmente musculosos e em forma. Os corpos peludos mais magros e sedentários, como também os corpos de homens com maior tecido adiposo apareceram raramente como exemplo de beleza.

Ao deparar-me com tantas publicações sobre o corpo e as implicações sobre ele citadas, comecei a sugerir a mim mesmo que a masculinidade deste grupo específico de homens se pautava de maneira consistente em questões materiais, corporais, objetivas. Surpreendi-me quando uma postagem foi mais além da questão do corpo e se debruçou na intersubjetividade, nas relações e em como as personalidades destes corpos transformavam o conceito de beleza, tão frequentemente atribuído às questões da masculinidade.

Muito interessante observar a beleza colocada em pauta como somente uma parte do processo de encontro dos parceiros para a manutenção de uma relação. Algumas publicações apresentaram formas de se relacionar que nem levam em consideração o corpo, mas sim os diálogos. Uma delas tratava sobre um aplicativo de relacionamentos que usa de figuras de monstros humanos como personagens para que os participantes consigam se relacionar de forma mais aberta e inclusiva, aceitando os corpos diferentes que a mídia apresenta como ideais.

Noutra publicação que apresentava um artigo intitulado “O que a beleza realmente significa para gays”, uma discussão tomou rumos à ideia de que não quer dizer que alguém é bonito que este servirá para um relacionamento. Um membro citou que o conceito de beleza é fluido e muda de acordo com a época. Outro adicionou que a personalidade é o fator que realmente faz a diferença na manutenção da relação, ideia esta que foi corroborada por outros comentários que afirmavam que outros fatores podem modificar nossa percepção de beleza, o que faz com que pessoas não atraentes por conta de outas características se tornem atraentes ou vice-versa. Esta discussão me fez reinterpretar o que tinha postulado sobre as nuances das bases da masculinidade da comunidade, levando-me a considerar a relação entre as pessoas como fator importante para a concepção de um homem desejável ou mesmo exemplar.

A idade avançada também foi citada como fator de importância pelo grupo. Alguns comentários de homens mais velhos se queixavam, dizendo que muitas pessoas acreditam que passando de uma determinada idade, homens gays não mais existiam e não poderiam oferecer mais nada a esta comunidade.

Uma publicação mostrou homens sexys da terceira idade, mas nenhum estava acima do peso; todos tinham um corpo tonificado e a maioria das fotos mostrava o corpo forte desnudo.

Um integrante observou que a velhice poderia ser usada de forma pejorativa na comunidade gay:

Matias: "*Eu tendo a nunca interagir com jovens gays, por causa do medo de parecer um ogro no meio deles*" – tradução minha do inglês ao português.

Em outra publicação sobre o envelhecimento, geraram-se muitos comentários por esta apresentar um artigo que abordava a possibilidade do surgimento da depressão por conta da velhice em homens gays pela supervalorização da comunidade gay de corpos jovens e bonitos. Um comentário descreveu como um participante lida psicologicamente com sua idade avançada.

Moisés: "*Já que eu tenho 84 anos, o tema me interessa. Tenho um marido mais jovem do que eu e outros relacionamentos. Todos os dias eu faço algo divertido pra mim e tento sair da casa para fazer compras, ter encontros sociais e fazer exercício. Ao escrever uma obra que está prestes a ser publicada sobre minhas memórias de vida, não estou fazendo apenas uma autoterapia, mas estou realmente criando uma montagem de histórias, poemas e aquarelas que eu acredito que preencherão meu mundo de muitas dimensões*" – tradução minha do inglês ao português.

Outro membro do grupo também comentou sobre a prioridade das aparências físicas e o envelhecimento.

Calebe: "*Há uma linha tênue entre o envelhecimento, ter menos amigos ao envelhecer e ter amizades mais fortes como resultado do envelhecimento versus tentar manter-se jovem ou buscar a juventude, tentando ser algo que não somos. Se as nossas prioridades estão na aparência física - o que é proeminente na cultura gay - há um vazio à medida que envelhecemos, e essa lacuna pode ser devastadora"* – tradução minha do inglês ao português.

Num determinado momento, uma publicação chamou a atenção dos participantes quando mostrou uma notícia falando que homens mais velhos eram melhores namorados. Dentre todos os comentários, o que mais me chamou a atenção foi o de um participante que ressaltou:

Daniel: "*Eu já fiquei com homens mais novos e hoje estou com um homem mais velho. Pessoas podem ser imaturas em qualquer idade*" – tradução minha do inglês ao português.

A mim, o que mais impactou não foi o fato do participante ter discordado da notícia ou dos comentários que reforçavam a publicação, mas sim de ter fomentado a ideia da diversidade em todos os aspectos até mesmo na questão da maturidade. Com isso, sinalizou o perigo da generalização quando, na maioria das publicações, o grupo tende a adotar as ideias mais generalistas dos conceitos, tanto de beleza quanto de sabedoria, saúde, etc. Este participante ousou questionar uma publicação postada com o intuito de defender a reputação dos homens mais velhos como pessoas mais sábias avisando que tal intenção não pode generalizar a classe de homens mais velhos da mesma forma como a generalização das outras categorias tampouco é plausível. Novamente, questões de personalidade e de relação interpessoal entraram em discussão e quebraram a hegemonia da beleza física como a única área temática da masculinidade.

O tamanho do pênis foi citado em três publicações para a consideração dos membros do grupo. Somente o fato da questão ter sido levantada demonstra que este assunto também ronda o imaginário de alguns dos membros e pode ser um tema importante para eles, como o é para muitos homens que veem esse tipo de assunto com certa insegurança.

Numa das vezes que este assunto tomou frente, a publicação encorajava homens com pênis menores que os dos atores de filmes pornográficos a se aceitarem e se amarem, pelo fato de que na realidade, a maioria dos pênis masculinos são menores que naqueles filmes. A publicação surtiu 18 curtidas, e 3 comentários. Todos eles incentivavam os demais homens a se orgulharem de seus pênis ainda que sejam considerados pequenos. Um deles citou:

Elias: "*Nunca subestime aqueles pequenos. Eles às vezes nos surpreenderão"* – tradução minha do inglês ao português.

Noutra vez, ter um pênis pequeno foi motivo de piada, mas esta foi logo contestada com outra piada que colocava em vantagem tais homens de pênis considerados pequenos.

5.3.2 A Masculinidade na Performatividade

Lido com o tema da performatividade neste trabalho usando o mesmo significado do conceito de expressão de gênero, na forma de se comportar, nos maneirismos, nos jeitos de reagir e conduzir, de demonstrar-se ou de atuar socialmente. Foi uma das questões que me mobilizaram para o engajamento no estudo de gênero. Fiquei ansioso em obter estes dados através da observação do grupo desde o início desta etnografia virtual. De fato, não foi uma questão que apareceu tão frequentemente nas publicações do grupo como as questões do corpo, por exemplo, mas no ranking da frequência de publicações ficou em sexto lugar entre os 13 colocados, numa posição mediana.

Ainda que muitas publicações somente tinham o objetivo de chamar atenção a um evento interessante ou divulgar notícias sobre a comunidade gay, era possível perceber que elas apresentavam uma representação da masculinidade e demonstravam uma visão da possibilidade de uma maior variabilidade do comportamento masculino.

Muitos comportamentos foram enaltecidos como possíveis e aceitáveis para a atuação do homem nas publicações do grupo, ainda que nestas a discussão da performatividade não entrasse em voga entre eles. Por exemplo: dois homens se cumprimentando com um beijo; a abertura para falar dos próprios sentimentos e emoções; os jeitos de se comunicar de maneira delicada – falando com um tom de voz mais agudo e mais delicadamente, gesticulando levemente as mãos e os braços enquanto fala, descansando a mão na cintura, o que seria considerado um jeito “efeminado” de falar –; a dança como demonstração de celebração e como forma de entretenimento mesmo quando o casal é composto por dois homens dançando em qualquer categoria de dança; a masturbação como um ato não condenável mesmo numa comunidade religiosa; relacionar-se com pessoas de gerações diferentes – quando numa lógica heteronormativa e conservadora o usual é ver homens se relacionando com mulheres da mesma idade ou mais jovens que eles, o que neste caso não se aplica e os conceitos se reinventam numa relação homossexual –; a não condenação da bissexualidade; o

respeito pela mulher e a luta pela não violência de gênero; o cuidado e a proximidade na vinculação entre pai e filho, podendo o pai ter uma atitude mais amorosa e emotiva do que castradora e rígida; a inclusão de gays em clubes esportivos como os de rúgbi.

A atitude de cuidar da saúde física, por exemplo, foi citada diversas vezes no grupo não somente com intuito estético, mas sim de manutenção da vida e da integridade do corpo. A possibilidade de um transplante peniano a homens sobreviventes de guerra, a importância de dormir sem cuecas ou com roupas largas para a saúde dos testículos na produção de espermatozoides, a necessidade de fazer exercícios e ter uma alimentação saudável para manter um bom metabolismo, a prática de ejacular frequentemente como hábito preventivo do câncer de próstata, as posições sexuais mais adequadas para o homem manter sua saúde proctológica, a possibilidade de novas tecnologias para exames proctológicos menos invasivos e os novos estudos para a promoção e o cuidado da saúde do homem, foram exemplos de temas dentre a masculinidade citados no grupo.

Este cuidado com a saúde e longevidade apareceu ao longo da observação, sendo que outras publicações sobre o tema também foram postadas no grupo ainda que não falassem necessariamente da saúde do homem, e sim da saúde do corpo humano em geral.

Algumas publicações sobre moda, beleza e estilo (masculinos e femininos) foram postadas e comentadas sem nenhuma resposta negativa e hostil de outros homens do grupo, o que demonstrou maior abertura e menor preocupação por parte dos participantes em excluir um assunto específico oposto àqueles que simbolizam a masculinidade ideal. Ou seja, a polaridade de temas que classifica aqueles que são necessariamente dos homens e outros das mulheres se dissolvia à medida que as publicações ocorriam no grupo sem que os membros dissessem abertamente que ser homem também abarca (ou pode abarcar) outras questões que socialmente não são do universo masculino.

Noutras vezes, era clara a mensagem do grupo de que o conceito de masculinidade deveria sofrer modificações para uma compreensão mais ampla de existência masculina. As publicações eram feitas justamente no sentido de

ressaltar quais seriam as maneiras possíveis que os homens, de sua comunidade ou não, poderiam ou deveriam atuar.

Um exemplo de postagens como estas apareceu logo no primeiro mês de observação, quando um membro do grupo ressaltou, através de um artigo da internet, que homens gays deveriam ser mais atenciosos e menos hostis uns como os outros, sendo mais sensíveis, falando mais educadamente e com mais frequência palavras de cortesia, incentivo e amabilidade. Outra publicação também apareceu com a mesma mensagem, entretanto falando que gays ativos deveriam ser mais atenciosos com seus parceiros passivos, sendo que os gays passivos deveriam receber mais respeito pela comunidade homossexual.

Em publicações posteriores, alguns vídeos foram publicados para demonstrar como a sociedade enfatiza a necessidade do homem de, desde pequeno, fazer escolhas voltadas a brinquedos específicos, amigos específicos, gestos específicos e ações específicas, sendo esta sociedade incentivada pela religião conservadora. Os vídeos também mostravam como esta norma piorava a sociabilização de determinados indivíduos que agiam de forma diferente em seu desenvolvimento, causando violência familiar por conta da suposta homossexualidade, maiores chances de ser expulso de casa, sendo a omissão dos próprios sentimentos as únicas formas de reconciliação com os pais em respeito a eles. Muitos membros do grupo disseram que estes vídeos os representavam, e muitas vezes exemplificavam a história de vida deles.

Um artigo publicado no grupo que se intitulava “Qual é o problema se as pessoas imaginam que você seja gay” explicava como todos recebem uma lavagem cerebral que faz pensar que temos que agir de uma certa maneira para sermos levados a sério. Tal artigo recebeu alguns comentários contra esta lavagem cerebral, sendo que um deles criticou o fato de que muito tempo é gasto desnecessariamente por muitos homens somente para que pudessem se adequar ao ambiente, sendo que este tempo poderia ser usado de maneira muito melhor e mais prazerosa.

A alta diversidade de opiniões que pode coexistir no meio gay com relação a representação da masculinidade foi amplamente demonstrada; dado que pode extrapolar esta comunidade e propor um maior diálogo que aborde e questione a

concepção de determinados comportamentos e atitudes como necessária e idealisticamente propriedade dos homens.

Uma das publicações que trouxe as reações mais marcantes para este estudo foi um artigo descrevendo o porquê de homens heterossexuais fazerem sexo com outros homens. Alguns membros do grupo responderam a esta publicação de forma a analisar este comportamento como uma fase do processo de aceitação da homossexualidade, que é composta pela negação da própria orientação sexual ainda que haja um engajamento em fazer sexo de acordo com esta orientação.

Abraão: "*É um processo para alguns que se inicia com todos os tipos de negações. Alguns de nós já estivemos por lá alguma vez*" – tradução minha do inglês ao português.

Isaque: "*... concordo com a declaração do Abraão. Começa com todos os tipos de negação mesmo. Eu já estive por lá, já fiz isso e não acredito que verdadeiros caras heterossexuais farão esse tipo de coisa, mas eu posso estar errado*" – tradução minha do inglês ao português.

Outros participantes, em contrapartida, aceitam a possibilidade do homem se relacionar sexualmente com pessoas do sexo oposto ao que eles são sexualmente orientados – por exemplo, homens heterossexuais tendo experiências sexuais com outros homens, ou homens homossexuais tendo experiências sexuais com outras mulheres – já que a experiência sexual humana pode ser muito vasta e não é ela quem dita e determina a sexualidade de uma pessoa.

Jacó: "*Homens heterossexuais de todas as raças, etnias e religiões, durante os períodos de suas vidas, se envolvem sexualmente com outros homens por todo o tipo de razão ou propósito*" – tradução minha do inglês ao português.

Rubem: "*Você não pode definir qual é a orientação sexual de outra pessoa. A sua jornada pessoal e experiência não podem ser usadas para definir o que os outros são. Em psicologia, orientação sexual, entre outras coisas, é definida como um padrão persistente de comportamento que se estende sobre o tempo de vida do indivíduo. Não há tal estudo feito para analisar quantas vezes esses homens estão tendo relações sexuais uns com os outros para que alguém*

consiga decidir se há ou não negação no processo" – tradução minha do inglês ao português.

Simeão: "*A concepção de heterossexualidade masculina da sociedade é irrealista e conveniente. Um cara fazer sexo (uma ou mais vezes) com outros homens não o torna homossexual tanto quanto um homem ter relações sexuais com uma mulher não o faz heterossexual. Não é a atividade que define a orientação. É o cérebro que determina a orientação. Abraão, você teve relações sexuais com uma mulher (deduzo isso porque você tem filhos biológicos), mas isso não significa automaticamente que você seja heterossexual. Você estava simplesmente fazendo sexo com o sexo oposto de forma que produziu filhos biológicos. Agora você está fazendo sexo com um homem (puramente uma suposição e não um fato conhecido de minha parte) e as pessoas poderiam dizer que você é homossexual. Mas nós estamos olhando somente a aparência externa e as ações. [...] Agora, se você é bissexual ou não isso é algo que somente você poderia determinar. Não é algo que alguém poderia saber de fato a menos que você tivesse dito isso*" – tradução minha do inglês ao português.

Eis outros exemplos da diversidade das opiniões sobre masculinidade:

Um membro comentou a seguinte frase num vídeo que mostrava a forma romântica de pedir em casamento que um homem gay fez a outro homem por meio de uma apresentação musical:

Filipe: "*E eles dizem que nós só pensamos em sexo*" – tradução minha do inglês ao português.

O membro do grupo desconstrói a ideia de que a natureza do homem não se interessa em relacionamentos monogâmicos, duradouros e estáveis, não é romântica, somente se interessa por sexo e de forma promíscua. Entretanto neste caso, quando o membro fala "nós", ele está falando especificamente sobre homens homossexuais que, por se relacionarem com outros homens, teriam sua promiscuidade potencializada.

Muitas pessoas, ao criticarem a homossexualidade, usam este argumento essencialista para dizer que o estilo de vida gay é constituído pela promiscuidade e isola a possibilidade de relacionamentos com fidelidade e monogamia. Para o participante anterior, entretanto, homens gays podem se comportar de maneira diferente. Podem ser românticos, podem querer casar, podem não somente

pensar em sexo, mas sim buscar uma vida a dois em padrões conservadores de casamento.

Mas noutra publicação, um participante fala sobre uma experiência de ter conhecido e beijado dois homens numa noite, e, ao perguntar ao grupo se estava sendo muito promíscuo, recebeu comentários falando que ninguém o poderia julgar, que ele não deveria se sentir culpado, que não há certo ou errado neste cenário se ele não estivesse magoando a ninguém nem traindo a ninguém, sendo que deveria aproveitar como quisesse. Ou seja, é aceitável que homens sejam promíscuos ou monogâmicos, sem que estas características sejam inerentes a masculinidade.

Outro exemplo de diversidade pode ser apresentado nestes próximos casos: algumas publicações sugerem que existem alguns ícones que são de referência do público gay, como programas de entretenimento específicos, os interesses por shows de Drag Queens, doces característicos como cupcakes, bebidas específicas como o vinho, relações mais próximas com a mãe, o uso de aplicativo para relacionamentos afetivos, usar gírias populares no mundo gay, os cafés em forma de frapuccinos, o cuidado pelos animais, o uso de frases famosas de filmes antigos, o gosto por Britney Spears outras cantoras populares mundialmente, alguns estilos musicais, chorar sem se culpar, o gosto pela moda, pelo estilo e beleza.

Já outro membro do grupo quebra esta lista de estereótipos gays e fala sobre diversidade na comunidade usando exemplos do time de futebol que ele participa:

Simão: "*Para aqueles se perguntando o que isso tem a ver com futebol, é bem simples: pessoas LBGT jogam futebol. [...] É simples: dê-lhes um clube para eles pertencerem, uma equipe para treinarem e crescerem, algo maior do que eles mesmos em que possam acreditar, inclua-os e deixe-os jogar. [...] A despeito de ser gay ou heterossexual, eu mereço o mesmo direito de jogar, sem ser ridicularizado. Também sabendo que eu sou um homem HIV positivo e saudável o suficiente para jogar, vou lutar para me manter desse jeito e conquistar cada jogo de futebol, porque não há intolerância ou ignorância ou HIV que possa me fazer parar*" – tradução minha do inglês ao português.

Ou seja, mesmo que ainda possa existir por algumas pessoas a percepção influenciada pela psiquiatria antiga de que os homossexuais são homens invertidos, que ainda sendo homens preferem as coisas das mulheres, esta diversidade apresentada pelo grupo coloca em questionamento este conceito de inversão pelo fato de que tais homossexuais podem gostar, também, de coisas postuladas como masculinas, sendo o contrário (heterossexuais gostarem de coisas postuladas como femininas) também possível.

5.3.3 A Masculinidade na Vestimenta

Ao coletar os dados, a questão da vestimenta na representação da masculinidade poderia ter sido caracterizada na sessão de performatividade, já que a roupa muito tem a ver com expressão de gênero e formas de se apresentar à sociedade. Entretanto, como este tema foi especificamente citado várias vezes dentro deste espectro, decidi colocá-lo numa sessão a parte para apresentar a visão desta comunidade com relação às possibilidades de vestuário que o homem pode ter.

Na maioria das vezes, era claro perceber uma maior abertura dos participantes quanto as possibilidades de vestimentas masculinas. Quando uma imagem era publicada de um homem vestido alinhadamente, de terno e gravata, com trajes tipicamente masculinos, recebia muitos elogios. Mas outros tipos de vestimenta culturalmente chamadas de extravagantes para homens também eram bem recebidas quando postadas.

As ideias de vestimentas mais modestas e sérias para o público masculino, principalmente em espaços recreativos – bermudas como formas modestas, diferentes de shorts mais curtos ou sungas como formas mais casuais para a vestimenta na praia, por exemplo–, eram geralmente criticadas, sendo o bem-estar ao se vestir um argumento presente nas publicações.

Neste sentido, uma matéria foi publicada sobre um artista que se prontificava em defender o público gay ao rebater críticas de que ele estava parecendo gay ao usar roupas consideradas extravagantes. Esta matéria também

falou contra a homofobia internalizada que existia nestes comentários que eram usados para denegrir e rebaixar a comunidade gay.

Outro artigo postado no grupo que se intitulava “Meus shorts curtos te fazem sentir estranho quanto a sua masculinidade? Que bom, fico contente”, discorre como as mudanças nas roupas masculinas, como por exemplo a diminuição do tamanho dos shorts dos homens, desafiam as normas tradicionais da masculinidade e reinterpretam o que ser um homem realmente quer dizer. De acordo com Stafford (2016), o autor deste artigo, quando um homem faz algo considerado feminino, ele desafia ideias antigas do que significa ser um homem, para que sejam analisadas ou descartadas.

Outras publicações com relação a moda masculina também foram postadas no grupo mostrando as opiniões que os membros tinham sobre suas vestimentas favoritas. A moda “hipster” foi colocada em questão quando um membro do grupo abriu um espaço para a discussão sobre o uso deste estilo por homens mais velhos ao publicar uma matéria sobre o tema da vestimenta de homens mais velhos. O post rendeu 10 comentários, todos elogiando a possibilidade de homens se vestirem de acordo com sua vontade, ainda que a moda dite especificidades para determinadas idades.

O uso de roupas tipicamente femininas no contexto ocidental, como saias e vestidos por exemplo, por homens foi abordado pelo grupo somente no âmbito da informalidade e entretenimento, como em festas de Halloween, programas de Drag Queens ou em momentos que se falava sobre a transexualidade. Entretanto, não houve nenhuma crítica com relação a este assunto. Ao contrário, alguns elogios foram dados a homens que ousavam em se vestir de mulher nestes eventos.

Um comentário sobre uma publicação que mostrava um ator famoso indo a uma premiação vestido de mulher, porque seu personagem era uma transexual, demonstrou orgulho do participante por este ator vê-lo se comportando desta forma.

5.3.4 O Sofrimento Social pela Rejeição da Masculinidade

Todos os membros deste grupo têm alguma história de sofrimento social vivenciada dentro da IASD. Esse sofrimento agrupou estas pessoas para que pudessem compartilhar experiências de vida, fortalecer a autoconfiança e a autoestima pelo convívio. A partir desta comunidade, a percepção de dignidade, de necessidade de respeito e de reconhecimento pelos demais membros da igreja, como de outros núcleos sociais como a família e os amigos, é cultivada. A reunião destes homens gays não faz com que as violências acabem, mas sim com que o sofrimento não seja tão intenso a cada insulto recebido.

Enquanto observava a dinâmica do grupo, alguns membros publicavam experiências de sofrimento social principalmente por terem sua homossexualidade descoberta pela família ou igreja. Pelos diversos casos declarados, a homossexualidade é um fator que denigre a masculinidade e a dignidade de um homem perante a IASD, e que faz com que ocorra o distanciamento entre ele e a comunidade religiosa.

Algumas histórias têm a ver especificamente com a forma que os pastores lidaram com esta situação perante a igreja.

Numa publicação um participante pediu ajuda aos demais membros do grupo quanto a como ele deveria reagir a atitude do pastor de sua igreja por este ter levado o tema do pecado da homossexualidade ao púlpito num dos cultos da igreja, justamente numa época em que o participante estava se consultando com o pastor sobre seus conflitos sexuais. O participante sentiu que o pastor fez este sermão justamente para atacá-lo e para admoestá-lo publicamente, ainda que não falasse o nome dele.

Outro membro se sentiu extremamente rejeitado pelo próprio pastor quando, após seu casamento com outro homem, foi excluído da igreja e, ao voltar algumas vezes à mesma igreja de que foi excluído para assistir os cultos, foi

questionado pelo pastor e pelo primeiro ancião o porquê de ele voltar à igreja e ir aos cultos, sendo então aconselhado a ir a uma igreja de outro lugar, ainda que da mesma denominação, porque ela era mais inclusiva. O mesmo participante disse que levou em consideração a sugestão do pastor e hoje frequenta a outra igreja. No depoimento ele ressalta:

Levi: "*O que me impressiona é que as pessoas da prefeitura, os policiais e o delegado nos desejaram felicidades e estavam felizes por nós. Eu sei que até os juízes estavam felizes pela gente. Todas as outras pessoas [da igreja] ficaram decepcionadas comigo por estar me casando com um homem*" – tradução minha do inglês ao português.

Um membro do grupo também comentou sobre esta publicação com um depoimento:

Simeão: "*Eu admiro a sua capacidade de adaptação e generosidade de espírito. Eu tenho dificuldade em permanecer onde eu percebo que não sou bem-vindo. Durante anos eu lutava com esta questão. Finalmente, tive que sair porque eu acho que não pertencia mais a aquele lugar e acho que eu trazia dor para muitos dos meus amigos (ou ex-amigos, alunos e familiares*)" – tradução minha do inglês ao português.

Era frequente entre o grupo a queixa da ambiguidade percebida na igreja em ela discursar com relação ao amor ao próximo e agir de forma a afastar pessoas com sexualidades diferentes. Num depoimento, falando sobre como as palavras de aceitação da comunidade religiosa para as pessoas LGBT são diferentes das ações feitas a eles, um membro diz:

Dã: "*Estas palavras podem parecer boas e até podem fazer sentido, mas elas são tão ofensivas quanto aquelas que dizem que gays vão queimar no inferno"* – tradução minha do inglês ao português.

Outro depoimento sobre tal ambiguidade surgiu posteriormente.

Naftali: "*[...] O pregador disse que homossexualidade era o pecado prevalente na América atualmente. Palavras muito fortes para um país que está lidando com violência incontrolada por arma de fogo, racismo, truculência policial, ganância corporativa, etc., etc., etc. Mas não, gays são o problema no país. Esses sermões foram particularmente difíceis de ouvir por acontecerem após um encontro em que as discussões que participei tiveram o tema de como a igreja*

precisava ser mais acolhedora, receptiva e inclusiva. Obviamente nem todos entenderam essa mensagem" – tradução minha do inglês ao português.

Vários depoimentos demonstravam o quão desagradável era sentar nos bancos da igreja e ouvir que a homossexualidade era um pecado abominável e um sinal do fim dos tempos. Outros membros mais velhos do grupo ainda relatavam que em tempos passados o mal-estar e a opressão eram ainda maiores, sendo que a depressão e o suicídio eram resultados frequentes destes insultos.

Um membro de 84 anos de idade, que hoje participa do grupo como um homem gay, refere que percebia que seu próprio filho sofria de depressão porque também era homossexual. Relatou que este filho fugiu de casa e viveu na rua por sentir-se culpado. Após seu filho ter se suicidado num período de depressão profunda, este membro decidiu largar a mulher e os outros filhos e assumir sua homossexualidade, hoje sendo casado com um homem. Com relação a depressão, este membro refere:

José: "Pesquisas mostram que homens homossexuais têm uma maior taxa de perturbação mental que leva ao suicídio. Por experiência própria e observação pessoal, eu sei o preço" – tradução minha do inglês ao português.

Questões de conflitos familiares, como visto anteriormente, também foram citadas, principalmente com relação ao distanciamento causado por insultos e discussões contra o membro homossexual. Um dos depoimentos mostra este distanciamento.

Benjamim: "*Está se tornando muito deprimente e afetando a minha relação com o meu parceiro, a situação com minha família imediata. Não tenho ouvido deles nem tenho o desejo de falar com eles devido a minha decisão de assumir totalmente minha homossexualidade. Minha família nunca apoiou financeiramente a mim nem ao meu parceiro enquanto passamos por momentos turbulentos, pensando que eles poderiam estar estimulando a minha 'vida gay', pensando que eu sou preguiçoso e que não quero trabalhar. Quebra meu coração saber que nem mesmo o amor de Deus que eles recebem dentro da IASD faz com que eles queiram ajudar ou apoiar o seu próprio filho*" – tradução minha do inglês ao português.

Frente a todas estas confrontações sociais, relacionar-se entre pessoas que são gays ou compreendem e aceitam a homossexualidade parece ser um oásis no meio do deserto. Um membro do grupo disse se sentir liberto quando está em meio a festas gays, com outros homens que são como ele porque finalmente pode ser compreendido, não julgado e respeitado em meio a tantas tribulações na sociedade.

6. DISCUSSÃO

SDA KINSHIP é uma organização criada a partir do sentimento de distanciamento, de rebaixamento, da sensação de opressão por conta de um discurso sobre a sexualidade que coloca aqueles que são diferentes deste discurso automaticamente numa posição de pecado, de erro, de transgressão, de doença, sendo estas pessoas vistas como rebeldes, opositores e desafiadores, ainda que não lutem contra a instituição.

> "O homossexual do século XIX se torna uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; [...] Nada naquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. [...] É-lhe consubstancial, não como pecado habitual, porém como natureza singular. [...] A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie" (FOUCAULT, 2014, p. 47 e 48).

Ao se aglutinarem, os membros desta comunidade sentiram que não estavam sozinhos. Finalmente, se sentiram parte de um grupo. Agora poderiam discutir sobre sua sexualidade, seus desejos, desabafar suas dificuldades em sobreviver e a compartilhar a discriminação e marginalização que sofriam.

Mas, pela observação etnográfica da convivência deste grupo, foi possível notar que o clima criado entre eles é de uma comunidade que vai coexistindo e caminhando pelas margens, ao lado da instituição de onde veio. A confrontação e o combate contra a opressão desta instituição se dá sutilmente, a vez que grande parte dos membros desta organização ainda está "dentro do armário" e tem que lidar com este segredo para não sofrer a exclusão das suas comunidades.

A crença numa religião que condena certos tipos de condutas sexuais por um membro que as pratica pode fazer com que ele tenha que criar muitas estratégias complexas de gestão do segredo para continuar fazendo parte das atividades religiosas (NATIVIDADE e GOMES, 2006). A própria logística para a entrada de um membro na SDA KINSHIP pode exemplificar estas estratégias. O processo de falar com o diretor, ser aceito por ele, se inscrever no site, concordar com os termos de sigilo, entrar no grupo restrito, não poder repostar as fotos e citar as pessoas que participam do grupo publicamente, auxilia a gestão do segredo destas pessoas. A identidade indizível, como dita por Pollack (1990), é então construída através de vários subterfúgios e caminhos que protegem a pessoa que não quer ter seus sentimentos, que são reprováveis pela igreja, expostos. Pecheny (2004) refere que para manter este segredo, a pessoa se comporta discretamente e acaba gastando muita energia dedicando-se em preservá-lo, formulando estratégias para evitar situações sociais que exponham seu segredo.

Após os nove meses de observação, também foi possível que as publicações e discussões que lideraram a interação da comunidade eram sobre temas de interesse grupal não relacionados a sexualidade e a normatividade desta sexualidade, sobre religião (principalmente aquelas que estão fundamentadas na teologia adventista), sobre o incentivo e o apoio à diversidade de gênero e de sexualidade, mandavam recados de boas-vindas e de afeto de uns para com os outros, faziam piadas com relação a própria homossexualidade, enfim; todos estes fatores demonstram um maior engajamento do grupo na manutenção da comunidade como lugar de segurança do que numa atividade de militância e de luta acirrada contra as ações homofóbicas da instituição.

A construção do comunitário em torno daqueles que foram excluídos desta instituição é observada nas formas como o grupo se retroalimenta: nos pedidos de orientações sobre determinados temas, no apoio psicológico diante do sofrimento, nos encontros anuais promovidos para o debate e a confraternização presencial, no acolhimento e nas boas-vindas a todo o membro que chega à comunidade, nas motivações e incentivos nos comentários das publicações e nas possibilidades de crescimento pessoal e profissional através desta rede de apoio.

> “A comunidade não apenas cria laços afetivos, mas estrutura um sentimento de solidariedade entre os iguais. A comunidade torna-se aqui, ao mesmo tempo, o espaço de solidariedade e de rede social” (RODRIGUES e VASCONCELOS, 2010, p. 328).

A questão de haver um lugar seguro para que as opiniões sejam expostas sem censura pode ser justamente a razão pela qual o mal-estar existencial seja substituído por uma sensação de alívio, já que o participante entrou numa zona de conforto. Esta zona de conforto induz este membro do grupo a dar-se conta de suas potencialidades, positividades e interesses que vão além de sua sexualidade, deixando de queixar-se rotineiramente sobre sua condição de inferioridade imposta a ele, se envolvendo então mais com aquilo que gosta, do que com aquilo que o incomoda.

Neste sentido, vários dados deste estudo sinalizam que a formação de um grupo de resistência à opressão como manifestação do sofrimento social não se dá de forma a querer aniquilar a instituição, sua cultura e seus dogmas, ou mesmo colonizar seu discurso, transformando o discurso sexual da igreja o mesmo da SDA KINSHIP. Esta comunidade reproduz formatações da própria igreja, mas dentro de moldes mais flexíveis, que possam abarcar a diversidade de gênero, sexualidade e demais concepções e possibilidade de existências.

De forma similar à maneira como Vale de Almeida (1995) percebeu em seu estudo na região de Pardais, em Portugal, como se concebem as masculinidades subalternas incorporadas pelos trabalhadores, percebo que na SDA KINSHIP uma concepção de masculinidade é concebida pelo grupo de forma a defender a dignidade da comunidade, mas reproduzindo os processos de manutenção institucional adventistas, que também foram produzidos pela masculinidade hegemônica. Os modos de conceber o conceito de masculinidade aceitam uma maior diversidade de fatores enquanto os participantes vão se relacionando e convivendo fraternalmente num espaço cibernético, trazendo a cada dia novas inserções de modos de ser homem.

> O conceito permite uma concepção mais dinâmica de masculinidade, entendida assim como estrutura de relações sociais, em que várias masculinidades não hegemônicas subsistem, ainda que reprimidas e auto-reprimidas por esse consenso e senso comum hegemônico, sustentado pelos significados simbólicos “incorporados” (p. 155).

Esta reprodução de processos acontece, por exemplo, na forma como alguns membros reforçam que ainda que sejam gays, são adventistas e mantêm

sua crença na instituição como portadora da verdade revelada por Deus; na grande importância que o grupo dá ao cuidado da saúde e do corpo, aludindo o princípio do corpo como templo do Espírito Santo; na maneira em que o grupo é subdividido administrativamente em regiões mundiais e em líderes regionais, da mesma forma como a igreja é subdividida hierarquicamente para ser melhor gerenciada; nas publicações em que os membros da comunidade se saúdam com um feliz sábado, fazendo referência ao dia de adoração da IASD; como também na ausência de discussões que trazem o tema do uso de drogas e de maneiras de transcender a realidade pelo transe ou estados diversificados de consciência, representando o imperativo à racionalidade no culto e na vida promovido pela ideologia religiosa.

Como já observado no dia a dia do grupo, a igreja oferece alguns benefícios para quem a frequenta, dando respostas para questões existenciais, fortalecendo os vínculos sociais e criando um sentimento de identidade individual e grupal. Às vezes, estes benefícios fazem com que o rompimento completo com a religião se torne muito menos vantajoso do que a busca de reconhecimento e legitimidade dentro desta organização. A própria SDA KINSHIP não rompe completamente com a igreja, e está constantemente em diálogo com ela. Se rompesse não teria um significado de irmandade da igreja adventista do sétimo dia. Muitas pessoas que não mais se consideram adventistas do sétimo dia por conta de sua sexualidade ainda participam deste grupo por terem uma conexão muito grande com a cultura em que foram criadas.

Um membro, respondendo a críticas de outras pessoas sobre ser gay e ainda continuar participando da igreja, afirma sobre a força da cultura da religião:

Isaías: "*Existe algo muito particular em ser adventista. É como ser um Judeu. Está lá, é quem você é.*"

O pertencimento a uma comunidade pode compreender um alto preço de sofrimento, que ocorre em dualidade. Ou seja, religião pode ser boa e ruim ao mesmo tempo. É um porto seguro em algumas questões e noutras uma barreira que afasta as pessoas umas das outras. O enfrentamento às angústias existenciais humanas exercido pela atividade da igreja inclui uma série de normas de participação que exclui muitos daqueles que veem sentido no trabalho da igreja.

Da mesma maneira, filiar-se à SDA KINSHIP é outra forma de enfrentamento a tais angústias para pessoas da comunidade LGBT que a IASD não consegue acolher, se tornando alternativa para uma possível conciliação de valores.

Quanto às questões de masculinidade, o corpo foi levado em consideração como aspecto importante para a concepção de masculinidade levando em conta a teoria da construção social dos corpos de Bourdieu (1999), que descreve como o corpo pode ser objeto que justifique a diferença socialmente construída entre o homem e a mulher principalmente nas relações de dominação entre eles.

Por conta de um grande número de publicações relacionadas ao corpo que promovem músculos torneados e grandes, por exemplo, observa-se no grupo uma reprodução simbólica da dominação do homem por sua força, levando a julgamentos destes homens fortes como modelos que devem ser alcançados.

Zago (2013a e 2013b) fala sobre como na sociabilidade dos homens gays na internet, principalmente em sites de relacionamento, o corpo é personagem central e a sua exposição é interpretada numa dinâmica de ambiguidade, em que a exposição dos corpos que mostram o rosto demonstra a assunção da homossexualidade e uma possibilidade de performatividade efeminada, enquanto corpos sem cabeça demonstram uma discrição da sexualidade comparada a masculinidade heteronormativa.

> “Homens gays que mostram as faces nos seus perfis são imediatamente colocados fora do ‘armário’ e, estando fora dele, têm sua virilidade automaticamente questionada. Estar fora do ‘armário’ coloca-os em perigosa proximidade da efeminação e de outras características de feminilidade, como se o lado de dentro do ‘armário’ estivesse para a virilidade na mesma medida em que o lado de fora está para a efeminação” (ZAGO, 2013a, p. 95).

O fato do grupo também levantar questionamentos quanto ao tamanho do pênis demonstra, da mesma forma, esta reprodução: “A virilidade em seu aspecto ético mesmo, isto é, [...] princípio de conservação e do aumento da honra, mantém indissociável, pelo menos tacitamente, da virilidade física, através sobretudo das provas de potência sexual” (BOURDIEU, 1999, p. 20).

O autor ainda descreve sobre a insatisfação quanto ao próprio corpo (similarmente observado nas publicações com artigos que falavam sobre as preocupações do público gay com o corpo) como uma apropriação pelos

dominados das percepções dos dominantes, o que representa uma violência simbólica.

> "Os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim ser vistas como naturais. O que pode levar a uma espécie de autodepreciação ou até de autodesprezo sistemáticos, principalmente visíveis [...] em nosso universo, na visão que inúmeras mulheres têm do próprio corpo, quando não conforme aos cânones estéticos impostos pela moda. É muito frequente, como constatamos no decorrer de entrevistas realizadas na França em 1996, as mulheres expressarem a dificuldade que têm em aceitar o próprio corpo" (p. 46 e 47).

Bourdieu (1999) refere que ainda que os corpos dominados (as mulheres neste caso) se reconheçam submissos ao adotarem percepções que estão em conformidade com as estruturas de dominação, pode existir uma "luta cognitiva" que use as mesmas percepções para afirmar a superioridade do corpo dominado. No caso as mulheres diriam que seu sexo se mantém rijo ainda depois do orgasmo, enquanto o sexo do homem despenca.

Como vemos neste estudo somente corpos masculinos, os dominados poderiam ser caracterizados por aqueles que têm atributos com uma "representação negativa do próprio sexo [...] por analogia com as coisas que pendem, moles, sem vigor" (BOURDIEU, 1999, p. 23). No caso dos homens, a flacidez, a falta de músculos trabalhados e o excesso de pele ou gordura poderiam ser estes atributos negativos.

Vale de Almeida (1995) já diria que só o fato de ser homossexual já coloca o homem gay em local de subordinação – "um dos traços importantes da masculinidade hegemônica, junto com a sua conexão com a dominação, é o fato de ser heterossexual" (p. 150). Homens gays com corpos não musculosos seriam ainda mais subalternizados dentro de uma comunidade gay. A "luta cognitiva" de Bourdieu (1999) entre dominador e dominado não pode usar das mesmas percepções neste caso, já que estamos falando do embate somente entre homens.

Entretanto, a saída que algumas pessoas do grupo encontram, então, para a defesa dos homens não dominantes (não musculosos) foi a evitação de um confronto entre si para a aceitação de todos os corpos como dignos de respeito e igualdade através de comentários e outras publicações e artigos que vão em defesa dos oprimidos; esta defesa dos oprimidos é justamente o que a SDA

KINSHIP faz em favor do público LGBT na IASD, o que provavelmente influi os julgamentos dos próprios membros do grupo nas demais questões.

As discussões dos participantes sobre suas inseguranças com relação ao próprio corpo surtiam conclusões de enfoques comunitários com relação a seus corpos muito mais do que a disputa entre eles neste contexto. A disputa do macho alfa, comentada pelos estudos que falam sobre a masculinidade hegemônica, que inclui a subordinação dos demais frente a um tipo ideal (CONNELL e MESSERSCHMIDT, 2013; VALE DE ALMEIDA, 1995) não aparece claramente nas conversações deste grupo. Isso leva ainda mais a entender o grupo como uma rede de apoio e de autossustentação formada de homens que sofreram entre uma sociedade cercada de outros homens que os rechaçavam, e que agora se portam diferentemente destes outros homens em alguns aspectos para resistir à violência social, para encontrar dignidade na diversidade, mas também para buscar reconhecimento, legitimidade e respeito na igualdade, já que também são homens como os demais outros.

Outras questões relacionadas à corporeidade também obtiveram conclusões parecidas pelo grupo, que promove a aceitação da diversidade corporal na velhice, no conceito de beleza, na presença ou ausência de pelos no corpo e nas outras raças e etnias.

Esta maneira de aceitar uma maior diversidade de fatores ao que signifique ser masculino ou à masculinidade aparece também nas questões de performatividade. Ao estudar a performance na antropologia do teatro, Conquergood (1993 *apud* VALE DE ALMEIDA, 1995) demonstra que a luta entre ideologias se passa justamente no corpo, situado no tempo, nas relações dos corpos ao se encontrarem. A performatividade alternativa, então, se confronta com as formas anteriores de normas de conduta, demandando novos olhares para o homem.

Modos possíveis e louváveis de um homem se comportar que são diferentes daquelas técnicas corporais (MAUSS, 2003) que foram ensinadas pela IASD, como as condutas de virilidade por exemplo, foram inúmeras vezes citados pelos membros do grupo.

É importante relembrar que, como descrito pelo autor anterior, são diversas as possibilidades para a performatividade humana uma vez que levamos

em conta todos os aspectos biológicos e sociais, como também se confirmamos a pequena possibilidade de criação, reavaliação e reformulação das condutas humanas em processos psicológicos. E é esta possibilidade de uma diversidade maior de comportamentos para o homem que é abraçada pelo grupo em estudo e que faz com que outros comportamentos que não são vistos como masculinos na igreja ou na sociedade podem, então, ser incluídos e aceitos por estes homens na gama de comportamentos que envolvem a masculinidade e o que significa ser homem.

O discurso do cuidado com a saúde do corpo foi uma das questões que apareceram no grupo que diferiram das formas como a masculinidade hegemônica é desempenhada no autocuidado (MACHIN, R. et al. 2011; PINHEIRO e COUTO, 2008; GOMES, NASCIMENTO e ARAÚJO, 2007; CAMPANUCCI e LANZA, 2011). Segundo Schraiber, Gomes, e Couto (2005) “a masculinidade exigiria comportamentos de riscos, com consequente menor preocupação com o cuidado de si” (p. 12).

A participação dos homens na igreja também foi abordada enquanto depoimento de sofrimento social por um membro do grupo ao se sentir discriminado por ser questionado pelo pastor da igreja o porquê de ainda participar dos cultos já que era casado com um outro homem. Como citado anteriormente neste trabalho, existe uma hierarquia de quem pode e quem não pode dentro das atividades da IASD. No caso apresentado, o desconforto gerado pelo simples fato de um homem casado com outro homem estar na igreja demonstra a homofobia velada pelo discurso do pastor.

O conceito de homofobia é descrito por Borrillo (2010) como ações discriminatórias praticadas contra homossexuais que vão de violências físicas a não físicas, abrangendo todo o tipo de agressão que é causado pela abominação da homossexualidade.

> “O termo homofobia, como amplamente divulgado na mídia, dá conta de duas dimensões: uma pessoal, de caráter afetivo, manifestada através da rejeição dos homossexuais; e outra cultural, na qual se repudia a homossexualidade como fenômeno social” (p. 22).

Freire e Cardinali (2012) discorrem como a homofobia foi construída socialmente pela produção de discursos religiosos, científicos e higienistas que estigmatizaram e denegriram a imagem das pessoas que se atraem por outras do

mesmo sexo. De acordo com os autores a homofobia também sofreu reações pelos movimentos sociais LGBT, que, na luta por dignidade e respeito, principalmente no enfrentamento da epidemia da AIDS, transformou a ideia de vitimização do homossexual pela ideia de orgulho e visibilidade. Estas ideias também são construtos sociais e históricos que influenciaram todos os campos da sociedade, permitindo que os homossexuais fossem levados em consideração nos processos políticos como cidadãos de direitos, propondo leis que protegessem estes cidadãos, como também influenciando os discursos da religião, da ciência e da saúde.

As transformações sociais ocorrem simultaneamente às experiências de violência. A verbalização destes sofrimentos influencia tanto estas transformações sociais quanto as percepções sobre estes sofrimentos. Desta maneira, os depoimentos dos sofrimentos sociais e as falas sobre as consequências dessa homofobia fazem uma releitura e reconstrução do próprio conceito de homofobia, trazendo mais detalhes ao termo e enriquecendo-o de novas maneiras de se perceber a violência, ressignificando o presente nos cenários e nas experiências.

A possibilidade de novas interpretações da violência pôde dar um novo significado às atitudes da igreja. Antes concebidas por ela como ações de disciplina e admoestação, agora puderam ser percebidas como homofobia por concretizarem-se em ações que implicam o sofrimento social de um grupo específico de membros. A queixa sobre a ambiguidade da igreja, descrita nos comentários das publicações do grupo na internet, fica evidente nas experiências compostas pelo discurso institucional acolhedor seguido de uma prática discriminante, apontando ações de violência de gênero que são validadas pela ideia de ensino da verdade e do que é correto pela correção e punição do inapropriado.

O distanciamento da família, como apresentado por alguns depoimentos de membros do grupo, e a homofobia pastoral são “formas pouco visíveis e talvez até mais eficientes de desqualificação da diversidade sexual” (OLIVEIRA, 2011, p. 54). De acordo com autor, ter um homossexual na família pode contrariar expectativas e causar conflitos, gerando ou não rompimentos. O rompimento familiar por um membro se declarar homossexual nem sempre é definitivo, e relações entre os membros podem ser reatadas, já que rompimentos não

necessariamente significam ausência de vínculos. Ao contrário, estes atos de exclusão podem exemplificar as admoestações por amor, como descrevem Natividade e Oliveira (2009a e 2009b). Ou seja, o não aceitar a orientação sexual do filho pode significar para os pais um ato de amor e de cuidado, ainda mais quando teologias que pregam a pureza espiritual pela evitação de determinadas práticas sexuais estão presentes nas crenças da família. Assim, “não aceito sua homossexualidade para você ir para o céu”, ou então, “não aceito sua homossexualidade para você não apanhar na rua”.

Mesmo assim, não ter o apoio familiar pode ser muito angustiante, ainda para uma pessoa que provém de uma comunidade que insistentemente prega sobre a família como a instituição mais importante para o desenvolvimento pessoal.

As experiências de sofrimento social vividas pelos participantes do grupo têm peculiaridades específicas de sua cultura e modos de vida. Mesmo assim, o trabalho de Veena Das (2007) pode ser de grande valia para a análise deste desconforto gerado por uma instituição que em seu cotidiano perpetua violências para com determinados sujeitos. De acordo com a autora, “eventos críticos” seriam aquelas situações em que a violência social acontece e que é realizada por instituições como a família, o Estado, as religiões ou as empresas (DAS, 1995).

A autora trabalha o conceito de violência de gênero debruçando-se nas atitudes geradoras de sofrimento que são diferentes das extraordinárias e eventuais, dando foco às pequenas ações de opressão do cotidiano, similarmente àquelas descritas por Oliveira (2011). Estas violências geram reações de resistência que nem sempre são vistas como tais pela crença de que atos de resistência acontecem somente de forma surpreendente ou heroica, e não de formas singelas. Mas ainda que não sejam reações militantes, não quer dizer que não trazem em si, sentimentos de indignação, como descreve Pereira (2010) sobre a obra teórica da autora:

> “As relações do cotidiano processam sentimentos de raiva e ódio e permitem, ao mesmo tempo, um trabalho de reconstrução da sociabilidade, mas também possibilitam o incremento desses sentimentos de ódio que podem ser traduzidos em atos de violência” (PEREIRA, 2010, p. 362).

Sobre estas reações à violência, a autora discorre sobre a possibilidade do silêncio como uma forma de resistência que se explica pela impossibilidade de colocar em palavras o sofrimento que a violência gerou. Das (2011) também conceitua o “conhecimento venenoso” como possibilidade de conhecer a dor do outro e trazê-la ao presente pelo testemunho da violência perpetrada. Desta forma, as memórias do sofrimento dos outros podem surgir a partir de outras experiências de sofrimento atuais.

> “Mesmo quando parece que algumas mulheres tiveram uma sorte relativa porque escaparam à violência física direta, a memória corporal de estar-com-os-outros faz com que o passado cerque o presente como atmosfera. Isso é o que quero dizer pela importância de descobrir meios de falar sobre a experiência de testemunhar: que se nossa maneira de estar-com-os-outros tiver sido brutalmente estragada, então o passado entra no presente, não necessariamente como memória traumática, mas como conhecimento venenoso. Esse conhecimento pode ser enfrentado apenas pelo conhecimento através do sofrimento” (p. 35).

Observando o sofrimento social que aproximou os membros do grupo em seus depoimentos de vida, é possível perceber em alguns deles o profundo desapontamento e descontentamento deles por serem humilhados e excluídos pela instituição religiosa. São várias as histórias de violência psicológica e violência física sofridas por membros e ex-membros da IASD que são divulgadas tanto pelo site da organização quanto pelo site www.wearesdas.com para o maior conhecimento da população sobre a existência deste sofrimento social.

Este estudo observou que o sofrimento sentido instiga como resposta uma resistência passiva à instituição, da mesma forma que Veena Das (2007) fala sobre a resistência no cotidiano. O enfrentamento se dá sutilmente, pela simples existência do grupo e sua manutenção, que desde a década de 80 caminha próximo a igreja; pela presença de um stand da SDA KINSHIP nos locais em que acontecem as conferências gerais da instituição; pela produção de livros, vídeos e filmes que mostram a possibilidade da diversidade sexual e de gênero vinda desta comunidade e sofrimento gerado pela negação dessa diversidade.

> “O trabalho de resistência e de oposição aos discursos hegemônicos se faz, desta forma, de maneira muito mais sutil, sem o alarde dos manifestos e das passeatas, mas, também, nos usos que fazemos cotidianamente de nossos corpos” (CARVALHO, 2008, p. 17).

O silêncio, muitas vezes descrito como pela autora como a falta de palavras que expressem o sofrimento da violência não acontece no âmbito do

grupo, já que é um espaço de expressão verbal e escrita daquilo que mais tem angustiado a existência destes homens, tanto por violências passadas quanto por violências cotidianas. Estas foram também citadas como escutar constantemente nos sermões que ser gay é pecado, ou ser sempre olhado com olhos de desconfiança por outros membros da igreja, não ser bem-vindo na igreja, ser ridicularizado ou humilhado.

Entretanto, é interessante perceber como o silêncio está presente no conselho dos diretores a um membro que foi vítima de um sofrimento psicológico na igreja. Silêncio este que expressaria a atitude dos diretores do grupo de prudência, e não de falta de palavras que exprimam uma situação de sofrimento social. Numa destas ocasiões, em que um membro perguntou o que deveria fazer frente a sua exclusão da igreja por ter se casado com outro homem, um dos diretores respondeu:

Abel: "*Meu conselho é não enfrentá-los. Simplesmente ignore-os. Adore a Deus, cante e louve, e ignore o que eles dizem de você. Você é amado por Deus e Deus estava lá com você quando você se casou e Ele também está com você todos os dias em tudo que faz"* – tradução minha do inglês ao português.

É possível também fazer associações do conceito de "conhecimento venenoso" (DAS, 2011) com o sofrimento social sentido pelos participantes. Ser testemunha de constantes atos de violência e escutar depoimentos e experiências de vida que continham abusos físicos e psicológicos faz com que os membros do grupo consigam relembrar estes "eventos críticos" e conhecer esta dor, ainda que seja histórica e imaginariamente construída, quando cotidianamente são violentados pela instituição.

O depoimento do pai que perdeu seu filho por este ter se suicidado após sofrer por sua homossexualidade na igreja e na família pode gerar um "conhecimento venenoso" nos demais membros do grupo sempre que escutam outros depoimentos atuais de violência na igreja, ou sofrem violência dentro de casa por ter uma família não acolhedora. Saber o quão difícil era sobreviver no passado, tendo que esconder os sentimentos e desejos homossexuais se portando de formas diferentes para se proteger de violências legalizadas e atrocidades também gera um "conhecimento venenoso" frente às atrocidades atuais.

Da mesma maneira, dizer aos participantes do grupo que eu era filho de pastor e que era gay, levou alguns dos participantes a se lembrarem de fatos de exclusão das comunidades e dos ambientes institucionais religiosos, fazendo-os provar do mal-estar e do sofrimento social ainda que não fossem filhos de pastores, mas por terem o “conhecimento venenoso” internalizado sobre como é a sensação de discriminação e humilhação pública já anteriormente descrita.

Elaborar a violência de gênero para Das (2011) acontece através do pensar em novas formas de existência que ressignifiquem as experiências do passado por diálogos que tragam uma nova narrativa, novos tipos de relações e novas ações no cotidiano. A SDA KINSHIP se torna espaço de ressignificação da vida por fomentar questionamentos e discussões dos conceitos de gênero e sexualidade adestrados pela igreja. A criação de novas narrativas a partir da interação dos membros entre si, do compartilhamento dos desejos similares e das experiências de violência sofridas por esses desejos, possibilita atitudes diferentes frente às relações sociais, transformando formas vitimizadas de ser no mundo em possibilidades de existência empoderadas.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo observou que homens gays provindos de uma comunidade religiosa conservadora, ao se relacionarem numa outra comunidade que lhes dá a possibilidade de exporem seus sentimentos e desejos sexuais sem julgamento, constroem um conceito de masculinidade que extrapola os limites da conduta masculina impostos pela igreja, como também pela sociedade, reproduzindo atitudes comunitárias que lhes foram apresentadas como os fundamentos deste grupo de apoio.

Tais atitudes comunitárias confrontam estruturas da masculinidade que foram construídas na noção da disputa pelo poder, na dominação e na subordinação do outro, substituindo atos de hierarquização e classificação por atos de solidariedade e aceitação da variabilidade de gostos, de expressões de gênero e de significados que compõem uma amplidão do conceito de masculinidade.

Desta maneira, o convívio respeitoso com as diferentes formas de masculinidade se torna possível pela busca constante de manter diálogos que acolham os sofrimentos, que reconheçam a dignidade da diferença do outro e que evitem estratificações sociais num esforço contínuo de manter as relações em mesmos níveis de poder.

O estudo também observou que estes modos de vida ressignificados subsistem numa linguagem similar à da comunidade de origem, reproduzindo valores e processos de manutenção e de logística aprendidos nesta cultura, mas reorganizando e aparelhando esta cultura sem querer aniquila-la ou destruí-la. Ainda que a opressão e a violência sejam reconhecidas como originárias neste contexto, os benefícios do pertencimento grupal cooperam para o não rompimento total com a instituição, como também com modos sutis de resistência, diferentes das ações militantes.

A etnografia virtual permitiu que a observação de um grupo muito específico e muito exclusivo fosse feita de forma aprofundada, obtendo uma diversidade e uma totalidade de informações que foram suficientes para a análise

dos modos de vida da comunidade que é, em grande parte da sua existência, intermediada pelo computador. A ferramenta da internet como espaço de interação e convívio social permite que pessoas que se percebam completamente ilhadas em seus contextos religiosos possam encontrar refúgios para expressar sua sexualidade não heteronormativa, para ressignificar o presente e o passado, apropriando-se de novas linguagens para a criação de novas narrativas da vida.

Dentre os palcos que receberam as discussões sobre a expressão da masculinidade, foi o corpo masculino que obteve o maior público. E ainda que este trabalho tenha dividido em tópicos as questões que abarcaram a masculinidade, vê-se que é no corpo que a performatividade consegue confrontar ideologias e propor novas formas de existência, ainda que o corpo esteja imóvel, ou que dele não saiam verbalizações.

Esta pesquisa demonstrou como o pertencer a um grupo que compartilha experiências de violência pode dar um significado ao sofrimento social que transcenda a vitimização e promova a sensação de segurança e bem-estar, permitindo que seus participantes também discutam outros temas que vão além da sexualidade, e que são importantes para compor a totalidade de suas vidas.

Os estudos que se focalizam na pesquisa de marcadores sociais da desigualdade promovem a possibilidade da transformação social através da amplificação das vozes que são sufocadas pelos discursos hegemônicos, trazendo novos aportes às maneiras de ser no mundo. Os estudos de gênero que provém da pesquisa com comunidades subalternizadas, como por exemplo as comunidades LGBT, esclarecem as relações de poder e demonstram como este poder legitima somente alguns discursos e algumas formas de vida, tirando a dignidade e a importância das outras. Esta pesquisa trouxe informações que poderão ser aproveitadas para discussões sobre o que significa ser homem, e que poderão também mudar o discurso de gêneros mais privilegiados para a concepção de formas de se relacionar mais flexíveis, com maiores níveis de tolerância ao diferente e com a aceitação, ou mesmo a apropriação, de outras maneiras hoje ainda não concebíveis de se apresentar como homem. Por vezes vejo como vantagem a posição não privilegiada do público gay, em poder, através do sofrimento social, estar mais aberto a questionar-se sobre sua própria masculinidade e como ela pode ser compreendida enquanto conduta. Creio que

estes questionamentos beneficiam todas as estratificações masculinas existentes e induzem estes homens a pensarem sobre sua existência como nunca antes foram estimulados a pensar.

Por fim, considero como importante ressaltar que as trajetórias pessoais também ajudam a construir a ciência ademais das outras modalidades de se fazer conhecimento provindas de disciplinas mais objetivas e conteúdos mais duros. A sensibilidade da experiência da vida pode ser fonte de inspiração para estudos como este, que surgiu da experiência da violência de gênero na escola como pontapé inicial para a elaboração de uma análise das masculinidades rejeitadas em seus contextos mais conservadores e suas formas de resistência frente ao sofrimento social.

8. REFERÊNCIAS

1 CORÍNTIOS. Português. In: **Bíblia Sagrada**. Nova versão internacional. São Paulo: Geográfica, 2000.

ADVENTIST CHURCH MANAGEMENT SISTEM. **Relatório anual de 2015**. Disponível em: <http://documents.adventistarchives.org/Statistics/ASR/ASR2015.pdf>. Aceso em 01/08/2016.

ALMEIDA, M. B.; DA SILVA SOARES, A. Football in the dock: The case of homophobia. **Movimento,** v. 18, n. 1, p. 301-324, 2012. Disponível em: <http://www.scopus.com/inward/record.url?eid=2-s2.0-84863544063&partnerID=40&md5=95824f1a3057e6a8eda59e70efaf5420>. Acesso em 01/08/2016.

AMARAL, A. Autonetnografia e inserção online: o papel do pesquisador-insider nas práticas comunicacionais das subculturas da Web. **Revista Fronteiras** – Estudos Midiáticos, v. 11, n. 1, pp. 14-24, 2009.

ANNES, A.; REDLIN, M. The careful balance of gender and sexuality: Rural gay men, the heterosexual matrix, and “effeminophobia.". **Journal of Homosexuality**, United Kingdom**,** v. 59, n. 2, p. 256-288, 2012. ISSN 1540-3602(Electronic);0091-8369(Print).

ASENCIO, M. “Locas,” respect, and masculinity: Gender conformity in migrant Puerto Rican gay masculinities. **Gender & Society**, US**,** v. 25, n. 3, p. 335-354, 2011. ISSN 1552-3977(Electronic);0891-2432(Print).

BANDEIRA, G. A.; SEFFNER, F. Football, gender, masculinity and homophobia: A game within the game. **Espaco Plural,** v. 14, n. 29, p. 246-270, 2013. Disponível em: <http://www.scopus.com/inward/record.url?eid=2-s2.0-84906761592&partnerID=40&md5=b1174e8bb46de58cd147be9c65c7ec8d >.

BORRILLO, D. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRAGA, Adriana. Técnica etnográfica aplicada à comunicação online: uma discussão metodológica. **UNIrevista**, vol. 1, n° 3, 2006.

BRAH, A. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu,** v. 26, p. 329-376, 2006.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARRARA, S. Só os viris e discretos serão amados? **Folha de São Paulo** – Caderno Mais, São Paulo, 19 jun., 2005. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1906200509.htm>.

CAMPANICCI, F. S.; LANZA, L. M. B. A atenção primária e a saúde do homem. In: Simpósio Gênero e Políticas Públicas, 2., 2011, Londrina*.* **Anais***.* Londrina, 2011.

CARVALHO, J. E. C. Violência e sofrimento social: a resistência feminina na obra de Veena Das. **Saúde e sociedade**. São Paulo, v. 17, n. 3, p. 9-18, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902008000300003&lng=en&nrm=iso>. Accesso em 17/7/2016. http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902008000300003.

CENTRO DE PESQUISAS ELEN WHITE. Disponível em: <http://centrowhite.org.br>. Acesso em 01/08/2016.

CONNELL, R. W. **Gender and Power: Society, the Person and Sexual Politics**. Stanford: Stanford University Press, 1987.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**. Vol. 21, No. 1, p. 241-282, 2013.

CONQUERGOOD, D. Embodyment meaning: between anthropology and performance. **Antropologia portuguesa**, vol. 11., p. 109-120, 1993. In: VALE DE ALMEIDA, M. **Senhores de Si**: Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade. Lisboa: Fim de Século, 1995.

COSTA, G. M.C.; GUALDA, D. M.R. Antropologia, etnografia e narrativa: caminhos que se cruzam na compreensão do processo saúde-doença. **Hist. cienc. saude**-Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 17, n. 4, Dec. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702010000400005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20/1/2015. http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702010000400005.

COUTO, M. T.; SCHRAIBER, L. B.; D´OLIVEIRA A. F. P. L.; KISS, L. B. Concepções de gênero entre homens e mulheres de baixa renda e escolaridade acerca da violência contra a mulher, São Paulo, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva,** v. 11, p. 1323-1332, 2006. ISSN 1413-8123.

CRUZ, E. Viewpoint: Adventist Seminary Has Trouble Getting Facts Straight in Homosexuality Statement. **Spectrum,** Roseville, 2015. Disponível em < http://spectrummagazine.org/article/2015/10/15/viewpoint-adventist-seminary-has-trouble-getting-facts-straight-homosexuality-sta >.

DAS, V. **Critical events**: an anthropological perspective on contemporary India. Delhi: Oxford University Press, 1995.

_____. Language and Body: Transactions in the Construction of Pain. **Daedalus,** v. 125, n. 1, p. 67-91, 1996. ISSN 00115266. Disponível em: < http://www.jstor.org/stable/20027354 >.

_____. Suffering, theodicies, disciplinary practices, appropriations. **International Social Sciences Journal**, vol. 49, n. 154, p. 563–572, 1997.

_____. Fronteiras, violência e o trabalho do tempo: alguns temas wittgensteinianos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais,** v. 14, p. 31-42, 1999. ISSN 0102-6909.

_____. **Life and Words. Violence and the descent into the ordinary.** Berkeley: University of California Press, 2007.

_____. O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 37, p. 9-41, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332011000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 17/7/2016. http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332011000200002.

DAVIDSON, R. Psychiatry and homosexuality in mid-twentieth-century Edinburgh: the view from Jordanburn Nerve Hospital. **Hist Psychiatry,** v. 20, n. 80 Pt 4, p. 403-24, 2009/00PY - 2009

DWYER, B. Lawsuits and Scandals-Adventist Homosexuals Not So Anonymous Anymore. **Spectrum.** Litho, v. 18, n. 4, 1988. Disponível em <https://www.andrews.edu/library/car/cardigital/Periodicals/Spectrum/1987_Vol_18/4_April_1988.pdf> Acesso em 17/07/2016.

ECCO, C. A função da religião na construção social da masculinidade. **Rev. abordagem gestalt**., Goiânia, v. 14, n. 1, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672008000100013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 21 nov. 2014.

FALCÃO, T. H. B. **Homens "perfeitos" soluções "mágicas": a fotografia como afirmação do corpo ideal e como comprovação do irreal**. Monografia de especialização. Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade**, Vol. 1: a vontade de saber. 1ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FREIRE, L.; CARDINALI, D. O ódio atrás das grades: da construção social da discriminação por orientação sexual à criminalização da homofobia. **Sexualidad, Salud y Sociedad**. Rio de Janeiro, n. 12, p. 37-63, 2012. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-64872012000600003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 18/7/2016. http://dx.doi.org/10.1590/S1984-64872012000600003.

GAGNON, J. H. **Uma interpretação do desejo**: Ensaios sobre o estudo da sexualidade. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2006.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. 1ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOMES, R.; NASCIMENTO, E. F.; ARAÚJO, F. C. Por que os homens buscam menos os serviços de saúde do que as mulheres? As explicações de homens com baixa escolaridade e homens com ensino superior. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, vol. 23, n.3, p. 565-574, 2007.

HINE, C. **Virtual Ethnography**. Londres: SAGE Publications, 2000.

HIRSHBEIN, L. Sex and gender in psychiatry: a view from history. **J Med Humanit,** v. 31, n. 2, p. 155-70, 2010/04PY – 2010. Disponível em: < http://dx.doi.org/10.1007/s10912-010-9105-5 >.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

JAPENGA, A. It's Called Change Counseling: Troubled Pioneer Maintains His Faith in Program. **Los Angeles Times**, Los Angeles, 06 dez.1987. Disponível em < http://articles.latimes.com/1987-12-06/news/vw-26838_1_change-ministries>. Acesso em 17/07/2016.

JIMENEZ, L.; ADORNO, R. C. F. O sexo sem lei, o poder sem rei: sexualidade, gênero e identidade no cotidiano travesti. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 33, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332009000200013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 26/2/2015. http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332009000200013.

JIMENEZ, L.; LEFÉVRE, F. Desafios e Perspectivas: Desemprego e Masculinidade. **Interação em Psicologia**. Curitiba, vol. 8, n. 2, p. 227-235, 2004.

KLEINMAN, A.; DAS, V.; LOCK, M. **Social Suffering**. Berkeley: University of California Press, 1997.

KOZINETS, R. **Netnography**: Doing Ethnographic Research Online. London: Sage, 2010.

LEMOS, F. A representação social da masculinidade na religiosidade contemporânea. **Revista do Grupo de Estudos de Gênero e Religião** Mandrágora/NETMAL. v. 1, p. 7-17, 2009. Disponível em: http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/dr/article/view/10736/6007. Acesso em 21/11/2014.

MACHIN, R.; COUTO, M. T.; SILVA, G. S. N.; SCHRAIBER, L. B.; GOMES, R.; SANTOS, F. W.; VALENÇA, O. A.; PINHEIRO, T. F. Concepções de gênero, masculinidade e cuidados em saúde: estudo com profissionais de saúde da atenção primária. **Ciência e saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 11, p. 4503-4512, 2011.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MEIRA, V. P. **Sexualidade Plena**. 2ª ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

MOORE, H. "Understanding sex and gender", in Tim Ingold (ed.), **Companion Encyclopedia of Anthropology**. London: Routledge, 1997.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MORTON, H. Computer-Mediated Communication in Australian Anthropology and Sociology. **Social Analysis Journal of Cultural and Social Practices**, v. 45, n. 1, p. 3-11, 2001.

NATIVIDADE, M. O combate da castidade: autonomia e exercício da sexualidade entre homens evangélicos com práticas homossexuais. **Debates do NER**. Porto Alegre, ano 8, n. 12, p. 79-106, 2007.

_____. Uma homossexualidade santificada?: Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal. **Religião & Sociedade,** v. 30, p. 90-121, 2010. ISSN 0100-8587.

NATIVIDADE, M.; OLIVEIRA, L. Sexualidades Ameaçadoras: religião e homofobia(s) em discursos evangélicos conservadores. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana;** n. 2, 2009a. Disponível em: < http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/32/445 >.

NATIVIDADE, M.; OLIVEIRA, L. "Nós acolhemos os homossexuais": homofobia pastoral e regulação da sexualidade. **TOMO**, São Cristóvão, n. 14, 2009b.

OLIVEIRA, L. Diversidade sexual, gênero e família: notas sobre o problema da superioridade moral da heterossexualidade. In PASSAMANI, G. **(Contra)Pontos**: ensaios de gênero, sexualidade e diversidade sexual. Campo Grande: Editora UFMS, 2011. [p. 53-65]

PECHENY, M. Identidades Discretas In: RIOS, L.; DE ALMEIDA, V.; PARKER, R.; PIMENTA, C.; TERTO JR., V. **Homossexualidade**: produção cultural, cidadania e saúde. Rio de Janeiro: ABIA, 2004.

PEREIRA, P. P. G. Violência, gênero e cotidiano: o trabalho de Veena Das. **Cadernos Pagu.** Campinas, n. 35, p. 357-369, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-

83332010000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 17/7/2016. http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332010000200012.

PIETRUKOWICS, M. C. L. C. **Apoio social e religião**: **uma forma de enfrentamento dos problemas de saúde**. Dissertação de mestrado. Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro. 2001.

PINHEIRO, T. F.; COUTO, M. T. Homens, masculinidades e saúde: uma reflexão de gênero na perspectiva histórica. **Cadernos de história da ciência**. São Paulo, v. 4, n. 1, 2008.

POLIVANOV, B. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. **Esferas**, ano 2, no 3, 2013.

POLLACK, M. **A gestão de uma identidade indizível. Os homossexuais e a Aids**: sociologia de uma epidemia. São Paulo: Estação Liberdade, 1990.

PUSSETTI, C.; BRAZZABENI, M. Sofrimento social: idiomas da exclusão e políticas do assistencialismo. **Etnográfica,** v. 15, p. 467-478, 2011. ISSN 0873-6561.

REVISTA ADVENTISTA. Divisões não poderão autorizar a ordenação de mulheres ao ministério pastoral. Disponível em: <http://www.revistaadventista.com.br/conferencia-geral-2015/divisoes-nao-poderao-autorizar-a-ordenacao-de-mulheres-ao-ministerio/>. Acesso em 01/08/2016.

ROHDEN, F. Religião e iniciação sexual em jovens de camadas populares. In: HEILBORN, M.L. et al. **Sexualidade, família e ethos religioso**. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2005.

ROCHA, P.; MONTARDO, S. Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura. **E-Compós**, 2005.

RODRIGUES, F. S.; VASCONCELOS, I. S. Migração, gênero e empoderamento das migrantes na pan-amazônia. **Textos & Debates**. Boa vista, n.18, p. 251-268, 2010

RUBIN, G. Thinking sex: notes for a radical theory of politics of sexuality. **Companion Encyclopedia of Antropology**. London: Routledge, 1985.

SÁ, S. O samba em rede – Comunidades virtuais, dinâmicas identitárias e carnaval carioca. Rio de Janeiro: **E-papers**, 2005.

SANTOS, E. S.; MANDARINO, C. M. Juventude e Religião: cenários no âmbito do lazer. **Revista de Estudos da Religião**, v. 3, p. 161-177, 2005.

SANTOS, P. R. Tensões e desafios: LGBTS e o poder público? **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 9, n.2, p. 147-164, 2010.

SANTOS, A. F.; SANTOS FERNANDES, S. C. Enfrentamento, locus de controle e preconceito: um estudo com pessoas de orientação sexual homoafetiva. **Psicologia em revista**, Belo Horizonte, v. 15, n. 3, p. 101-119, 2009.

SCHEROKI, F. **Uma análise da representação social do dízimo entre adventistas do sétimo dia**: **o sagrado e o profano na vida moderna.** Dissertação de mestrado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1998.

SCHRAIBER, L.B.; GOMES, R.; COUTO, M. T. Homens e saúde na pauta da Saúde Coletiva. **Ciência e saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 7-17, 2005.

SCOTT, J. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. Recife: SOS Corpo, 1991.

SILVA, C. G.; SANTOS, A. O.; LICCIARDI, D. C.; PAIVA, V. Religiosidade, juventude e sexualidade: entre a autonomia e a rigidez. **Psicologia em estudo,** Maringá, v. 13, n. 4, p. 683-692, 2008.

SILVA, C. G.; PAIVA, V.; PARKER, R. Juventude religiosa e homossexualidade: desafios para a promoção da saúde e de direitos sexuais. **Interface**, Botucatu, v. 17, n. 44, p. 103-117, 2013.

SPRINGETT, R. M. **O Limite do Prazer**: o que a Bíblia diz sobre a identidade sexual. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

STAFFORD, J. **Do my short-shorts make you feel weird about your masculinity? Good, Im glad**. Disponível em: < https://www.theguardian.com/commentisfree/2015/jun/07/short-shorts-weird-masculinity-good>. Acesso em: 01/08/2016.

VALE DE ALMEIDA, M. **Senhores de Si**: Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade. Lisboa: Fim de Século, 1995.

WEEKS, J. “O corpo e a sexualidade”. In: Guacira Lopes Louro (org.) **O corpo educado- pedagogias das sexualidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2001000200008&lng=en&nrm=iso>. Accesso em 28/10/2014.

WHITE E. G. **Caminho a cristo**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1994.

_____. **O lar adventista**. 14ª ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004a.

_____. **Mensagens aos jovens**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004b.

_____. **Testemunhos sobre conduta sexual, adultério e divórcio**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

WITTSCHIEBE, C. E. **Os dois lados do sexo**: o que você deve saber sobre namoro e sexualidade. 5ª ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

ZAGO, L. F. Caça aos homens disponíveis: corpo, gênero e sexualidade na biossociabilidade gay online. **Sexualid, Salúd y Sociedad**. Rio de Janeiro, n. 13, p. 83-98, 2013a.

_____. “Armários de vidro” e “corpos-sem-cabeça” na biossociabilidade gay online. **Interface**. Botucatu, v. 17, n. 45, p. 419-432, 2013b.

9. ANEXOS

ANEXO 1

TERMO DE RESPONSABILIDADE DO PESQUISADOR

Eu, Josué de Castro Filho, pesquisador responsável pelo projeto de pesquisa: SDA KINSHIP e a resposta à marginalização LGBT na Igreja Adventista do Sétimo Dia – uma etnografia das masculinidades rejeitadas, assumo a responsabilidade de comunicar imediatamente à Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo toda e qualquer complicação ocorrida durante a realização do referido projeto que coloque em risco o voluntário ou bens incluídos neste trabalho de pesquisa.

Responsabilizo-me igualmente, a acompanhar as diligências necessárias à imediata e integral assistência aos voluntários participantes ou à reposição ou restauração de bens eventualmente danificados durante a pesquisa.

São Paulo, ___ de _____ de 20__

_____

Josué de Castro Filho

ANEXO 2

Carta para permissão de uso das informações dos membros do grupo

Dear members of the group. For those who do not know me, my name is Joshua, I'm from Brazil and I am a gay son of an Adventist pastor. For over 4 years I am a member of SDA KINSHIP and it is a pleasure for me to be part of this welcoming community. This year I have the opportunity to continue my studies at the University of São Paulo doing my masters, and I decided to go to the area of sexuality and gender. So I thought of doing an ethnographic study describing how SDA KINSHIP may be an example of a social network that was formed as a reaction in favor of those people who have suffered discrimination in the Adventist church. My focus is to describe how masculinity is demonstrated and is conceived in the men's Facebook group. I thought about making a virtual ethnography using posts of this group, without making any references to the people who wrote the posts, so no one gets exposed, maintaining the confidentiality and secrecy of the group. I talked to Floyd about this study and he gave his permission from the stand point of Kinship and confidentiality. So i hope you guys think about this and say if you agree or not with it. I emphasize that it is a completely anonymous survey and that no one will be exposed. Also I will not do any personal questions to anyone and I'll interfere as little as possible in the continuity of the time line. And if you guys, as a group accept that I use the posts for my survey, please, post as I wasn't there. The study will have a 9 month period of gathering data from the Facebook page and after it's finished, I'll share all the results of the study for everyone in our group.

This will be a study that is in favor of diversity, that condemns prejudice and homophobia and that describes alternative ways of conceiving masculinity in reaction to social suffering.

Thank you all for caring.

Hugs.

Josh

10. CURRÍCULO LATTES

Currículo Lattes

English

Imprimir currículo

Dados gerais Formação Atuação Produções Eventos +

Josué de Castro Filho

Endereço para acessar este CV: http://lattes.cnpq.br/5956897208381728

Última atualização do currículo em 27/02/2015

Possui graduação pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (2010). Atualmente é psicólogo do NASF do Parceiro PSF-UNASP. Tem experiência na área de Saúde Coletiva, com ênfase em Saúde Pública, atuando principalmente nos temas de sexualidade e gênero. **(Texto informado pelo autor)**

Identificação

Nome

Josué de Castro Filho

Nome em citações bibliográficas

CASTRO FILHO, J.

Endereço

Endereço Profissional

Centro Universitário Adventista de São Paulo.
Estrada de Itapecerica 5859
Jd IAE
05858001 - São Paulo, SP - Brasil
Telefone: (011) 21286100
URL da Homepage: www.unasp.edu.br

Formação acadêmica/titulação

2014

Mestrado em andamento em Saúde, Ciclos de Vida e Sociedade.
Centro de Apoio à Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, CEAP/FSP, Brasil.
Título: SDA KINSHIP E A RESPOSTA À MARGINALIZAÇÃO LGBT: UMA ETNOGRAFIA DAS MASCULINIDADES REJEITADAS,Orientador: Rubens de Camargo Ferreira Adorno.
Palavras-chave: masculinidade; genero; sexualidade; religiosidade; saúde pública.
Grande área: Ciências Humanas / Área: Psicologia / Subárea: Psicologia Social / Especialidade: Processos Grupais e de Comunicação.
Grande Área: Ciências Humanas / Área: Antropologia / Subárea: Antropologia Urbana.
Grande Área: Ciências da Saúde / Área: Saúde Coletiva / Subárea: Saúde Pública.

2011 - 2013

Especialização em Saúde Pública e Gestão de UBS em PSF. (Carga Horária: 390h).
Centro Universitário Adventista de São Paulo, UNASP, Brasil.
Título: O FANTASMA MASCULINO DA DISFUNÇÃO ERÉTIL: um desafio para a saúde pública brasileira..
Orientador: Talita Borges Castelão.

2005 - 2010

Graduação.
Centro Universitário Adventista de São Paulo, UNASP, Brasil.
Título: O apego e suas implicações na vida de uma jovem adulta: um estudo de caso.
Orientador: Viviane Galhanone da Cunha di Domenico.

Atuação Profissional

Centro Universitário Adventista de São Paulo, UNASP, Brasil.

Vínculo institucional

2011 - Atual

Currículo Lattes

Rubens de Camargo Ferreira Adorno

Endereço para acessar este CV: http://lattes.cnpq.br/7427719296567082

Última atualização do currículo em 12/07/2016

Professor Associado III na Universidade de São Paulo, possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (1977), Especialização em Saúde Pública pela Faculdade de Saúde Pública da USP, Mestrado em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (1992) Doutorado em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (1992), aprovado como Professor Livre Docente em 1997. Vem atuando nas seguintes linha de pesquisa: Saúde Pública, Ciências Sociais e Sociedade Contemporânea; que procura trazer a contribuição da Pesquisa Social, notadamente da Antropologia e de uma Antropologia Crítica da Saúde, buscando construir um tratamento teórico para as vulnerabilidades contemporâneas; que possam se expressar a partir dos contextos e das subjetividades que se constituem no capitalismo tardio e articulam os contextos globais, nacionais e locais. Tem como campo de pesquisa as mudanças que ocorrem na vida das populações a partir de seus contextos e dos recortes classe social, raça-etnia, geração, gênero e sexualidades e curso de vida, assim como as questões que envolvem as biopolíticas e biolegitimidades e políticas da vida a partir dos territórios de exclusão e as populações em situação de rua. Nos últimos anos vem desenvolvendo projetos de pesquisa na linha temática: ? Exclusão social e tecnologias de cidadania em sociedades contemporâneas: a questão das drogas e sociedade ?, que procura interpretar as interfaces entre as políticas públicas e as chamadas ?margens da sociedade?, tendo especificamente o tema das drogas ilícitas e entre elas o crack, como uma questão central. **(Texto informado pelo autor)**

Identificação

Nome

Rubens de Camargo Ferreira Adorno

Nome em citações bibliográficas

ADORNO, R. C. F.;Adorno, Rubens de Camargo Ferreira;ADORNO, RUBENS CAMARGO FERREIRA

Endereço

Endereço Profissional

Universidade de São Paulo, Faculdade de Saúde Pública